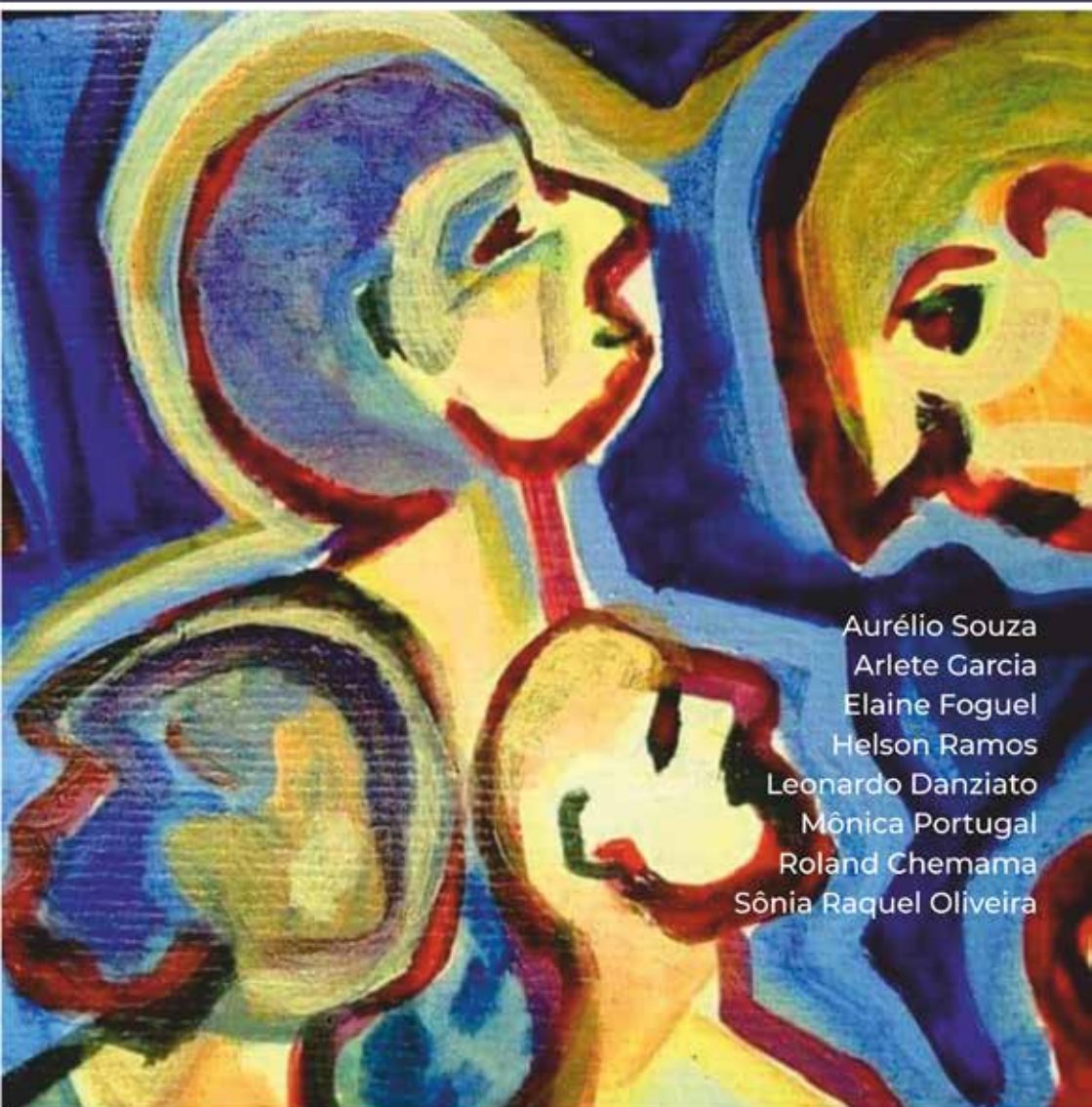


FORMAÇÃO DO ANALISTA:

PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO



Aurélio Souza
Arlete Garcia
Elaine Foguel
Helson Ramos
Leonardo Danziato
Mônica Portugal
Roland Chemama
Sônia Raquel Oliveira

Sônia Raquel Oliveira
Organizadora





Sônia Raquel Oliveira
Organizadora

FORMAÇÃO DO ANALISTA:

PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO

Aurélio Souza
Arlete Garcia
Elaine Foguel
Helson Ramos
Leonardo Danziato
Mônica Portugal
Roland Chemama
Sônia Raquel Oliveira

APOIO:

ESPAÇO

MOEBIUS
PSICANÁLISE


pinaúna®
PSICANÁLISE





© 2022 by Espaço Moebius Psicanálise

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem a expressa autorização.

Imagem da Capa:

reprodução da tela da artista Telma Falck

Capa e Projeto Gráfico:

Lucas Kalil (a partir de imagem da obra de Telma Falck)

Diagramação: Lucas Kalil

Coordenação Editorial:

Sônia Raquel da Conceição Oliveira

Leila Pinto

Produção Editorial: Carolina Dantas

Revisão Ortográfica: Luana Souza

Direitos desta edição reservados à Pinaúna Ideias Integradas Ltda.

(71) 98680-1048 | www.pinaunaeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F724 Formação do analista: precisamos falar sobre isso / organizado por Sonia Raquel Oliveira ; ilustrado por Telma Falck. - Salvador : Pinaúna Editora, 2022.

122 p. : il. : PDF.

Inclui índice.

ISBN: 978-65-86319-59-0 (Ebook)

1. Psicanálise. 2. Analista - Formação. 3. Psicoterapia. I. Oliveira, Sonia Raquel. II. Falck, Telma. III. Título.

2022-3728

CDD 150.195

CDU 159.964.2

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195
2. Psicanálise 159.964.2



APRESENTAÇÃO

Sônia Raquel da Conceição Oliveira¹
Leila Pinto²

Lacan dizia que para ser psicanalista era necessário ser muito fissurado por Freud e principalmente acreditar nessa coisa absolutamente louca que se chama inconsciente. E se não houvesse entusiasmo, não haveria nem cheiro de psicanalista. Nesse sentido, é com muito entusiasmo que apresentamos a edição do livro **FORMAÇÃO DO ANALISTA**, que reúne trabalhos apresentados no evento **FORMAÇÃO DO ANALISTA**: precisamos falar sobre isso.

Esse projeto nasceu do desejo de convocar colegas psicanalistas para falarem em seu próprio nome sobre o tema, considerando o momento que estamos vivendo no Brasil com a regulamentação pelo Ministério da Educação (MEC) do curso “Formação em Psicanálise”, a ser desenvolvido em faculdades particulares. O fato gerou protesto de psicanalistas e de instituições psicanalíticas do Brasil e de outros países, e nos convoca a refletir sobre o que Freud e Lacan teorizaram sobre o tema, se referindo também aos embustes e aos falsos analistas de sua época.

¹ Psicóloga, Psicanalista, Membro do Espaço Moebius

² Psicóloga, Psicanalista, Dra. em Teoria e Crítica da Literatura e da Cultura

Diante dos impasses, a nossa proposta é que cada psicanalista possa responder com trabalho, já que somos trabalhadores decididos e entusiasmados com a psicanálise e pela psicanálise, seguindo a recomendação de Lacan. Com esse intuito, os(as) psicanalistas convidados(as) tomaram a palavra em encontros *on-line* que aconteceram de abril a agosto de 2022. Atenderam o nosso convite os(as) psicanalistas Arlete Garcia (RJ), Aurelio Souza (BA), Elaine Foguel (BA), Leonardo Danziato (CE), Monica Portugal (CE), Roland Chemama (FR), Sônia Raquel Oliveira (BA) e Urania Tourinho (BA), contando com a psicanalista Bruna Gusmão (BA), como debatedora. A interlocução com os presentes foi muito rica e decidimos, juntos, publicar essas produções com o objetivo de dar maior visibilidade ao tema, compartilhando com a polis nossas ideias, cada qual com seu percurso e estilo.

Concordamos que o psicanalista não se forma na universidade, por meio da aquisição de diplomas ou da emissão de uma carteira de trabalho. E é essa lógica que norteia esta publicação. Concordamos também com Lacan, quando ele diz que é a qualidade da psicanálise que

define a qualidade do psicanalista, nos convocando a pensar a relação entre a formação do analista, a instituição e o que ele chama a psicanálise no mundo.

Sabemos que o saber da psicanálise está comprometido com o inconsciente, como um saber que não se sabe, possível de se inscrever ao longo do percurso analítico. É assim que a transmissão da psicanálise articula a experiência particular de um sujeito ao universal da teoria. Sem perder de vista que o mais particular do sujeito diz respeito ao Real, que não cessa de não se escrever. Ao não recuar frente ao Real, o psicanalista pode transmitir algo de sua experiência com o estilo que lhe é próprio.

Etimologicamente, estilo é a vara aguçada para escrever na argila ou o estilete que marca o papel, sendo também o lugar da rasura e da imperfeição no texto escrito. O estilo é aquilo que se escreve a partir da prática da letra, é o modo particular que indica como um sujeito opera com o objeto. Um ponto de interface entre a psicanálise e a arte, enquanto campos que permitem a criação a partir do vazio da existência.

O aparecimento dos textos obedece à ordem cronológica da realização

dos encontros *on-line*. Alguns preferiram publicar o texto lido nos encontros sem modificações ou regras acadêmicas. Urania Tourinho nos prestigiou com sua apresentação oral, mas não pode participar da publicação devido a outros compromissos. Bruna Gusmão fez função de comentarista na apresentação de Sônia Raquel Oliveira, trazendo questões pertinentes sobre a formação do analista, autorização, internet e redes sociais. Sentimos sua falta nesta publicação, porém sabemos que suas questões estão aqui registradas. Buscamos acatar a escolha de cada autor(a), agradecendo àqueles(as) que se juntaram a nós para falar, escrever, reescrever, publicar sobre a **FORMAÇÃO DO ANALISTA**, na certeza que precisamos sempre e mais falar sobre isso. Advertidos que nunca poderemos falar tudo, tendo o Real como impossível, importa saber fazer com o impossível na psicanálise em intensão e em extensão.

O texto de abertura é de autoria de Sônia Raquel da Conceição Oliveira, psicanalista responsável pela concepção e coordenação do projeto “Formação do Analista: precisamos falar sobre isso”. A autora realiza uma pesquisa cuidadosa, percorrendo os textos

de Freud e Lacan para escrever sobre “A formação e a produção do analista”. Salientando os alicerces propostos por Freud para essa formação, Sônia retoma a criação da primeira instituição psicanalítica e a luta de Freud em defesa da Psicanálise e contra os “falsos analistas.” Através da sua leitura podemos acompanhar os diversos momentos da teorização de Lacan sobre o tema, desde o texto “Situação da psicanálise e formação do psicanalista”, escrito em 1956, até o seminário 24 – “L’insu que sait de l’une-bevue s’aile a mourre” – escrito em 1978.

Mônica Portugal no texto “A Formação do analista, um sintoma da psicanálise”, chama a atenção para a profissionalização da psicanálise, com a criação de cursos de graduação e sua apropriação pelo discurso religioso. Para a autora, esse tipo de apropriação nega a psicanálise, assemelhando-se à negação da castração perpetrada pelo perverso.

O texto de Helson Ramos nomeado “Formação em DesMestria” traz importantes reflexões sobre o texto de Freud “Psicologia das Massas” e sobre a teoria dos discursos em Lacan. O autor enfatiza a diferença entre o discurso do analista e o discurso do mestre, propondo

– a partir de uma invenção linguageira – que a formação do analista, ao contrário do discurso universitário, se efetua como uma “Formação em DesMestria”.

Considerando a instalação do discurso neoliberal na contemporaneidade, Leonardo Danziato em seu texto “As formações do Mercado” propõe uma discussão acerca da formação do analista, assim como as consequências discursivas, políticas e mercadológicas da instalação de outra relação entre o saber e a verdade, estabelecendo uma diferença entre formação do analista e formações do mercado.

Arlete Garcia em seu texto “Saber inconsciente: o que é exigível para sustenta-lo?” aborda os fundamentos que tornam a prática analítica distinta do campo das profissionalizações. Para isso, contrapõe o discurso analítico às tentativas de regulamentação da psicanálise como profissão e como psicoterapia. Salienta que o estatuto do saber introduzido pelo inconsciente produz um novo discurso e que isso não se aprende e nem se ensina, isso passa, fazendo alusão ao dispositivo do Passe e ao funcionamento da Escola propostos por Lacan.

Considerado um dos precursores da transmissão da psicanálise

na Bahia, Aurélio Souza escreve sobre “Formação do analista e formações do inconsciente” a partir da leitura rigorosa dos textos de Lacan e sua longa experiência como psicanalista. Discorrendo sobre o final de análise e a passagem analisante-analista, Aurélio propõe utilizar o temo produção do analista no lugar de formação do analista. Com uma visão muito singular sobre a prática analítica, Aurélio apresenta uma escritura nova para a cadeia borromeana – RSI – colocando o sujeito no coração da cadeia, marcando sua responsabilidade como artesão no saber fazer diante do Real.

Roland Chemama articula a formação com a tradicional seriedade atribuída aos analistas, a qual contrapõe à possibilidade de situar a interpretação analítica no campo do equívoco, que comporta o lúdico, mas não o sentido. Ele reflete sobre a questão do passe como experiência de respeito à alteridade e de valorização do diálogo. Esta edição conta com a versão original do texto de Chemama, em francês, escrito pelo psicanalista especialmente para esta publicação. Conta também com a transcrição da tradução da sua fala, tal como foi pronunciada no encontro *on-line*.

Elaine Foguel defende a importância fundamental da instituição de psicanálise no seu texto “Formação do analista: não sem a instituição”. Entre as referências bibliográficas utilizadas, Elaine dedica-se de forma rigorosa ao texto “A Proposição”, escrito por Lacan em 9 de outubro de 1967. Para a autora, trata-se de um documento vivo que a partir do rigor ético defende pontos irredutíveis, condições essenciais para que uma instituição lacaniana seja assim denominada.

Desejamos que a leitura dos textos seja enriquecedora, agradável e produtiva como foram os nossos encontros on-line, quando a fala de cada apresentador(a) ecoou nas observações e nas questões dos presentes. Que o clima continue sendo de muita troca e alegria, marcas do nosso “divertimento sério” com a psicanálise.

FORMAÇÃO DO ANALISTA:

Precisamos falar sobre isso

Abertura: 9 de abril de 2022

TÍTULO: FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DO ANALISTA EM FREUD E LACAN



Com
Sônia Raquel Oliveira
Membro do Espaço
Moebius/Bahia



Comentários
Bruna Gusmão
Participante do
Espaço Moebius/Bahia

7 de maio



Mônica Portugal
Membro do Espaço
Moebius/ Bahia



Helson Ramos
Psicanalista
Bahia

4 de junho



Leonardo Danziato
Psicanalista
Ceará



Arlete Garcia
Membro da Escola
Letra Freudiana
Rio de Janeiro

9 de julho



Aurélio Souza
Membro do Espaço
Moebius/Bahia



Roland Chemama
Membro d' ALI
Association Lacanienne
Internationale/Paris

6 de agosto



Elaine Foguel
Membro do Espaço
Moebius/Bahia e da
APPOA/ RS



Urânia Tourinho Peres
Fundadora do Colégio
de Psicanálise/Bahia

Cartaz do evento on line **FORMAÇÃO DO ANALISTA: precisamos falar sobre isso** que aconteceu nos meses de abril a agosto 2022



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Espaço Moebius Psicanálise pelo valioso apoio.

À Bruna Gusmão, pelo dedicado trabalho e parceria na organização do evento “Formação do Analista: precisamos falar sobre isso”.

Aos psicanalistas que aceitaram o desafio dessa publicação, prova do posicionamento de cada um em defesa da Psicanálise e seus fundamentos segundo Freud e Lacan.

À psicanalista Leila Pinto, que comigo compôs a comissão editorial.

Ao final, com amor, agradeço a Fabiano, Pablo, Rodrigo, Lara, Tauã, Luisa, Júlia e Ian





SUMÁRIO

Formação e Produção do Analista em Freud e Lacan, Sônia Raquel Conceição Oliveira.....	15
A Formação do Analista: um sintoma da psicanálise Mônica Portugal.....	35
Uma Formação em Desmestria, Helson Ramos....	49
As Formações do Mercado, Leonardo Danziato ...	63
Saber Inconsciente: o que é exigível para suatenta-lo? Arlete Garcia	77
A Produção do Analista e as Formações do Inconsciente, Aurélio Souza	85
Formation de L'Analyste, Formations de L'Inconscient, Roland Chemama.....	97
Formação do Analista, Formações do Inconsciente, Roland Chemama.....	105
Formação do Analista, Não Sem a Instituição, Elaine Starosta Foguel.....	113



FORMAÇÃO E PRODUÇÃO DO ANALISTA EM FREUD E LACAN

Sônia Raquel da Conceição Oliveira
Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise

O trabalho que nomeei como Formação e Produção do analista em Freud e Lacan é fruto de uma pesquisa, ou um recorte muito singular dos textos desses psicanalistas sobre o tema, complementado com reflexões fundamentadas em meu percurso de formação a partir da minha análise pessoal, meus estudos teóricos e minha prática como psicanalista.

Começo com Freud, na conferência XXXIV - Explicações, Aplicações e Orientações, de 1933, na qual ele nos faz advertências e, ao mesmo tempo, nos convoca para a luta. Para Freud (1993, p. 169-170), “Não se deve esperar ouvir a boa notícia que a LUTA CONTRA A PSICANÁLISE TERMINOU ou que ela deixou de ser usada por verdadeiros falsários”. O psicanalista começou cedo essa luta e durante toda vida teve que lidar, segundo seus escritos, com as críticas e a indiferença do meio médico de sua época, com julgamentos desdenhosos, difamatórios e, no mínimo, jocosos sobre a psicanálise.

No entanto, a luta maior que Freud travou foi dentro da instituição que ele mesmo criou. Em 1902, ele conta que jovens médicos, mas também artistas, escritores, pintores e intelectuais começaram a se reunir em

torno dele para aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. Esses encontros ficaram conhecidos como Sociedade psicológica das quartas feiras e duraram pouco. Freud se afastou do grupo muito frustrado, porque “não conseguiu estabelecer entre seus membros relações amistosas, evitar competição, interesses de ordem pessoal principalmente nas atividades ligadas ao ensino da prática psicanalítica” (FREUD, 1914, p. 37).

Em 1907, Freud criou a IPA - Associação Psicanalítica Internacional com os seguintes objetivos: 1. proteção contra os falsários - a associação deveria declarar o que é e o que não é psicanálise; 2. ensino da teoria e da prática, como uma “formação especial” para aprender a “nova arte” e com ela trabalhar; 3. ser um lugar de apoio mútuo e troca de ideias entre os psicanalistas que faziam congressos, escreviam e publicavam periódicos.

Não demorou em surgirem problemas com deserções, conflitos e discordâncias. Freud assegura que, depois de tanto autodomínio evitando ofensas para não dar aos inimigos o espetáculo que tanto desejavam: “os psicanalistas se digladiando entre si”, resolveu deixar de ficar

calado por covardia ou indolência e se posicionar: primeiro, assumir e se declarar criador da psicanálise; segundo, declarar seus pilares: inconsciente/ recalque/ sexualidade infantil- pulsão/ transferência e a interpretação dos sonhos como técnica. Para ele, só podia chamar-se psicanálise o método que reconhecesse essas premissas. Afirma que “cada um tem o direito de pensar e escrever o que quiser, mas não tem o direito de apresentá-lo como uma coisa que não é” (FREUD, 1914, p. 75).

Nessa época, Freud criticou alguns colegas de forma radical, dizendo que a terapia que dá ênfase aos conflitos do presente, dá conselhos, usa a meditação religiosa, busca a causa das neuroses exclusivamente nos motivos atuais, repudia a importância da sexualidade e da transferência, não é psicanálise. O psicanalista (1914, p. 176) assegura que “essas tolices nada tem a ver com psicanálise, isso pode ser uma escola de sabedoria, porém já não é mais psicanálise”.

Falando sobre psicanálise pela primeira vez na Universidade de Viena, Freud (1916) afirmou que a psicanálise é a ciência do inconsciente, ela se ocupa do refugio do mundo dos fenômenos,

sonhos, atos falhos, chistes, ideias sem sentido, medos desnecessários e inconvenientes. É um método de tratamento do sofrimento psíquico, árduo, longo e de grande responsabilidade. Muito modesto, ele não emprega medicamentos nem instrumentos, apenas um intercâmbio de palavras entre o analisante e o analista.

Exige sacrifício do lado do analisante, falar tudo que lhe vem à cabeça em associação livre com a menor censura possível, falar do que não deseja falar, do que não quer lembrar, do que causa dor, vergonha, horror, do que deseja esquecer. Do lado do analista, só a escuta sem anotar nem selecionar nada, sem censurar, julgar, sem colocar em causa suas próprias ideias, crenças ou inclinações. E deve suportar escutar o que não quer escutar, trabalhar suas próprias resistências, porque, segundo Freud, nenhum psicanalista avança além do quanto permitem suas resistências internas, ressaltando a resistência do analisante e também do analista.

Questionando o conceito de doença em relação ao discurso médico e psiquiátrico, Freud afirma que a psicanálise não promete cura e reconhece a função de proteção e defesa dos sintomas, recomendando aos

analistas paciência e prudência, desaprovando o ímpeto dos jovens analistas para curar em poucas sessões e a sugestão educativa. Explica que um sintoma pode ser a melhor forma de apaziguar um conflito, às vezes, a forma mais inócua, conveniente e socialmente aceita. No *Mal-Estar na Civilização* (1929), diz que “um sintoma pode ser o mais suave resultado possível perante o sofrimento diante das MISÉRIAS INEVITÁVEIS DO MUNDO”. Por isso, defende que o objetivo da análise não é fazer desaparecer sintoma, importante é o analisante recuperar sua capacidade de levar uma vida ativa, trabalhar e desfrutar prazer, se divertir. Em outro momento, ele fala em desfrutar do “gozo do amor” na vida real.

Voltando à conferência 1, Freud (1916, p. 28) afirma que as maiores dificuldades estão vinculadas ao ensino e à formação em psicanálise, porque sua prática não pode ser observada nem demonstrada, é da ordem do privado, só pode ser aplicada um a um e nunca a um auditório inteiro. E se pergunta: *como pode alguém aprender psicanálise?* Responde que não se aprende psicanálise em cursos ou seminários, mas, em si mesmo, passando pela experiência com um analista mais experiente,



em transferência, trabalhando seus próprios sonhos, vivenciando os efeitos do inconsciente em si mesmo.

No texto *A Questão da Análise* Leiga, escrito, em 1926, essa pergunta insiste: *como e onde aprender o que é necessário para praticar a psicanálise?* Vejam que ele não fala mais em estudar, aprender, mas PRATICAR. Responde que a questão não é se o analista possui um diploma, mas se ele recebeu a “formação especial” necessária para praticar a psicanálise. Essa formação não seria dada nas universidades, mas nas instituições de Psicanálise, nos INSTITUTOS de formação, em que o aprendiz da ARTE DE ANALISAR teria que conjugar 3 partes de um tripé: ANÁLISE PESSOAL, ESTUDOS TEÓRICOS e SUPERVISÃO da prática de casos brandos com analistas mais experientes (FREUD, 1926, p 258). Ele adverte que a preparação não é fácil nem simples, o manejo da transferência é a parte mais difícil, exige abstinência, prudência e coragem podendo causar benefícios ou tragédias.

Em Lacan, começo pelo texto *SITUAÇÃO DA PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DO PSICANALISTA*, escrito em 1956. Aqui, o psicanalista fala da relação entre a formação do analista e a instituição e sobre o que

ele chama a psicanálise no mundo. Faz sérias críticas a IPA - Associação Internacional de Psicanálise - da qual fazia parte como analista didata, usando a palavra embuste que pode significar mentira, logro, FRAUDE, artifício com má fé para enganar alguém. Trata-se de um texto muito atual, porque nos serve para entender o embuste que podem ser as ofertas de cursos nas faculdades particulares - autorizados pelo MEC - que se propõem a formar analistas através de um diploma, alguns em 4 meses, habilitados para exercer a “profissão de psicanalista” com carteirinha e tudo.

Lacan (1978, p. 191) começa definindo a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista e diz que é a qualidade da psicanálise que define a qualidade do psicanalista. Para isso, é preciso dar conta da formação dada e da situação da psicanálise no mundo. Chama atenção para os conceitos deixados por Freud como transferência, resistência, fala, significante, discurso do sujeito e sua escuta e demonstra os impasses da instituição de psicanálise criada por Freud para garantir sua herança teórica e defender a psicanálise dos falsários.

Afirma ainda que os psicanalistas não viram o que Freud fez de 1897 a 1914, das cartas a Fliess até o texto do Homem dos Lobos, quando estabeleceu os domínios do imaginário e do real nos mecanismos do inconsciente para marcar a determinação simbólica em que a função imaginária se subordina. Lacan observa que, quando Freud insiste que as análises sejam levadas ao nó do Édipo, ele visa assegurar o imaginário em sua concatenação simbólica, pois a ordem simbólica se impõe, exigindo 3 termos pelo menos. Segundo Lacan (1978, p. 199),

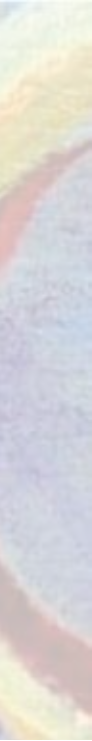
O homem é desde antes do seu nascimento e para além de sua morte preso na cadeia simbólica, a qual se fundou a linhagem antes que aí se bordasse a história. Essa ordem lógica deve ser sempre atual, porque essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a própria noção do INCONSCIENTE.

No entanto, em sua opinião, os psicanalistas da IPA teimam em fazer do imaginário outro real, com consequências para a formação do psicanalista baseada no imaginário, na relação dual, não só no modelo da análise chamada didática como nas relações de poder, hierarquia

e autoridade entre os membros da instituição e na transmissão da psicanálise. A crítica maior se referia ao modelo da análise didática (análise com fins de ensino e formação) com analistas que viraram chefes, mestres, numa relação dual, imaginária, transferência marcada pela “servidão transferencial” e pelo final de análise como identificação ao eu do analista. Para Lacan, esse modelo determinava uma traição à doutrina freudiana, com consequência para a formação dos analistas e para a própria psicanálise.

Ele denuncia que o ensino se dava na IPA num modelo do magistério e da autoridade, seguindo em direção ao psicologismo e ao behaviorismo (“tendência atual que Freud denunciou como a mais contrária à Psicanálise”), onde não existia discussão das idéias diferentes e o respeito às singularidades. Ao contrário, o ensino baseava-se na noção de classe, colocando alguns no lugar do saber e das suficiências, onde reinava o monólogo sustentado pelo silêncio dos outros. Segundo Lacan, esse ensino só promovia o analfabetismo e a desintelectualização.

Acusa a IPA de se orgulhar do objetivo de PRODUZIR 100 psicanalistas por ano,



reproduzindo a passagem da quantidade à qualidade que Marx denunciou, como se fosse uma linha de produção para produzir psicanalistas em série. Afirma que essa promessa de sucesso da profissão analítica atrai adeptos incultos e “produz” psicanalistas medíocres. Lacan lembra que

a IPA foi fundada 10 anos antes do escrito sobre análise do eu e psicologia das massas quando Freud teorizou a respeito das instituições da igreja e do exército fazendo uma descoberta fundamental da identificação do eu de cada indivíduo a uma mesma imagem ideal da qual a personalidade do chefe sustenta a miragem. Descoberta sensacional, por antecipar as organizações fascistas que a tornaram patente. (LACAN, 1978, p. 206)

Lacan lembra que Freud desejou uma instituição que se sustentasse em tradições simbólicas, trabalho, tradição, disciplina, herança, a relação do homem com a linguagem e com a fala. Adverte que, ao contrário, esse funcionamento baseado no imaginário e na identificação narcisista só desperta ciúme fraternal, competição, um tipo de poder que se satisfaz no oprimido. A consequência é uma tensão

hostil na relação de indivíduo a indivíduo dentro da instituição e, assim, o sentimento que soldará mais fortemente o grupo será o ódio, o narcisismo das pequenas diferenças e o terror conformista, a sujeição coletiva de cães fieis e homes tirânicos, no modelo do nazismo. Ao final, Lacan faz um convite ao retorno da letra da doutrina de Freud, a fim de manter a comunidade analítica ainda em um corpo.

O futuro dessas críticas foi a expulsão da IPA, o que Lacan chamou a excomunhão, no modelo das igrejas e da religião, com a proscricção do seu ensino, que jamais poderia voltar-se para a formação de psicanalistas. Ele fala sobre o assunto no seminário 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise - quando reforça o que escreveu no artigo de 1957, propondo novo modelo de formação do psicanalista “a partir de algo que lhe é interior - os fundamentos da psicanálise e sua prática”.

Nessa época, já estava sofrendo influência do estruturalismo e da linguística, enfatizando o que chama linguisteria, a partir da noção de cadeia significante, Sujeito e Outro, Desejo, Inconsciente estruturado como uma linguagem, introduzindo

as ideias sobre o desejo do analista, transferência, início de análise (sujeito suposto saber) e final de análise (dissolução da transferência, travessia da fantasia), mudando radicalmente a ideia do final de análise como identificação ao eu do analista, com repercussões fundamentais na formação do analista.

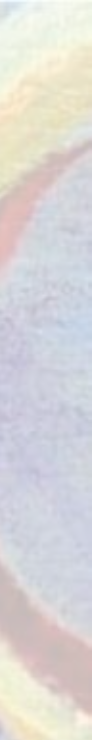
Ainda no seminário 11 (1964, p. 218), declara: “o fim do meu ensino tem sido, e permanece, o de formar analistas”. Afirma que a instituição é um lugar para o psicanalista saber do que se trata. Lacan esclarece que, em sua instituição, seu ensino era dirigido para a formação do psicanalista, introduzindo a questão o que é a Psicanálise e os fundamentos que a funda como práxis. O que é práxis? Responde: “É tratar o Real pelo Simbólico. Nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do Real” (1964, p. 10).

Nesse texto, Lacan enfatiza que “A formação do analista exige que ele saiba no processo em que conduz seu paciente em torno do que o movimento gira, esse ponto pivô é o Desejo do Psicanalista” (1964 p. 219). Desde que haja sujeito suposto saber, há transferência, o sujeito

suposto saber é o eixo a partir do qual se articula tudo que acontece com a transferência, o analista ocupa esse lugar no que ele é o objeto da transferência. É claro que do saber suposto o analista nada sabe. Isso não autoriza o psicanalista de modo algum a se dar por satisfeito com saber que nada sabe, pois do que se trata é do que ele tem que saber.

Lacan ressalta que o desejo do analista não pode ser deixado de fora da questão pela razão que o problema da formação do analista o coloca indicando a relação da formação com a liquidação da transferência ou mais precisamente o final da análise. Explica que “há um mais além para essa identificação e esse mais além se define pela relação e pela distância do objeto a minúsculo e o I maiúsculo que ele o analista é chamado pelo analisante a encarnar. Assim, a mola da operação analítica é a manutenção da distância entre **I** e o **a**” (LACAN, 1964, p. 258).

É na medida em que o desejo do analista, que resta um x, tende para um sentido exatamente contrário a identificação que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência da alienação a separação. É dessa



idealização colocada como I no início da análise (sujeito suposto saber) que o analista tem que tombar para ser o suporte do “a” separador na medida em que seu desejo lhe permite. Essa travessia do plano da identificação é o que se define como operação do final de análise. A EXPERIÊNCIA DO SUJEITO é assim reconduzida ao plano onde pode se presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão.

Nessa época, Lacan (2003, p. 244) funda sua própria instituição como Escola, “lugar de refúgio ou bases de operação contra o mal-estar da Psicanálise”, propondo “tratar de estruturas asseguradas na psicanálise e de garantir sua efetivação nos psicanalistas” (LACAN, 2003, p. 248). Ele explica que não se trata de garantir que alguém é ou não é analista, mas garantir a relação do analista com a formação que a Escola dispensa. No discurso de Fundação da Escola Freudiana de Paris, Lacan descreve a Escola como:

um organismo onde deve cumprir-se um *trabalho* - que no campo aberto por Freud restaure a lâmina cortante de sua verdade; que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise ao dever que

lhe compete em nosso mundo; que por uma crítica assídua, denuncie os desvios e concessões que amortece seu progresso, degradando seu emprego (LACAN, 2003, p. 235).

Esclarece que esse objetivo de trabalho é indissociável de uma formação a ser dispensada nesse movimento de reconquista. Apesar de questionar radicalmente o modelo de formação da IPA ancorado no ensino “acadêmico”, nos graus e na análise didática Lacan repete esse modelo com a criação dos sete títulos e dos graus de Analista membro da Escola e A.E analista da Escola. Em 1980, em sua carta de Dissolução da Escola, ele afirma que fracassou ao não produzir A. E a altura, onde fez menos Escola do que cola. Em 1973, no texto sobre a experiência do Passe, Lacan se mostra bastante decepcionado com os questionamentos sobre seu lugar de autoridade ou de mestre e tenta demonstrar como o dispositivo do Passe foi uma tentativa de não repetir os erros da IPA.

Lacan afirma que o dispositivo do Passe promove uma experiência absolutamente diferente do discurso do mestre ou do magister oferecendo um modelo novo para a entrada dos analistas como membros da Escola. Por isso,

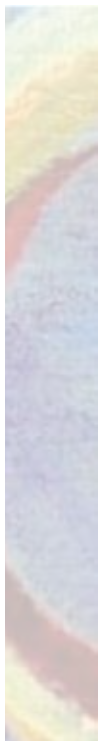
ele ressalta que nunca falou de formação analítica - no modelo da análise didática da IPA - mas em formações do inconsciente. Insiste que não há formação analítica nem uma teoria da formação, porque “da análise tira-se uma experiência, que se qualifica erroneamente como didática. A Experiência não é didática”, já afirmou Lacan (1995, p. 57) “Uma análise implica na produção de um saber que está ali antes que o saibamos, porque é da ordem do INCONSCIENTE. E o sujeito pode aprender aí porque truque isso se produziu. Ele não aprendeu o que o analista pensa disso, mas isso se desvendou a ele. Isso é bem diferente de aprender” (LACAN, 1995, p. 58). Mas, Lacan persevera chamando os que queriam seguir com ele para dar a partida à Causa Freudiana, “um Campo onde cada um terá a liberdade de demonstrar o que faz com o saber que a experiência decanta” (LACAN, 1995, p. 51).

Tentando resolver o problema da hierarquia, graus e das colas, Lacan propõe o CARTEL como forma de entrada e transmissão – uma organização circular sem chefia nem cargo de direção que funciona de forma horizontal e não vertical, onde o não – todo saber circula entre os membros

igualmente. Um estudo em grupo, mas garantindo a singularidade e a responsabilidade de cada um na tarefa que deverá se transformar num texto escrito, apresentado na jornada de cartéis para que sirva como testemunho da experiência, devendo se dissolver a cada 2 anos para evitar efeito de cola. Esclarece que o ensino da psicanálise só pode ser transmitido de um sujeito a outro através de uma transferência de trabalho e que os seminários nada fundarão caso não reenviem a essa transferência.

Em 1967, Lacan anuncia uma proposição revolucionária falando sobre o psicanalista da escola: Primeiro, um princípio: “o analista não se autoriza senão dele mesmo”; segundo “isso não exclui que a Escola garanta que um analista depende de sua formação. Ela pode fazê-lo, por sua própria iniciativa”. Terceiro “o analista pode querer essa garantia, o que, por conseguinte, só faz ir mais além: tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista da própria experiência” (LACAN, 2003, p. 248).

Defende que a Escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela ministra, e deve fazê-lo, mas esclarece



que a Escola não dá com isso nem autorização nem interdição de exercer a psicanálise, **a autorização é da inteira responsabilidade do analista**, ou seja, Lacan localiza a formação como função da instituição e a autorização sob responsabilidade de cada um.

Nesse momento, ele inova o conceito de formação e instituição quando propõe a junção da psicanálise em Extensão – função da escola na medida em que ela presentifica a psicanálise no mundo - e a psicanálise em Intensão (análise estrita) para preparar operadores. Lacan já está se aproximando da matemática e da topologia e usa o objeto topológico do Oito Interior para falar do final de análise e da formação do analista ilustrando o imbricamento lógico da Intenção e da Extensão. No texto Nota Italiana (2003 p. 312), Lacan retoma a ideia da autorização para dizer:

O analista só se autoriza por ele mesmo, isso é óbvio. Pouco importa uma garantia que minha escola lhe dê, não é com isso que ele opera...o que tem que cuidar é que autorizando-se por si mesmo não haja senão analista(...). Autorizar-se não é auto-ri(tuali)zar-se, pois afirmei, por outro lado, que é do não-todo que provém o analista- do Real.

Nas Jornadas sobre a Experiência do Passe, 1978, Lacan coloca duas perguntas/enigma: 1. “*o que pode passar pela cabeça de alguém para ele autorizar-se a ser analista?*” (1978, p.63). Ele afirma que o dispositivo do passe foi proposto a fim de obter testemunho disso, mas não conseguiu. Em suas palavras, “é um fracasso completo esse passe... mas é preciso dizer que para se constituir como analista é necessário ser muito fissurado por Freud e principalmente acreditar nessa coisa absolutamente louca que se chama inconsciente e que eu traduzi por sujeito suposto saber” (LACAN, 1978, p. 63).

Enigma dois: “*O que faz com que alguém se torne psicanalista depois de ter sido analisante?*”. Tendo passado pelo horror da análise deseje ser um rebotalho da humanidade, se fazer semblante de a - para outro, objeto dejetivo, a ser jogado fora no final da operação? E, se não tiver entusiasmo, nem cheiro de analista. Lacan afirma que apostou na transmissão da psicanálise, mas concluiu que estava buscando o impossível. De acordo com o psicanalista, “tal como chego a pensar hoje a psicanálise é intransmissível. isso é bem desagradável. É desagradável que cada analista seja forçado a

reinventar a psicanálise a partir do que ele tirou do fato de ter sido um tempo analisante, inventar a maneira pela qual a psicanálise pode perdurar” (LACAN, 1978, p. 66).

Sobre a produção do analista, segunda parte do título do meu trabalho, encontrei algumas referências na obra de Lacan. Primeiro, no texto dos escritos, em que ele faz uma crítica a IPA, dizendo que o modelo da formação dada *produzia* 100 psicanalistas por ano, como uma fábrica num modelo capitalista, na qual a quantidade se sobrepõe à qualidade. No entanto, o texto mais esclarecedor para mim está no Seminário 15 - O ato analítico - quando ele teoriza o analista como uma função, um lugar e articula a formação do analista com o ato analítico e o final de análise. Nesta obra também, ele fala em tornar-se analista como uma passagem, um salto.

Nesse seminário, Lacan (1967-1968, p. 137) vai dizer que **o analista é uma produção do analisante**. “O psicanalisando é um trabalhador. Como sujeito, no ato analítico, o que é que essa tarefa psicanalisante produz? O objeto ‘a’. Esse objeto ‘a’ em questão, já dissemos, é o psicanalista”. “O psicanalista é

uma produção do analisante, se não houvesse psicanalisando não haveria psicanalista” (1967-1968, p. 138). Lacan esclarece que “o psicanalista não é todo objeto a, ele opera como objeto (a), como semblante de (a)” (1967-1968, p. 139). Assim, podemos afirmar que o psicanalista é uma produção do psicanalisante no ato analítico, ou seja, na análise em intensão.

Lacan pergunta: - *Do que se trata numa análise? Da relação do psicanalisante com o analista, de passar do início ao fim da partida, “a nossa questão é saber como o psicanalisando pode passar a analista, o que implica na conjunção do ato e da tarefa”* (1967, p. 135). “É ao final de uma análise que se supõe acabada que o psicanalisante pode tornar-se psicanalista.” (1967, pg. 103). O psicanalista é aquele que tendo passado pela experiência, sabe ser destinado ao des-ser, a cair como dejetivo, rebotalho, não ser nada mais que este resto que se chama objeto pequeno a. Ao se colocar no lugar do analista ele virá a estar em forma de “a” . “Aqui o sujeito se reconhece como causado pelo objeto “a”, em sua divisão de sujeito, marcado ao final de análise por essa falta que se define como castração” (1967 p.144).



No Seminário 17, O Averso da Psicanálise Lacan apresenta a teoria dos discursos (um discurso sem palavras/ Real) e com suas “letrinhas” apresenta a mostração

da rotação que o analisante faz como Sujeito dividido \$ no Discurso do Histérico para o lugar de semblante de “a”, causa do desejo no Discurso do Analista.



IMAGEM 1

Assim, escrito por Lacan no seminário O Averso da Psicanálise

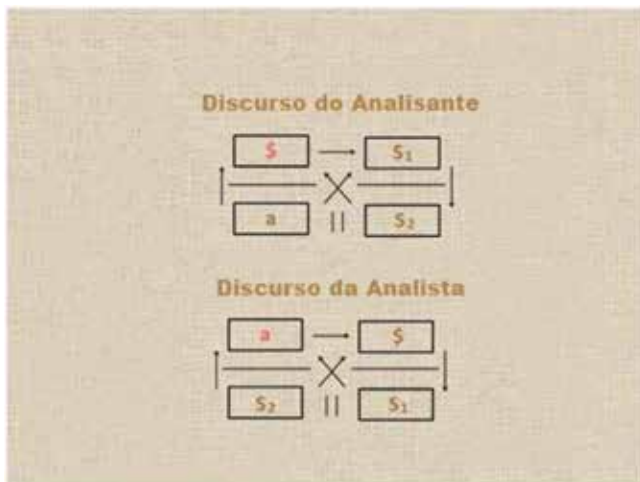


IMAGEM 2

É ele - o analista - que vemos por uma rotação de 180 graus fazer a passagem – como um SALTO - para o lugar de semblante do objeto pequeno a. Nesse momento, podemos observar o retorno do que se realizou no início da partida, quando o analisante como \$ se põe no lugar de agente do Discurso da Histérica. Para ser mais preciso, discurso do histérico, como sujeito desejante. O psicanalista é o sujeito que cumpriu a tarefa ao término da qual ele se realizou como sujeito da falta e da castração – submetido ao real – não há relação sexual. Assim, Lacan conclui que toda análise levada até certo ponto produz o analista – para ser mais rigoroso, produz alguém numa posição de analista.

No Seminário 19 (1971-1972), Lacan insiste que na análise se trata do lugar que o analista ocupa como agente no Discurso do Analista. Um lugar, uma posição que opera: “é porque o analista em corpo (en corps), um corps (um corpo) encore (mais, ainda) instala o objeto pequeno “a” no lugar do semblante que há algo que se chama discurso analítico” (1971, pg. 174).

No Seminário 21, Os Não Tolos Vagueiam (1973) – Lacan retoma a questão da autorização trazendo

ideias muito interessantes sobre a função da Escola e o que ele espera dela. Afirma que o analista não se autoriza senão por ele mesmo... Não pode ser nomeado a analista nem membro associado, membro titular, porém “se com garantia não se pode ser nomeado à psicanálise isso não quer dizer que qualquer um possa entrar aí como um rinoceronte na porcelana” (LACAN, 1973, pg. 181).

Segundo Lacan, a Escola (ou instituição) não pode dizer que há psicanalistas nem um psicanalista, mas pode dar testemunho, a partir do que ele próprio anunciou com a teorização do discurso do analista - HÁ PSICANALISTA. Um grupo é REAL a partir das letras do DISCURSO DO ANALISTA. Pode haver aí uma maneira pelo qual certo laço se estabelece num grupo, pode haver aí alguma coisa de novo e que só consiste em redistribuição das letras, emergindo sob a forma de um funcionamento diferente.

Articular essas letrinhas seria dar o desenvolvimento que faria como numa ESCOLA – a minha – se articularia essa FUNÇÃO da ESCOLA. Porque, não se autorizando senão por ele mesmo, ele não pode, com isso, autorizar-se senão por outros também. Espero que alguma coisa se invente do grupo – que é

Real- sem deslizar para os velhos hábitos do Discurso Universitário onde se é nomeado a um título (LACAN, 1973, pg. 186).

No Seminário 24, Lacan (1977-1978) traz algumas inovações a respeito do Discurso do Analista em relação à teorização proposta no Seminário 17 (LACAN, 1992), referindo-se às questões sobre saber e verdade com consequências importantes para a análise e o final de análise. Do lado do analista, ter de interrogar-se, a partir de sua própria análise, sobre a estrutura do saber do lado da verdade (S2/a), com a escroqueria do sujeito suposto saber. Lugar colocado pelo analisante no início da análise. O suposto saber é o analista, pois saber é seu atributo dado pelo analisante, mas isso é impossível porque aquele que sabe, no equívoco, é o analisante.

No lugar de semblante de objeto (a) causa do desejo, como agente do discurso, o analista sustenta uma mudança na relação do saber com a verdade a partir do encontro com a dimensão estrutural da *impossibilidade e da impotência*. Assim, analista e analisante estão submetidos à lógica do não-todo saber, não-toda verdade . Por isso, Lacan

propõe que o saber, cabe ao analisante, inventá-lo.

Essa mudança teórica provoca efeitos na prática analítica também no que se refere à Interpretação. No seminário 19, Lacan (2003, p. 175) fala que “o interpretante é o analisante, embora o analista esteja ali para ajudá-lo, para impulsioná-lo no sentido de (se) interpretar”. Adverte que em nenhum caso uma intervenção psicanalítica deve ser teórica, sugestiva, imperativa, ela deve ser equívoca, visar no jogo da letra, como lalíngua pode se precipitar na letra e não no sentido.

No Seminário 24, ele orienta: “Vocês devem se inspirar na poesia para intervir, pois a interpretação tem que exercer a função de outra coisa, quando une o som e o sentido. É na medida em que uma interpretação justa extingue um sintoma que a verdade se especifica como sendo poética” (LACAN, 1977/1978, p. 129). Sobre o Final de análise, Lacan (1977-1978, p. 6) afirma que: “O final de uma análise é algo da ordem de uma identificação, não ao eu, nem a uma identificação imaginária narcísica ao analista, nem ao inconsciente como Outro, mas de uma identificação ao sintoma”.

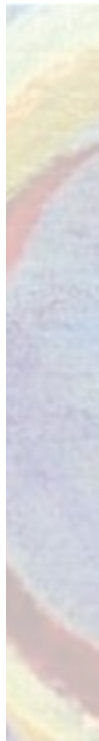
Na obra, ele explica que a análise não consiste em ser liberado do

sinthoma (grafia nova). Ao final, é preciso (*savoir faire avec*) saber fazer com o sintoma, desvencilhar-se, saber haver-se, manipulá-lo, saber desembaraçá-lo, já que o sintoma é a melhor forma de cumprir a função de compensação do furo do Real, melhor forma de fazer suplência ao buraco da não-relação sexual. Lacan também fala que “*Savoir y faire avec son synthôme*”, é isso o final de análise. A introdução do ‘y’ quer dizer saber se virar, diferente de saber fazer. Saber lidar, saber variar seus passos, **se virar** com o sintoma. Gosto dessa tradução “se **virar** com”, tem mais a ver com invenção-criação - um **vir a ser**.

Assim, no final, trata-se de saber como o sujeito vai se situar, saber fazer, saber lidar com a impossibilidade e a impotência, com a castração – com o Real – não há relação sexual. Saber haver-se com o inconsciente – efeitos de significante – que o determina. Nesse seminário,

também Lacan declara que a estrutura é tórica, enfatizando a noção de buraco, furo, do Real S(A), como própria do parlêtre, do ser – falante.

No texto *A terceira* (1974), já sofrendo a influência da matemática, da topologia e do Real, que assumiu como sua invenção, Lacan se refere à FUNÇÃO ANALISTA como um operador, no lugar de semblante do objeto pequeno “a”, escrito no coração da cadeia borromeana RSI. “Esse objeto insensato que especifiquei como “a”, objeto pequeno a, é isso que se agarra à fixação do simbólico, do imaginário e do real como nó. E é justo agarrar que vocês podem responder aquilo que é função de vocês: oferecê-lo como causa de seu desejo aos seus analisantes. É isso que se trata de obter. É preciso que vocês só façam o semblante, porque isso torna o objeto a operante no Real justamente porque é um objeto do qual não há ideia”.



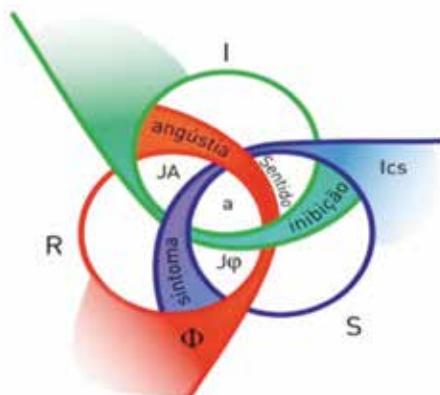


Figura 6. Projeção dos avanços dos campos de gozo sobre os registros RSI e a intrusão de inibição, sintoma e angústia

CONCLUSÃO

Por acompanhar essas proposições de Lacan, na teoria e na clínica, não consigo concordar com a ideia de que a instituição de Psicanálise é um lugar de produção do analista. Acho que Lacan deixa algo claro: sua proposição sobre a produção do analista fala de um produto do trabalho do analisante no ATO ANALÍTICO, ou seja, na análise em intensão sob Transferência. A instituição por outro lado é regida pela TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO, trata-se aí da psicanálise em extensão. Uma instituição baseada na lógica do final de análise teria que saber fazer com a impossibilidade e a impotência, o furo no saber,

o Real como Não-há- relação sexual, castração, não-todo saber, não-toda verdade. Cada um se desvestir da MESTRIA que caracteriza o Discurso do Mestre.

Vou mais adiante tentando articular a formação com a produção do psicanalista. Segundo Lacan, toda análise levada até um final produz alguém numa posição, no lugar, função do analista (PRODUÇÃO DO ANALISTA). Desde Freud, essa é a condição necessária, mas não suficiente. Lacan também diz isso na Nota Italiana (2003, p. 312) “Não-todo ser ao falar poderia autorizar-se a produzir um analista. A prova disso é que a análise aí é necessária, embora não seja suficiente”. Então, existem

alguns que, tendo passado pelo horror da experiência, decantado esse desejo na análise pessoal, decidem praticar a psicanálise, se fazer função analista para outro, analisante.

Esses, a meu ver, tem de buscar ou se implicar, se inscrever na Escola ou Instituição de Psicanálise, porque, segundo Lacan, o analista não se AUTORIZA senão dele mesmo e por alguns outros, entre outros. Assim a Escola/ Instituição passa a ser “o lugar para saber do que se trata”, com estudos teóricos, escritos, cartéis, transmissão sem garantia, referidos a psicanálise em Extensão. Enquanto a formação como um percurso singular inclui a análise pessoal, a leitura e a discussão dos textos de Freud e Lacan, na instituição de psicanálise, além da prática clínica com supervisão. Três pontos do tripé proposto por Freud.

Nesse sentido, FORMAÇÃO do analista – extensão e PRODUÇÃO do analista – intensão, SERIAM DUAS RODELAS a serem enlaçadas com a terceira, ou seja, a prática clínica com supervisão. Dessa forma, a instituição trataria de sustentar um modo de formação continuada do psicanalista ancorado na lógica do Discurso do Analista como avesso do Discurso do Mestre

e do Discurso Universitário, funcionando na extensão conforme a lógica da intensão.

Considero que os textos de Freud e Lacan nos indicam como próprio da formação do psicanalista a inserção na instituição de psicanálise para em transferência de trabalho, entre outros, transmitir, reinventar a psicanálise, fazer a causa psicanalítica existir no mundo. E hoje, mais que nunca, a luta continua. Para cada psicanalista e para cada instituição como lugar de garantir seus pilares, seus fundamentos, sua ética defendendo a psicanálise dos embustes, dos falsários e dos fascistas.



REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. (1914) A história do movimento psicanalítico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V. XIV
- FREUD, Sigmund. (1916) Conferências Introdutórias sobre Psicanálise Conferência 1- Introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V. XV
- FREUD, Sigmund. (1933) Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferência XXXIV – Explicações, aplicações e orientações. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V. XXII
- FREUD, Sigmund. (1926) A questão da Análise leiga. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V. XX.
- FREUD, Sigmund. (1930) O mal estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V. XXI. JAKUES LACAN.
- LACAN, Jaques. **Escritos – Editora Perspectiva**. São Paulo, 1978 - texto Situação da psicanálise e formação do psicanalista.
- LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jaques. O Seminário livro 11. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.
- LACAN, Jaques. (1967-1968) Seminário 15. **O ato psicanalítico**. Tradução livre da APPOA. Inédito.
- LACAN, Jaques. O seminário, Livro 17: **o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, Jaques. O Seminário, livro 19. **...Ou Pior.** (1971-1972) Publicação interna: Espaço Moebius Psicanálise, 2003.
- LACAN, Jaques. Seminário, livro 21. **Os não-tolos vagueiam** (1973-1974). Publicação interna: Espaço Moebius Psicanálise 2016.
- LACAN, Jaques. Seminário livro 22 – RSI.
- LACAN, Jaques. Seminário 23 – O SYNTHOMA.

LACAN, Jaques. (1977-1978) Seminário 24. L'insu que sait de l'ine-bevue s'aile a mourre-O não sabido que sabe de um equívoco é o amor. Inédito.

LACAN, Jaques. (1974) **A terceira. Conferência**, Roma. Tradução de Analucia Teixeira Ribeiro, para circulação interna na Escola Letra Freudiana.

LACAN, Jaques (1973/1995). Sobre a experiência do passe. In: Documentos para uma Escola II: Lacan e o Passe. Documento de circulação interna da Letra Freudiana – Escola Psicanálise e Transmissão. Rio de Janeiro: 1995, ano XIV, nº 0.

LACAN, Jaques. Documentos para uma escola – Circulação interna da Letra Freudiana-Escola, Psicanálise e Transmissão ano 1- No 0.

LACAN, Jaques (1978). **Lacan in Itália**. La Salamandra.



Sonia Raquel da Conceição Oliveira

Psicóloga, Especialista em Psicologia Educacional;

Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise;

Coordenadora editorial da Revista de Psicanálise TOPOS n. 12 e 13;

Artigos publicados na revista TOPOS n. 14 e 16;

Professora convidada do programa de pós graduação da EBMSP (Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública).

Email: sonia.raqueloliveira13@gmail.com



A FORMAÇÃO DO ANALISTA: UM SINTOMA DA PSICANÁLISE³

Mônica Portugal

Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise

RESUMO

Tomei como base da minha fala neste encontro o livro de minha autoria *A Formação do Analista – Um sintoma da psicanálise*. Tentei levantar os principais pontos que pesquisei sobre o tema, e neste momento enfatizo a questão da profissionalização da psicanálise, sobretudo com a criação de cursos de graduação, e a apropriação desta pelo discurso religioso, numa perspectiva sociopolítica que pode ser aterradora para nosso campo. Trata-se quase de uma moção de repúdio ao modo como vem avançando essa apropriação, à qual, ao mesmo tempo, nega a psicanálise, de forma semelhante à negação da castração perpetrada pelo perverso.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Analista. Sintoma. Profissionalização. Discurso. Capitalista.

ABSTRACT

As a basis for my speech at this meeting I took the following book I wrote: *Job training of an analyst – A symptom of psychoanalysis*. I tried to mention the main points I had researched on the topic, and at this

³ PORTUGAL, M. *A Formação do Analista: um sintoma da Psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2019.

very moment I would like to emphasize the issue of professionalization of psychoanalysis, especially with the creation of undergraduate courses, and also its appropriation by the religious discourse, a fact which can be terrifying for our field, from a sociopolitical point of view. We can almost call it a motion of repudiation of the way this appropriation has been advancing, which, at the same time, denies psychoanalysis, in a similar way to the denial of castration perpetrated by a pervert.

KEYWORDS: Training. Analyst. Symptom. Professionalization. Speech. Capitalist.

Estamos realmente vivendo momentos difíceis, aliás, sempre tivemos tempos turbulentos na psicanálise, mas parece que agora está mais intenso, porque a questão da política nos é desfavorável sob todos os aspectos, sobretudo quando se conjuga com a religião, no caso brasileiro.

Preocupante que templos evangélicos tenham “abraçado à causa psicanalítica”, pois, além do caráter religioso, as diversas curas propostas por este discurso, a psicanálise é colocada no campo de uma profissão, justamente negando-a, uma negação dúplice em seus fundamentos. Acredito que é preciso falar “disso”. Precisamos trazer aquilo que se coloca como se fosse outra psicanálise para discussão.

É importante salientar que este escrito está relacionado ao livro que dá o título a este artigo,

e ressalto ainda que, quando realizei a pesquisa na Internet para a coleta de material da pesquisa sobre a formação do analista, no intuito de tentar conhecer o quadro de nossa realidade, entrei em mais de 150 sítios, e vi coisas pavorosas, certo que isso já tem algum tempo, foi em 2015-2016. Na atualidade, com o avanço da religião na política, há uma conjugação ainda mais presente e intensa ao juntar os dois campos, ora a partir de um saber dogmático, ora na condição de crença. Nesse contexto, a psicanálise é expropriada de seus fundamentos, é domesticada para atender a “cura” do sujeito, e, concomitantemente para mitigar as consequências do quadro de desigualdade social, uma verdadeira panaceia.

No caso brasileiro, por exemplo, essa percepção é bem clara a partir de um fenômeno cada vez mais

difuso, em que pastores, padres e outros defensores de preceitos religiosos na política, chamados “terrivelmente evangélicos” ingressam na política partidária, em cargos no legislativo, no executivo, e já alcançam as mais altas cortes do judiciário. O lastro religioso lhes cai como uma luva, o que em si comporta uma perspectiva de saber, como se fosse uma porta de entrada, ou como se já tivessem assim uma “carteirinha” (documento emitido por Conselhos de classe no Brasil que autoriza exercer uma profissão). E isso os permite alçar voos cada vez mais altos, porque o discurso do medo, aliado ao da prosperidade, justamente parece atacar a vulnerabilidade de cada um que se vê em situação de sofrimento, sobretudo por conta das desigualdades que só aumentam, resultando numa percepção de acolhimento, de pertencimento a um campo que supostamente conta com uma vasta rede de apoio.

Entendo que esse “respaldo”, a partir das vulnerabilidades daqueles considerados hipossuficientes em termos de renda, por exemplo, pode projetar características de um modo de agir do perverso, porquanto essa situação é sustentada ou

“temperada” com quadros de angústia. Parece haver um jogo suspenso no discurso, onde a “cura” do sofrimento é uma barganha poderosa no âmbito sociopolítico, e porque não dizer, um nicho de mercado próspero, não é à toa que a chamada bancada que defende interesses de evangélicos vem lutando para implantar cursos de graduação em psicanálise, sob a égide ou a consagração de alguns templos religiosos e de uma parcela de suas lideranças.

É lógico que, numa suposta democracia, cada segmento social tem o direito de se organizar e ter representatividade nas instituições, mas aqui parece estar em curso um projeto de poder, algo bem mais fincado em questões estruturais, com potencial de mudar a face do país – acredito até já vislumbrar certo avanço nesse sentido, sobretudo em questões de intolerância (um estudo veiculado recentemente em um dos jornais de canal fechado, vinculado à maior emissora de TV brasileira, mostra que as denúncias de crimes de ódio, na Internet, ligados à intolerância religiosa, teve um crescimento de 654,10% em 2022).

Esse projeto se vale de um “*modus operandi*”, que engloba



também o uso da psicanálise para fins de cura e de profissão, daí, realmente ser necessário trazer essa discussão para o seio da psicanálise. Afinal, isto se relaciona com a forma como ela se vai efetivando, porque é uma questão de se efetivar a cada momento, não se trata de uma situação hipostasiada, paralisada, mas um acontecimento imerso na contemporaneidade.

Todavia, é preciso atentar para determinadas formas que podem ser assumidas a partir do nome da psicanálise, cujas características sejam negá-la ao modo como um perverso nega a castração – aliás, algo estreitamente ligado ao discurso do capitalista. Bem diferente e ainda mais grave do que o quadro relacionado à institucionalização aos moldes como fora empregado pela IPA – *International Psychoanalytic Association*, ou seja, como se a psicanálise não existisse, uma manifestação de recalque, perpetrada pelos herdeiros de Freud.

Na verdade, como denunciado, desde os anos 1940 por Lacan, trata-se de um excesso de

burocratização, ou um argumento técnico que se distancia da ética da psicanálise, inclusive, sua defesa sempre foi a da ética do inconsciente ou a do desejo em substituição à técnica. Conforme indiquei no meu livro⁴, acredito que a aposta na formação do analista é e sempre será um risco, uma vez que se trata de algo longe de qualquer forma consagrada de conhecimento. Lacan concebe que a formação tem como ponto de partida o sujeito do inconsciente e será sob esse prisma seu enfrentamento do dilema da transmissão do saber inconsciente-verdade.

A psicanálise nasceu com um pecado original – a crença no inconsciente, e com este ela padece e mitiga as consequências desse pecado, como um sintoma, lembrando que este - aqui nós vamos remeter ao que Lacan diz acerca do sintoma em Freud -, será tratado com o apoio na forma como Marx o entendia, como, “em geral, o único modo em que o existente (*Bestehende*) confirma o seu contrário”⁵.

Marx fala sobre o sintoma numa discussão que faz com Proudhon,

⁴ PORTUGAL, M. *Idem*.

⁵ MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2010, p.148.

no livro *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, acerca de alguns fundamentos sobre a Economia. Ele refuta Proudhon em relação ao que este dizia sobre o fato de que se as taxas de juros estão descendo, isso seria sinal de que o capitalismo iria desaparecer. A resposta de Marx é o contrário disso, seria justamente nesse ponto onde se mostra a pujança do capitalismo. Um exemplo disso, na atualidade, é a economia do Japão, na qual há mais de uma década mantém mínima a taxa de juros, ou às vezes até zero, ou, até mesmo negativa, portanto, quanto a este aspecto, longe de dizer que houve algum retraimento na economia capitalista, antes, uma boa ilustração da correção de leitura e interpretação de Marx. Em poucas palavras, o sintoma é justamente aquilo onde o existente se coloca, mas se mostrando o seu contrário.

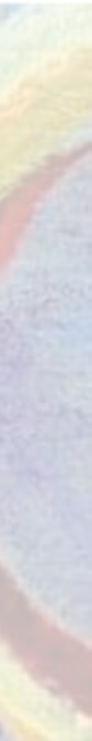
Vou repetir o que já afirmei em meu livro, pois acredito que a formação do analista é um sintoma da psicanálise por conta da constância das diversas tentativas ora de recalcar o que seria seu pecado original, ora de remendá-lo, ou até mesmo expulsá-lo de suas origens, na verdade, nas várias formas de negação da castração, acompanhando as

formas usuais pelas quais um sujeito tenta escapar dela.

Na esteira do sintoma se estabelece uma porta repleta de possibilidades de abertura em face do saber inconsciente ou do não querer saber sobre o sexo e a verdade, sendo que em torno desse nasceram os conceitos fundamentais que tentam traduzir a experiência do inconsciente e torná-la transmissível. A partir desse marco surge a questão da instituição na direção da formação do analista, como a busca dos meios de ensinar sobre a experiência, nesse caso, se encerra uma grande e constante interrogação.

Impasse posto, uma convenção inicial se coloca na dianteira do processo, com o tripé: uma análise “didática”, estabelecida com duração pré-definida, aliada aos aportes teóricos em Freud e a supervisão ou prática. Todavia, trata-se de uma apreensão transmitida sem alma, mostrando de forma contundente tal impasse. Essa será a justificativa de todo o ensino e a transmissão realizada por Lacan em seu retorno à Freud e aquilo que o distanciará da IPA.

A experiência mostrou que esse impasse é recorrente, e eis que surge como uma renegação dúplice, a do legado de Freud e



o de Lacan, numa adequação da psicanálise a um movimento da pressa, mas não no sentido do tempo lógico do inconsciente; antes, uma pressa em se atualizar a prática do inconsciente às práticas do mercado, conforme salientei no meu livro em comento.

Isso pode ser observado, no caso do brasileiro, a partir das perspectivas de regulamentação ou com a apropriação desviante de seus conceitos por instituições alinhadas a programas de formação em uma profissão – considere-se o caso atual, com um curso de graduação – espalhado pela grande rede ou mesmo pela incursão da psicanálise em áreas reservadas a outros segmentos, como no caso de técnicas de *coaching*, por exemplo, com o enfoque no rearranjo de meios para se contornar o mal-estar.

A psicanálise, em seus fundamentos, mantém-se distante em relação a qualquer ascese epistemológica, já que se trata de um discurso de efeito do Real, cuja verdade subverte o sujeito e inescapavelmente torna este discurso incompatível em relação aos discursos que se tornam hegemônicos, independente da forma assumida, se pelo viés do saber ou do mercado.

Contudo, isso não representa medida de certa imunidade, daí a necessidade de se estabelecer uma permanente vigilância, é assim que se configura o sintoma da psicanálise na formação do analista.

A problemática envolvendo a formação do analista é indicadora do modo como a psicanálise vem se efetivando na linha de continuidade entre a intensão – a produção de cada um, e a extensão. É justamente em torno dos conflitos que envolvem as diversas formas de concepção sobre como deve ser a formação dos novos psicanalistas, seja a partir de Freud e seus herdeiros e depois sob o viés lacaniano, nos quais serão desnudados os dilemas ou pontos cegos, os quais inexoravelmente remetem ao que Freud assevera como profissões impossíveis, ensinar governar e analisar, porquanto não se ensina nenhuma das três. Esses três impossíveis são o próprio tripé que sustenta a formação: análise do candidato, a supervisão teórica e a supervisão ou controle clínico. Parece até um beco sem saída, está aí porque empreguei a analogia da cadeia borromeana na formação, conforme

formulado por Tardits⁶, como postulado de que é um furo que permite o encadeamento desses 3 impossíveis. Estendi a analogia às categorias tempo e dinheiro, como equivalentes numa economia de mercado, com a proposta de que essas sejam alocadas no furo do centro da cadeia borromeana e atuem como fator que suspendam as impossibilidades (Freud: analisar, ensinar e governar), conforme ensinou Marx em relação ao dinheiro, ou de forma mais direta: o dinheiro age subsumindo as impossibilidades, tragando-as ao seu interior, eliminando-as.

Cumprir lembrar um ponto importante em relação ao que Lacan desenvolve sobre a questão dos discursos e o faz a partir do objeto mais-de-gozar, mostrando uma equivalência em relação a Marx, com o mais-valor. Há um objeto *a* para a psicanálise, um objeto perdido, inapreensível, e um objeto em Marx, o dinheiro, eis o ponto, mas o dinheiro de que forma? Como ele se apresenta? Não se trata apenas de um objeto relacionado a uma paixão, como o enriquecimento, por exemplo,

mas é o próprio objeto, ou a essência de qualquer objeto. Vejam aqui a questão como Marx trata a questão do objeto dinheiro, é o próprio objeto e ambos – o objeto da psicanálise e o dinheiro se apresentam com certa opacidade.

O filósofo mostrou como o dinheiro transcendeu a avatar do próprio objeto. Nesse caso, ele tem como pressuposto reunir a multiplicidade de atributos de todos os objetos do desejo humano, sendo a própria onipotência. Para Lacan o objeto *a* funciona como causa do desejo, falta absoluta e corresponde ao mais-de-gozar, efeito do deslizamento da pulsão na linguagem.

Essa posição em relação ao objeto, objeto *a* no caso da psicanálise, ou a investida do dinheiro como objeto no campo social, será o denominador comum em relação ao que aqui se estabelece, porque o dinheiro é o mediador entre o sujeito e os objetos do mundo material, de modo a entrar como elemento regulador na condução de uma análise, inclusive porque o pagamento – preferencialmente em dinheiro, se insere na própria

⁶ TARDITS, A. As formações do psicanalista. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.



doutrina psicanalítica. Quanto a este aspecto, importa dizer que não localizei nenhuma outra disciplina em que a questão do pagamento estivesse imersa no campo de sua doutrina, como na psicanálise.

Atuando como elemento regulador na condução de uma análise, na qual se deve investir tudo, segundo Quinet⁷, essa regulação pelo dinheiro deve ocorrer na medida em que se mantém o valor de corte, restando o foco no valor de uma análise, ligado ao investimento material e libidinal do próprio sujeito. A partir desse ponto específico ligado aos fundamentos da condição lógica da formação do analista, é possível interrogar sobre a intenção que persiste em se pautar a prática analítica no campo profissional, considerando o enfoque de equivalência entre tempo e dinheiro. Ademais, não é possível esquecer-se de uma questão básica, ou o custo – benefício, algo como o retorno sobre o investimento implementado numa profissão sob os auspícios do capitalismo.

Nesse caso, podemos indagar se haveria condições de permanecer

em compasso de espera, que pode durar muitos anos, para que a condição lógica da função analista ou efeito analista se coloque. Essa é uma pergunta que nós precisamos nos fazer a todo instante, há um tempo a percorrer. Nesse instante, lembro Freud em relação a deixar transcorrer o tempo de uma análise.

Retomo novamente a questão sobre os discursos, porque nós não podemos esquecer que há um discurso hegemônico⁸ - o discurso do capitalista -, no laço social. Contudo, em tese, a estrutura desse discurso é justamente a que tenta eliminar qualquer laço social, de modo que se pensarmos na atualidade, com o avanço das grandes redes, a Internet, na intimidade da vida, aliada ao fato de que apenas meia dúzia de empresas, praticamente, detém o controle desse meio virtual, encontramos um oligopólio da informação que repercute naquilo que cada um possa vir a desejar, nesse caso, a hegemonia é ainda mais drástica do que antes.

Tento entender se o discurso do capitalista, o qual em tese seria

⁷ QUINET, A. As 4 + 1 condições da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

⁸ Algo relacionado ao comando das forças produtivas na sociedade, mas que vai além da estrutura econômica, atuando também no domínio do agir e do modo de pensar nas ações sociopolíticas e culturais.

balizador das relações sociais, pode interferir na formação “do profissional analista”, essa seria justamente a denúncia subjacente ao meu livro e da minha fala neste colóquio sobre a formação. Sobretudo porque o dinheiro se insere numa relação de imprescindibilidade, volto a dizer, nos giros necessários à formação, seja na análise, na apreensão teórica, no controle ou supervisão clínica.

A ética da análise é a do desejo e, ao mesmo tempo, o dinheiro exerce uma função, algo como um contraponto ao gozo, ou como Freud alertava em relação ao fato de que o analista precisaria agir contra a fantasia do sujeito, de modo a graduar seus efeitos. Considerando que a função do dinheiro é um suporte necessário à análise, como valor de troca, a formação se reserva ainda mais dependente dele, assim, se a escolha for pelo viés da profissionalização da psicanálise, implica uma imersão ainda mais profunda na estrutura que rege o discurso do capitalista, o que certamente tende a distanciar da possibilidade de ouvir o Real.

A função do dinheiro na formação do analista reflete o seu caráter

dúplice, de um lado é razoável pensar e avaliar, na função de facilitador social, mediador das relações sociais, ou seja, como valor de uso, ao modo como Freud inclusive inicialmente colocava em relação a sua própria prática. Nesses termos, o dinheiro atua como mediação necessária à sobrevivência do analista, de outro, reforço o dito antes, há um entendimento que é justamente o valor de troca absoluto que deve imperar numa análise, afinal de contas o analista não pode ser confundido como benfeitor.

De igual modo, indago se o discurso universitário não estaria ocupando o cerne da instituição psicanalítica, inclusive essa era uma preocupação também de Catherine Millot⁹, já que a formação pode se tornar ou pode ser tomada como uma profissão. É importante ficarmos atentos ao fato de que esse discurso tem se prestado a facilitar a formação de profissionais para um mercado de trabalho, de modo que redobra o cuidado com a formação do analista, já que o dinheiro tem o poder de equacionar o impasse das impossibilidades, como o faria em relação a qualquer outra profissão no cenário

⁹ MILLOT, C. Sobre a história da formação dos analistas. In: JORGE, M.A.C. (Org). Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006. p. 29-42.

atual. Sob esse prisma, há uma perfeita projeção da estrutura lógica imanente ao discurso do capitalista.

O dinheiro opera como portavoz do mais valor, sobre o qual entendo subsumir signos do próprio dinheiro, do poder e da política. Nesse caso, poderíamos pensar se tais questões, dinheiro, poder e política, não seriam transpostas ao seio da formação via institucionalização, já que essa pode atuar servindo aos propósitos da profissionalização para atender a interesses do chamado “mercado”.

Há especificidades próprias à formação do analista, como a relação com o tempo, por exemplo, que destoa, ou é incongruente ao modo como funciona o mundo capitalista. O impasse se repete a cada instante quando é a procura de um título, de um certificado ou de créditos universitários, ou mesmo quando o imperativo é a procura de um nicho de mercado. Desfaz-se o que chamarei de “pacto” com o Real – é dizer, o pacto para ouvi-lo.

Em tese, a instituição psicanalítica pode atuar como foco de resistência. A Escola concebida por Lacan se inspira na forma da *scholé* grega, tendo a liberdade como ponta de lança, onde

lazer e escola se confundem. Contudo, uma vez que a Escola está inserida num contexto institucional, onde também estão inseridos os discursos do mestre, do universitário e o do capitalista, como fazer para distanciá-la ou evitar que tais discursos sejam preponderantes, ou seja, como manter a instituição fiel à perspectiva do sujeito? Precisamos nos manter atentos e lembrarmos essas perguntas, pois institucionalizar sob a égide desses discursos parece significar antes de tudo preparar o caminho para uma profissão, de modo que se faz necessário que as prerrogativas ou os mandamentos ali dispostos sejam mantidos. Este é o desafio da instituição Escola de psicanálise.

As críticas elaboradas por Lacan ao modo de instituição da IPA foram levadas em consideração nesta fala, assim como sua própria experiência de Escola, contudo é necessário levantar a questão sobre essa experiência, se ela teria sido condizente em relação ao seu aporte teórico. Lógico que sua concepção de Escola foi a forma de instituir mais democrática, com a defesa na manutenção da transferência de trabalho, com o afastamento dos

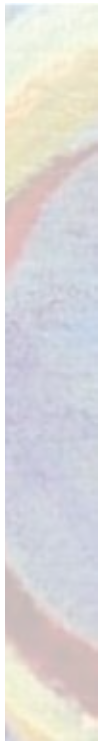
modos tradicionais de hierarquia, a partir da noção de “*gradus*”. Houve críticas contundentes de que essa transferência teria sido alocada simplesmente para atender ao desejo de Lacan, por exemplo. O resultado foi uma divisão no seio da Escola, de modo a indicar que os efeitos de grupo não foram totalmente dissipados, desnudando, mais uma vez, o impasse em termos de formação.

Numa palavra, como sustentar o caráter subversivo da psicanálise, afastando os analistas na instituição de certa acomodação? E mais uma vez pontuo até que ponto as relações entre o dinheiro, o poder e a política presentes na estrutura de qualquer formação profissional, ou melhor, na própria instituição psicanalítica podem interferir na formação? É indiscutível a necessidade - não estou colocando isso em discussão -, é indiscutível a necessidade de respaldo da instituição na formação do analista. O problema é que quanto mais e melhor funciona esse mecanismo institucional, mais parece se aproximar de uma profissionalização; nesse aspecto, mais ele se torna sintoma do que não se efetiva como psicanálise. Esse dilema é

o eco de Freud em relação às três profissões impossíveis – analisar, ensinar e governar.

Se a mira da formação do analista enveredar pela via da profissão, uma profissão no capitalismo, no sistema que nós vivemos, seria necessário seguir suas regras, isto implica atender a demanda do mercado. Podemos refletir sobre o fato de que universidades controladas por grupos religiosos já estão organizadas para contemplarem todos os aspectos da profissionalização da psicanálise, trata-se de uma questão de nicho de mercado, precisamos encarar isso de frente.

A ética do desejo está longe, muito longe desse cenário. Atender aos imperativos do mercado, com leis impregnadas de utilitarismo, inclusive denunciadas por Freud, no pós-escrito do texto sobre a análise leiga, é recusar a psicanálise mesma. Essa profissionalização ou o uso prostituído do legado freudiano só tem recrudescido. Por isso, a necessidade de se aprofundar, conhecer melhor o que se passa em nome da psicanálise e, para isso, é preciso que os desvios sejam acolhidos, sejam debatidos e incorporados aos estudos sobre a formação e, assim, passe a integrar o corpo



doutrinal da psicanálise para mostrar como ela é negada ao se tentar fazer dela uma profissão.

Não seria ilícito perguntar se essa perspectiva pode se tornar a via para a mais completa negação da psicanálise ou mesmo algo ligado ao desmentido da perversão? Nesse aspecto, é crucial lembrar a advertência de Lacan em relação à recusa do discurso do analista aos canalhas, isto porque num único lance da aposta do discurso do capitalista, ao profissionalizar a formação do analista é como se fosse possível incorporar os fundamentos da psicanálise. Afinal, não é novidade que esse discurso “aprendeu”, ou melhor, se apropriou com maestria desses fundamentos e pode manipulá-los a seu bel prazer para o mais completo gozo de tudo e de todos. Se a psicanálise soube subverter conceitos e noções caras à tradição, esta pode dar o seu troco subvertendo a própria psicanálise.

Não é aceitável condescender com a profissionalização no cerne do processo da formação do analista, pois é tal qual um tiro no próprio pé. Isto vai deixar MARCAS indelévels, é preciso que se atente que a formação é um trabalho contínuo, ligada à transmissão ou o interminável freudiano, e, antes

de tudo, ligada à produção do sujeito, efeito do Real. Resta fazer com que essa resistência a uma profissionalização da formação do analista se espalhe, o debate precisa estar presente em todos os fóruns, o alerta, a denúncia deve ser constante. Acredito que nossa tentativa nesse encontro não foi em vão.

Ademais, no foco de resistência, é importante realizar permanentemente a tarefa de fazer a distinção entre a proposta de Escola de psicanálise e a proposta do discurso universitário. O estreitamento dessa inserção do discurso universitário na instituição psicanalítica aumenta cada vez mais, o que gera também uma preocupação, uma vez que esse discurso se efetiva a partir do comércio do saber e dispõe dos meios de se fazer hegemônico e subsumir o discurso do analista.

Continuo seguindo meu escrito no livro sobre a formação e acredito na necessidade de demarcar, mais uma vez, de modo contundente como o fez Lacan no passado, nosso campo de formação, dar ênfase ao fato de que essa deve ser entendida a partir das formações do inconsciente, com liberdade de escolha de uma Escola que garanta as condições para a transferência de trabalho, mantendo a possibilidade

de cada um efetive sua própria produção. Uma Escola que garanta a circulação de palavras e ideias, o acompanhamento das mudanças em curso na contemporaneidade, proporcionando o ambiente para um debate constante acerca de seus aportes conceituais, conjugado com aportes de outras disciplinas, de outros campos, orientadas pela erudição e pela intelectualidade.

Sabemos que Freud e muitos de seus seguidores, sobretudo Lacan, foram homens letrados, todavia, mesmo com o aumento da participação de analistas das Escolas no seio de universidades e faculdades, há muito se observa o apoucamento dessa erudição no cenário das instituições psicanalíticas, principalmente, quando estas tenham como característica uma demanda de tempo e empenho totalmente incompatíveis com a perspectiva do sujeito. O funcionamento parece obedecer ao seguinte modelo, há alguns poucos na linha de frente da produção da instituição, atuando como verdadeiros guardiões do legado de Freud e de Lacan, e muitos analistas que recebem esse legado sem que deles se incorporem.

Acompanho Freud ao defender, além da análise, os estudos

clássicos na formação do analista. É preciso que esses estudos reflitam os constructos humanos, num espectro largo, onde comporte a arte e a ciência, cujos paradigmas talvez sejam outros a serem inventados, capazes de comportar a psicanálise. São questões urgentes e atuais diante de um ritmo ou da pressa incompatíveis com um saber sob medida para cada um constituindo sua própria singularidade, sua própria produção, ou como efeito analista.

Encerro repetindo Freud, ao dizer que a profissionalização seria a última máscara de resistência à psicanálise, assim como repito a conclusão de meu escrito no livro comentado. Aquele que venha a ocupar esse lugar deve primeiramente ter uma profissão, seja como professor, médico, psicólogo, engenheiro, pedagogo, antropólogo, escritor etc., para, desse modo, resguardar-se ou diminuir as chances de ser premido pelas injunções advindas da lógica do discurso hegemônico, em termos de profissão, para atuar no mercado. E, simplesmente, segundo o ditado Alpino, caro à Freud “deixar fluir o tempo” de uma análise¹⁰.

¹⁰ PORTUGAL, M. *Idem*, p.214.

REFERÊNCIAS

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2010.

MILLOT, C. **Sobre a história da formação dos analistas**. In: JORGE, M.A.C. (Org). Lacan e a formação do psicanalista. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.

PORTUGAL, M. **a Formação do analista: um sintoma da psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2019.

QUINET, A. **As 4 + 1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

TARDITS, A. **As formações do psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.



Mônica Portugal

Psicanalista, membro do Espaço Moebius, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, autora do livro *A Formação do Analista: um sintoma da psicanálise*.

Email: monipox@hotmail.com

UMA FORMAÇÃO EM DESMESTRIA

Helson Ramos

Salvador, 04 de maio de 2022,
para o evento sobre "A Formação dos Psicanalistas"

Quarenta e dois anos após a morte de Jacques Lacan, ele, ou o personagem que se tornou, continua sendo fatiado e devorado no banquete totêmico dos psicanalistas. Ele tinha consciência disso, pois, em 1964, durante o Seminário 11 (pg.185), já dizia: "A verdade é o que corre atrás da verdade - e é para lá que eu corro, e onde os levo, como os cães de Actéon, atrás de mim. Quando eu tiver encontrado o alojamento da deusa, sem dúvida que me transformarei em cervo, e vocês poderão me devorar, mas temos um pouco de tempo diante de nós".

Ele condensa o mito freudiano do assassinato do pai primevo pela horda dos seus seguidores com uma versão do mito mais antigo de Ártemis, dos gregos, que transformou em cervo e fez os cães de caça devorarem um caçador que pretendeu rivalizar com a deusa em suas competências na arte da caça. Lembremos que, em 1964, Lacan estava sendo expulso da IPA e, como afirma, propriamente excomungado como ocorre na igreja católica, pois teve seu nome riscado da listagem dos chamados psicanalistas didatas da instituição e seu ensino proscrito da formação de psicanalistas, e isso se deu justamente, porque ele estava denunciando o fatiamento e a devoração

de Freud pelas hordas dos seus seguidores, coisa que ocorreu ainda com Freud em vida, desde as discordâncias e dissensões de Jung, Adler, Ferenczi, Reich e outros que pretenderam refutar os fundamentos estabelecidos por Freud em Psicanálise.

Foi o fato de cada um deles defender sua fatia e reivindicar sua variante como a verdadeira Psicanálise, em detrimento dos princípios de Freud, a ponto de muitos passarem a considerar que existiria psicanálise freudiana, junguiana, reichiana, de grupos e outras, que fez Freud intervir. Sendo assim, principalmente no texto “Sobre a História do Movimento Psicanalítico”, Freud defendeu seus pontos de vista, assumindo a autoria da psicanálise em relação às discordâncias desses outros, tanto que, em seguida, Jung veio a reconhecer que não fazia Psicanálise e mudou o nome de sua disciplina para Psicologia Analítica, Adler admitiu que fazia Psicologia Individual e Reich assumiu suas técnicas corporais e sua Orgonoterapia, assim como ocorreu com outros antigos discípulos, começando a Psicanálise a se distinguir das outras psico-terapias.

Mesmo antes de fundar sua Escola de Psicanálise, não

por acaso nomeada como freudiana, com a implantação dos seus Seminários, Lacan pôde comprovar a pertinência de suas críticas aos deturpadores de Freud, que chamava pós-freudianos, em geral, a partir de um retorno a Freud através da releitura em grupo dos textos originais, em alemão. Uma prova da fecundidade desse retorno é a quantidade de conceitos fundamentais que ele pôde resgatar da obra de Freud e que haviam sido esquecidos, recalçados ou renegados da teorização daqueles tempos, como por exemplo: a pulsão de morte (TODESTRIEB), o a-posteriori ou a retroação temporal dos eventos psíquicos (NACHTRÄGLICH), o traço unário (ENZIGERZÜG), a outra cena do inconsciente (EIN ANDERE SCHAUPLÄTZ), a afânise herdada de Ernest Jones e, principalmente, o FALO cujo mito articula a operação castração que não é mítica, e cuja significância de potência e poder se confundia com a pregnância imaginária do objeto-pênis, antes da distinção dos registros do Imaginário, do Simbólico e do Real, promovidas por Lacan.

No texto sobre “A Significação do Falo”, Lacan assegura que muitos desses termos freudianos

eram, até então, inauditos, não foram escutados, lidos ou falados; foram literalmente censurados, desviando a Psicanálise da direção e dos propósitos estabelecidos por Freud. Como ele assumiu: “O sentido do retorno a Freud é o retorno ao sentido de Freud”. E sentido também significa direção.

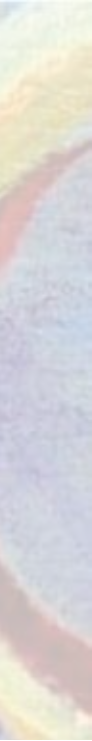
Não se tratava apenas de dar razão a Freud. As críticas ferozes e contundentes de Lacan sobre a psicanálise ter se tornado anti-freudiana denunciavam a renegação da própria Psicanálise e do Inconsciente, e pretenderam desalojar o que chamou de impostura e falsificação da psicanálise que, após Freud, de uma práxis que visa acessar o que é dizível do inconsciente havia se deslocado para uma Psicologia do Ego ou do Eu-consciente-de-si, o sujeito da origem cartesiana, ignorando apostulação essencial do Eu Inconsciente como objeto da Psicanálise, onde Lacan supõe outro sujeito que diz ser o verdadeiro, conforme a segunda tópica de Freud.

Tratava-se, então, de salvar a psicanálise de sua renegação, resgatá-la das ações de impostores e falsários que degradavam sua práxis, sua teorização e sua transmissão, como se pode constatar na leitura crítica que

Lacan faz, em seus Seminários, da produção teórica dos luminares da IPA na época, principalmente dos artigos publicados no *Jornal Internacional de Psicanálise* e na *Revista Francesa de Psicanálise*.

A leitura compartilhada desses artigos demonstra que, depois de Freud, a práxis havia passado a visar o sucesso adaptativo através do fortalecimento e mesmo o adestramento do Ego ou Eu-da-Consciência a partir da postulação, não freudiana, do que Lacan nomeia como uma Ideologia do Ego Autônomo. Tal ideologia está baseada na hipótese de que os sofrimentos de causalidade psíquica acometiam Eus fracos, coisa que o Eu Forte representado pelo psicanalista deveria reparar, e com isso os psicanalistas se punham no lugar de “reeducadores emocionais, diretores de consciências, engenheiros de almas”, claramente exercendo poderes de mestres, educadores ou governantes.

Com essa releitura, Lacan, os participantes dos Seminários e cada um de nós podem conferir que isso não é mais a Psicanálise conforme Freud a concebeu; é exatamente seu contrário, porque o Ego não é autônomo, e sim sobredeterminado pelo



inconsciente, e por isso não representa a unidade do ser-de-fala, não é uma função de domínio e síntese, como postularam, e a Psicanálise “não é uma egologia”. No Seminário das Psicoses, Lacan compreende:

Na perspectiva freudiana esse Ego não é absolutamente unitário, sintético, ele é decomposto, complexificado em diferentes instâncias, o Eu, o Superego e o Isso... é exatamente, para Freud, uma espécie de determinativo, por onde certos elementos do sujeito são associados a uma função especial... a saber, a agressividade, considerada como uma característica da relação imaginária com o outro no qual o Eu se constitui por identificações sucessivas e superpostas... A noção do Eu em Freud denuncia da maneira mais exata suas funções irrealizadoras, miragem e desconhecimento. Ele a complementa com uma gênese que claramente situa o Eu na ordem das relações imaginárias e que mostra em sua alienação radical, a matriz que especifica a agressividade inter-humana como essencialmente intra-subjetiva.

Na Intervenção que faz no I Congresso Mundial de Psiquiatria, em 1950, está: “O Ego, síndico das mais móveis funções pelas quais o homem se adapta à realidade,

revela-se para nós como uma força de ilusão e de mentira, é que ele é uma superestrutura engajada na alienação social”. Em “A coisa Freudiana” está: “Freud efetivamente escreveu O Eu e o Isso para manter essa distinção fundamental entre o verdadeiro sujeito do inconsciente e o Eu, esse constituído por uma série de identificações alienantes”.

Alain Badiou resume a questão dizendo que “o sujeito se encontra ex-centrado do lugar de transparência onde ele se enuncia ser”. (O Ser e o Evento, pg.336). O Ego camufla e oblitera as verdades do sujeito ou suas crenças primárias nos pontos nodais da existência onde seus atos ofenderam as leis da cultura que introjetou como ideais do eu, mobilizando a instância superego que julga e castiga, por isso o sintoma é o retorno da verdade na falha de um saber como diz Lacan, nas falhas do saber da consciência ou do Ego.

Em consequência disso, a direção dos tratamentos psicanalíticos também deve ir na direção oposta ao reforço, fortalecimento e adestramento do Eu, pois o dispositivo psicanalítico freudiano visa, ao contrário, desmontar sua falsa unidade a partir da revelação das identificações

alienantes em que se constituiu para que o sujeito se ancore em sua verdadeira condição ontológica, subtrativa ou negativa como diz Alain Badiou, de Sujeito Suposto ao Inconsciente que, para Freud está em sua condição de desejante, faltante, Ser-de-falta ou Falta-a-Ser como nomeia Heidegger.

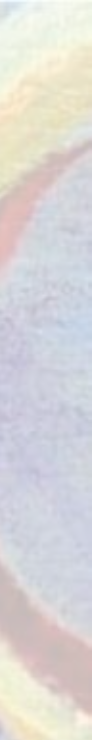
É por isso que o matema quadrípode do discurso do psicanalista é a escrita oposta do discurso do mestre, como sua imagem invertida num espelho. O discurso do mestre é o avesso da psicanálise e como um analista não pode ser gato mestre nem contramestre porque opera num pacto e não numa guerra, pode ser dito um desmestre, graduado em douta ignorância, e sustentar uma formação permanente em desmestria esclarecida.

Recorrer ao saber analítico para pensar a práxis, a produção teórica que a fundamenta e as instituições psicanalíticas que são as guardiãs de sua transmissão, só se pode fazer como Psicanálise em Extensão, é uma tarefa metapsicanalítica, que se fundamenta no ato analítico que é intencional, mas o transcende. Intensão e Extensão são conceitos que tem definições precisas e utilização em praticamente todos os sistemas formais que

trabalham com a linguagem e seus valores semânticos. Está na Matemática, em Álgebra e Lógica. Suas origens remontam a Leibniz e foram retomados por Kant com a noção de quantidade e grandezas intensivas e extensivas. Passa pela conceitografia (BEGRIFFSCHIFRIT) de Frege que postula a complementaridade entre o intensional e o extensional a partir da distinção que faz entre o sentido (SINN) e o significado (BEDEUTUNG) de uma expressão formal.

Quando Descartes reparte a realidade do sujeito em pensamento e extensão, já expressa que a coisa pensada (RES COGITANS) é intensional e é a partir dela que acessamos a extensionalidade que é restante do mundo material, já que é pelas palavras ou pelos significantes que acessamos as coisas existentes e até as ex-sistentes como o Inconsciente.

Na Linguística de Ferdinand de Saussure, a intensão corresponderia à escrita, expressão ou representação do signo constituído pelo binário Significante/Significado, imagem acústica e conceito, enquanto que a extensão corresponderia ao referente da significação, o objeto ou coisa ao qual a expressão se refere, próximos dos conceitos de Conotação e Denotação.



Em lógica, Quine define a intensão como significado e a extensão como a classe das entidades às quais o termo pode ser atribuído como verdade; Kripke desenvolve uma semântica intensional e Bertrand Russell uma Tese da Extensionalidade, assim como Badiou formaliza um axioma da extensionalidade em sua Teoria do Múltiplo Puro.

A distinção que Lacan estabelece entre saber textual e saber referencial, nas duas versões Proposição de 9/10/1967, também incide nesses conceitos, sendo o saber textual, cuja forma radical para ele é uma cadeia significativa, podendo ser acessado a partir dos efeitos e da leitura operante do saber insabido do inconsciente, que é um texto, no privado do ato psicanalítico, sendo então intensional.

Já o saber referencial ou saber do referente corresponde ao próprio saber epistêmico que é o sentido e a direção que podemos dar à nossa prática e que Lacan relaciona aos efeitos da linguagem, em primeiro lugar o sujeito, mas abarcando as estruturas lógicas que condicionam a realidade, como ele vem formalizar com os discursos radicais, por exemplo, incluindo a função da escola como presentificadora da psicanálise no mundo.

A psicanálise está na realidade, faz parte do mundo e, se na intensão pode nos prover de referências em nossa estrutura para decidirmos as apostas da nossa existência, também pode nos instrumentar para pensar a realidade extensional ao ato psicanalítico. Como a mais recente das tarefas ou mesmo das profissões cruciais e impossíveis, a localização e formalização rigorosa do discurso do psicanalista no laço social privado da intensão possibilita iluminar outras praxes, nos fornece uma lupa para pensar os outros discursos que compõem a cena social que é a extensão.

Se o discurso psicanalítico possibilita esclarecer primeiramente a questão do que somos enquanto sujeitos, em sua ontologia subtrativa, mas também permite iluminar o restante da realidade, como Freud e Lacan fizeram a psicanálise em extensão? Como viram os seres falantes e os acontecimentos sociais de suas épocas? E, a questão mais importante, em que suas opiniões e posicionamentos extensionais podem nos instrumentalizar para pensarmos a época atual, tendo em vista a tese de Marx de que a cada modo de produção corresponde um tipo de humano, de famílias, e de laços sociais, tese que define o humano como um sintoma do modo de produção?

Parece que para estar à altura de nossa investidura precisamos apurar alguma noção de quem ou o que é um Ser-de-fala do modo de produção capitalista no qual vivemos.

Diante dos discursos edificantes, bondosos e caridosos, e das boas novas religiosas que correm o mundo desde sempre, é como se Lacan e Freud fossem profetas do apocalipse e a Psicanálise um discurso pestilento por ser portadora de péssimas notícias sobre nós. A partir da concepção freudiana sobre a configuração narcísica do aparelho mental como autorreferente e passional, que Lacan vem a atualizar como discurso do mestre, Freud viu, em sua época, que estávamos nos tornando Deuses de Prótese.

Tendo em vista a revolução tecnológica em curso, ele profetizou a realidade atual, onde o mestre capitalista adquire poderes e atributos divinos reais, tais como a onividência. Com o advento de um Panóptico universal, onde vemos, somos vistos e monitorados por câmeras e satélites, por todos os lados, com as satisfações ou gozos escopofílicos de que Lacan fala, ampliando as injunções de vigilância e controle que fez Foucault anunciar o advento

de uma Sociedade Disciplinar que hoje alguns nomeiam como Capitalismo de Vigilância; e até a onisciência, porque todos os saberes já produzidos estão nas pontas dos nossos dedos, nos celulares, e o Dr. Google e companhia sabem tudo, assim como as próteses e gadgets nos acumulam de poderes e escravos tecnológicos. E alguém tem dúvida de que uma pessoa com milhares de seguidores em redes sociais está no lugar de pai de uma horda que o segue?

E é claro que quem tem a posse do Falo Moderno, que é o poder do capital, tem acesso a todos os bens e fruições anteriormente só acessíveis a nobres, senhores feudais, reis, príncipes, castas. Quem tem a posse do capital vive, no sentido das condições materiais da existência, no paraíso terrestre possível. Por isso, penso que para lidar com as crianças que nos chegam nos dias atuais, os tratados de educação dos príncipes nos são mais instrutivos do que as psicologias de ciframento dos déficits e as pedagogias dos oprimidos.

Temos que convir que o Capitalismo funciona, como diz Lacan; que muitas das maravilhas que produz são indistinguíveis da magia como se diz no documentário “O



Dilema das Redes”; que realiza todos os sonhos de Narciso, à custa de uma crescente e brutal exclusão das massas de despossuídos e deserdados do Capital, aumentando a injustiça distributiva, as revoltas violentas contra as desigualdades, os descontentamentos, o mal estar na civilização.

Em consequência disso, vivemos numa inflação narcísica sem precedentes, com uma escalada da agressividade e da violência afetando todos os laços sociais nos quais habitamos, efeitos constitutivos do estado que Freud chama Narcisismo Primário cujas paixões são coerentes com tudo que tratamos sobre O Ego que, nessa captura, acolhe em sua identidade consciente todas as imagens amáveis e favoráveis de si e recalca, denega ou renega as que acha feias ou desfavoráveis, distanciadas dos Ideais, igual a uma pessoa fazendo uma “selfie” ou auto-retrato, que depois seleciona as imagens agradáveis e deleta o que acha feio. É uma representação tão exata do estágio do espelho comandando a função do Eu que me parece tão válida como a recorrência ao mito de Narciso, por Freud, ou ao experimento da ótica geométrica de Bouasse, por Lacan.

Em “Funções da Psicanálise em Criminologia” Lacan destaca, no estágio atual de nossa civilização, a afirmação dos ideais do individualismo e do utilitarismo e o movimento de aceleração crescente da produção, aceleração que Marx apontou em todos os níveis da produção e do consumo e Freud também ressaltou no artigo sobre “A Moral Sexual Civilizada”, dizendo que tudo é pressa e agitação, que isso deixa nossos nervos exaustos e que a busca por satisfações cada vez mais intensas produz mais exaustão. É por ser essa aceleração generalizada e universal que arrisco a hipótese de nomeá-la como aceleração do mais-de-gozar, que é a essência do vínculo objetual, no real, segundo Lacan.

Com a pressa acelerada não há mais espaço para o soliloquio, como chamava Santo Agostinho, para pensar e conversar consigo próprio, nos confrontar com nossas questões, analisar e analisar-se, se ocupar das coisas do amor. Lacan resume assim a condição humana atual: “Uma anarquia tão maior das imagens do desejo quanto mais elas parecem gravitar progressivamente em torno de satisfações escopofílicas, homogeneizadas na massa social, e uma implicação crescente das paixões fundamentais pelo poder,

pela posse e pelo prestígio nos ideais sociais são outros objetos de estudo para os quais a teoria analítica pode oferecer ao estatístico coordenadas corretas para introduzir suas mensurações”.

Não é esse mesmo movimento em direção ao poder e à mestria que ocorreu tanto na cultura como na Psicanálise, essa se deslocando para seu avesso que é o poder do mestre? Essa é a tese principal de Lacan no artigo sobre a Direção do Tratamento e os Princípios do seu Poder, onde ele diz que “não há limite para os desgastes de uma técnica por sua desconceitualização”, e arremata: “Pretendemos demonstrar como a impotência em sustentar autenticamente uma práxis reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder”. Para Freud, no “Mal Estar na Civilização”, o laço social com os outros é exercício e confronto de poderes, depreciação, coerção e violência mortal, culminando na citação de que o homem é o lobo do homem, predador dos semelhantes. Para Foucault o laço social é a guerra, da mesma forma que para Clausewitz, citado por Lacan, a política, que é laço social, é a guerra continuada por outros meios, como uma forma do comércio humano.

Lacan diz que somos uma besta feroz porque os outros animais agridem e violentam por Necessidade e não por crueldade e gozo sádico, como nós, que exercemos a BEMÄTCHUNGSTRIEB, a pulsão de dominação do mestre narciso e a pulsão de destruição e morte, TODESTRIEB.

É a constatação da impossibilidade de convivência entre consciências mestra, sem esses conflitos e confrontos radicais, que fez Lacan estabilizar o laço social sobre a formulação hegeliana do Mestre e do Escravo, tendo em vista que a configuração do Ser como “Em-si e Para-si”, de Hegel, coincide logicamente com a configuração narcísica em Freud e o Discurso do Mestre em Lacan, além de Hegel reconhecer o estado de alienação das massas e debitá-lo a uma Astúcia da Razão.

A situação é mais dramática e abjeta sobre o que somos enquanto sociedade, em nossas formações grupais. Desde 1967, na Proposição, Lacan já previa a escalada da violência, dos racismos, das segregações e extermínios, e eleva o Campo de Concentração a um conceito ao elegê-lo como precursor e modelo paradigmático, anunciando “a ascensão de um mundo organizado por todas as formas de segregação”.



As segregações nas formas dos racismos têm sido chamadas atualmente de estruturais já que os atos segregacionistas se repetem e as pessoas sofrem violências e extermínios a partir de marcadores raciais e étnicos, sexistas, estéticos e outros, além de todos os tipos de assédios apesar de que em seus discursos conscientes ninguém, com raras exceções, se considera ou se declara racista, machista, sexista. Pelo contrário, todos dizem querer o bem e o belo para si e para os semelhantes, e o abismo se abre entre o que se diz e o que se faz, sendo que a verdade está nos atos.

A hipótese que a extensão da psicanálise nos indica sobre a raiz estrutural das segregações é situá-la na essência dos laços sociais, precisamente na condição de alienação em que o homem moderno se encontra perante as estruturas metafóricas e metonímicas do saber insabido do inconsciente assim como às estruturas político-econômicas do modo de produção capitalista conforme Marx formulou.

As inibições, a angustia, todos os embaraços e impedimentos dos sintomas, e todas as demais formações do inconsciente, são provas irrefutáveis da alienação

ao inconsciente que determina repetições dolorosas, agressivas e autoagressivas de forma compulsiva, à revelia do nosso querer consciente ou nossas demandas, e o fato da concentração irrefreável do capital e de que existe extração de mais-valia, que é mais-de-gozar, em todo vínculo de troca comercial, prova a alienação ao Capitalismo, pois repetiremos isso mesmo que em nossa consciência nos declaremos anti-capitalistas, socialistas ou comunistas.

No Seminário 11 (1985, pg. 205) Lacan diz: “Esta alienação, meu Deus, não se pode dizer que ela não circula hoje em dia. O que quer que se faça, sempre se está um pouquinho mais alienado, quer seja no econômico, no político, no psicopatológico, no estético e assim por diante”. Ele mostra que o vel da alienação é uma operação tão essencial e corriqueira em qualquer vínculo social onde nos fundamos, que brinca: “Não há meio de me seguir sem passar por meus significantes, mas passar por meus significantes comporta esse sentimento de alienação que os incita a procurara pequena diferença. Infelizmente, essa pequena diferença lhes faz perder a importância da direção que lhes mostro”.

É exatamente na identificação aos grupos que Freud situa as segregações através de um mecanismo que parece ridículo diante dos desastres que acarreta, e que ele chama “Narcisismo das Pequenas Diferenças” e Lacan traduz diretamente como “terror conformista” no texto sobre “A Situação da Psicanálise em 1956”.

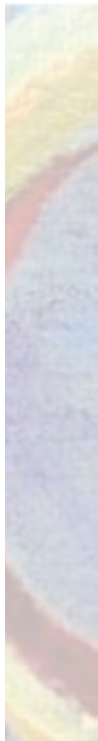
As identificações produzem identidades, e essas identidades grupais se apoiam em pequenas diferenças que ganham valores de traços distintivos ou traços identitários, que Lacan traduz como “traço unário” a partir do “EINZIGER ZUG” freudiano, porque a partir deles se fundam identidades grupais segregando automaticamente os de fora desses traços, e essas identidades são defendidas ferozmente produzindo dissensões, violências, segregações e extermínios. Cor de pele codificando brancos e não brancos, aparências estéticas, posicionamento político ou sexuado definem grupos que praticam segregações intra e extra-grupais. A distinção grupal entre Nós e Eles se transforma em Nós Contra Eles por diferenças ínfimas.

Nas “Observações Sobre o Relatório de Daniel Lagache”, Lacan se refere a esse traço como “um objeto reduzido à sua realidade

mais estúpida, porém colocado por certo número de sujeitos numa função de denominador comum”. Lacan afirma não haver discurso que não seja do semblante, e também, no RSI, que a consistência da realidade é imaginária assim como a insistência é simbólica e a ex-sistência é Real, formulações que coincidem com a tese antiga de que a realidade é o a aparência, o véu de Maia, como a concepção dos filósofos gregos para os quais o que existe do Ser é o que dele aparece, o que dele se mostra. Badiou define modernamente: “o Ser está suturado à sua apresentação”, a ser distinguida da representação.

Por exemplo: no texto sobre “A Ciencia e a Verdade” Lacan diz que após as dialéticas de Ser-Ou-Não-Ser e a de Ter-ou-Não-Ter o Falus, a sexuação se estabiliza na dialética do Parecer ou “Pare-Ser”, donde vemos que menino ou menina é aquele que parece ter ou parece não ter o falo; seres de semblante, discurso de semblante ou aparência.

No entanto, os gregos antigos já apontavam a necessidade de distinguirmos a apresentação ou a aparência, da falsa aparência, que eles chamam de Simulacro, introduzindo aí a questão da verdade, o que me faz postular a hipótese de que estamos passando



da Era do Semblante lacaniano para a Era dos Simulacros, porque está cada vez mais difícil distinguir, nos espetáculos das exposições midiáticas, os verdadeiros dos falsos semblantes, prova que falsários sempre existiram.

Como está na abertura do Édipo Rei, de Sófocles, “nada de grandioso entra na vida dos mortais sem uma maldição”. Freud mostrou que os deuses de prótese têm os pés de barro, e por mais que os acréscimos protéticos das ciências nos dotem de poderes antes divinos, eles não nasceram conosco, e a cada um que se incorpora perdemos algo que fazíamos por nós próprios e ficamos alienados e dependentes de suas novidades.

O que passa a ser possível torna-se obrigatório, sob pena de depressões e perdas de autoestima. Se eu não tenho as novas próteses e gadgets, se não tenho o meu FACE, o meu INSTA ou qualquer dessas novidades, estou por fora do pertencimento a essas identidades grupais. Se antes a necessidade era a mãe das Invenções, nesse novo mundo criam-se necessidades nem sonhadas nem imaginadas nem demandadas e a civilização torna-se, como dizia Mark Twain, “uma ilimitada multiplicação de

necessidades desnecessárias”. De repente os celulares adquirem novas funções sem as quais não poderemos mais viver, numa aceleração de absolescência e consumo, numa inversão da demanda e do desejo. Se buscamos um tema ou produto, a tal inteligência envia centenas, nos capturando e fixando no que vendem, escolhendo e decidindo por nós. Em “Análise Terminável e Interminável” Freud viu o homem do nosso tempo na figura de Serguey Pankjefff que, com tantos sintomas e sofrimentos bizarros, chegou, para análise, ainda nobre e rico, com um séquito de médicos, enfermeiros e pajens que faziam tudo por ele, de modo era incapaz de cuidar de si, nem vestia a si próprio e, por isso, Freud declarou: “Atendi um homem estragado pela opulência”.

As pessoas dos outros tempos eram educadas pela férrea necessidade e, por isso, mais resistentes e duras na queda que os mimados pelo Capitalismo. Se a violência segregacionista é estrutural levando ao nível do Holocausto, e o laço social prevalente no Discurso do Capitalista é o confronto de todos contra todos, como diz Marx, como vamos estranhar as

competições, as dissensões, as sedições, os conflitos inescapáveis de consciências mestras inclusive em nosso campo? Basta estar numa situação de rivalidade ou concorrência, até uma briga de trânsito em que todos têm certeza de estar com a razão, para que o sujeito dos discursos do Bem se transformem em bestas-feras lacanianas.

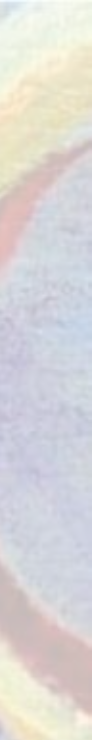
O mais importante e oportuno discurso extensional da Psicanálise me parece ser a Psicanálise das Massas, porque o mundo internético produz e desfaz massas artificiais a partir de todas as formas banais de traços identitários, e a agressividade campeia nos discursos de ódio e nos atos correspondentes, cancelamentos, assassinatos de reputações, maledicências e fake-news. Como um usuário pode distinguir a Psicanálise dos seus simulacros, dos falsários atuais sobre os quais falamos neste evento?

E a análise freudiana das massas também nos habilita para pensar as burocracias, enquanto concretização do Discurso Universitário, como formas de massas artificiais congeladas por hierarquias. Não foi a alienação à máquina burocrática do Nazismo possibilitou que Eichmann comandasse o extermínio de

centenas de judeus, e outros, pelo traço unitário segregacionista do marcador Arianos X Não-Arianos, sem dramas de consciência, arrependimentos ou qualquer reflexão? Em sua consciência ele apenas cumpria seu dever, alienado aos discursos dos seus dirigentes sem ser perverso, como observou, atônita, a filósofa Hannah Arendt.

Mas, um sujeito se constitui pela segunda operação estrutural, sucedente à alienação, que Lacan chama Separação, e sobre a qual ele inventa um neologismo com a raiz latina do termo, equivalendo SEPARER com SE-PARIR, engendrar-se como sujeito. Se psicanálise em intensão pode dar conta dos sintomas no nível do singular possibilitando certo nível de separação das alienações necessárias, pela retorificação do discurso do analisante, até que, num final ideal, ele possa entrar e sair de tudo e todos, alienar-se para produzir saber sem ficar fixado nesse vel, a alienação às estruturas político-econômicas do Capitalismo, que nos torna sintomas sociais, é incontornável e inescapável, não havendo separação possível.

Lacan disse saber que não podia criticar o Capitalismo a sério, porque a cada vez que



fazia isso, ele o reforçava. No documentário sobre O Dilema das Redes consta o relato de um CEO monetizador da Tecnologia da Informação que começou a ter crises de consciência, angústia e sintomas difíceis, ao se dar conta dos estragos que suas ações causavam no mundo e, por isso, como separado, passou a criticar o capitalismo das redes com o temor correspondente de ser cancelado, perder seu prestígio e suas riquezas, e teve a surpresa de ficar mais rico e mais famoso com suas críticas. Criticou e reforçou, atacou e foi assimilado pelas astúcias do Capitalismo. Arremato este texto tomando de empréstimo o que disse o poeta Manoel de Barros sobre os efeitos que a atividade poética tiveram nele. Em vez de mestrias e empoderamentos, a prática psicanalítica e o discurso que a sustenta me ampliaram para menos, e continuam me minorando até que eu mesmo encontre o alojamento da Deusa, a Morte, o Mestre Absoluto de Hegel e de Lacan.



Helson Ramos

Psicólogo e Psicanalista/ Bahia

AS FORMAÇÕES DO MERCADO

Leonardo Danziato¹¹

RESUMO

O autor desenvolve uma discussão acerca da formação do analista, debatendo os efeitos da instalação do discurso neoliberal no mundo contemporâneo, assim como as consequências discursivas, políticas e mercadológicas do estabelecimento de uma outra relação entre o saber e a verdade. Para tanto recorre às proposições de Foucault e Lacan sobre as relações políticas e discursivas entre o saber e a verdade, mas também sobre a constituição histórica dos mercados do gozo e do saber.

Palavras-Chave: Formação do analista. Saber. Verdade. Neoliberalismo.

THE MARKET FORMATIONS

ABSTRACT

The author unravels a discussion regarding the analyst formation, debating the effects of the neoliberal discourse installed in the contemporary world, as well as addressing the discursive, political

¹¹ Psicanalista; Pesquisador e professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor).
Email: leonardodanziato@unifor.br

and market consequences of the formation of another relation between knowledge and truth. To achieve that, the author turns to Foucault and Lacan propositions concerning political and discursive relations between knowledge and truth, but also about the historic establishment of the jouissance and the knowledge markets.

Keywords: analyst formation; knowledge; truth; neoliberalism

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos vimos o surgimento de várias propostas de “formação em psicanálise” que se apresentam de uma maneira que podemos denominar de mercadológica. Apesar de Lacan ter afirmado que não existe a formação do analista, mas só “formações do inconsciente” (Lacan, 1973/1985), nada nos impede de dizer, com o tom sarcástico, que agora também existem as formações do mercado, exatamente porque nada querem saber das formações do inconsciente.

Por outro lado, essa expressão permite jogarmos com o genitivo objetivo e o genitivo subjetivo que ela implica: “as formações do mercado” se referem ao mesmo tempo ao que o mercado oferece – genitivo objetivo – mas também à como o mercado se forma – genitivo subjetivo. Ou seja, as formações também formam o mercado.

Parto, então, da constatação de que o mercado, esse grande Outro do mundo capitalista e contemporâneo, também se apropriou e mirou sua sanha de lucro e de produção nos processos de formação do analista. Obviamente que essa apropriação indébita se estabelece dentro de um movimento mais amplo, que diz respeito à instalação do discurso capitalista e neoliberal no mundo contemporâneo como uma nova “racionalidade” dominante.

Lembro que as críticas de Lacan aos modelos de formação da IPA os situavam de acordo com uma lógica e uma burocracia universitária, assim como uma hierarquia que promovia o que ele denominou de uma “cooptação de doutos” (Lacan, 2003, p.250). Entendo que estamos num momento um pouco diferente daquele criticado por Lacan por ocasião do seu “Retorno à Freud”. Agora, no mundo onde o capitalismo triunfou, quando o neoliberalismo se apresenta

com seus efeitos de discurso dominante, e a influência das redes sociais dão o tom das relações sociais e pessoais, observamos uma condição mercantil com o saber muito mais pregnante. Não custa lembrar que a proposta de uma graduação em psicanálise emergiu de uma grande corporação empresarial no campo da educação.

O modelo pós-moderno da empresa que já invadira todas as instituições sociais, tais como o Estado e a Igreja – fenômeno muito próprio do neoliberalismo – não deixaria incólume as instituições de psicanálise. As empresas educacionais e religiosas buscam se apropriar do furo na regulamentação do ofício de psicanalista, buscando padronizá-lo aos moldes universitários e empresariais. O furo precisa ser mantido...

Há, por outro lado – mas ainda como um efeito da instalação desse discurso neoliberal – um fenômeno curioso de uma promoção mercadológica do “nome próprio”, que tomou de assalto as redes sociais, e que parece determinar uma “autorização por conta própria” e não uma “autorização de si mesmo” (Lacan, 2003), por parte de alguns que se nomeiam

psicanalistas. Nesses casos é a própria ideia de uma Escola como espaço de formação que fica interrogada e dada como descartável. Por vezes tenho a impressão que dispensam a Escola, substituindo-a pelo Instagram. Não custa lembrar que Lacan ao afirmar que “...o psicanalista só se autoriza de si mesmo”, acrescenta que “isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação” (p. 248).

Gostaria de me referir ainda à outra passagem da “Proposição...” (Lacan, 2003), que diz respeito mais diretamente ao nosso tema, quando Lacan, em 1967, faz uma previsão espantosa. Comentando o remanejamento dos grupos sociais como efeito da ciência, conclui que “Nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação” (p. 263). Eis o que a expansão do mercado forma... Certamente a psicanálise e os psicanalistas devem resistir a isso.

Vou, então, tentar dizer algo sobre como esses processos se deram, encaminhando meus comentários a partir de dois aspectos: a instalação do discurso neoliberal e seus efeitos



no mundo contemporâneo; as consequências discursivas, políticas e mercadológicas do estabelecimento de uma outra relação entre o saber e a verdade.

OS EFEITOS DO NEOLIBERALISMO¹²

Para que possamos estabelecer o que estou chamando de neoliberalismo vou lançar mão de uma definição de Dardot e Laval (2016), quando o concebem não apenas uma ideologia, ou um tipo de política econômica, mas como “...um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (p. 07). Foucault adverte que ele não deve ser considerado simplesmente uma ressurgência das velhas formas da economia liberal do século XVIII e XIX. O que se apresenta agora é muito mais do que deixar o mercado livre, sendo o Estado seu supervisor, como se propunha o liberalismo moderno. Hoje é a própria ideia de mercado que deve servir de

forma e modelo para o Estado e para toda a sociedade (Foucault, 2008, p. 160). A racionalidade sócio-política e subjetivante da cultura passa a ter como referência o modelo da empresa e todos os seus (entediantes...) discursos da “gestão”.

É neste dispositivo que se fabrica um “sujeito empresário de si mesmo” a partir de saberes pragmáticos, tecnológicos, caracterizados pelo uso de um vocabulário próprio, amalgamando termos computacionais, neurológicos, empresariais e pragmatistas. Uma marca comum nesse emaranhado de práticas tecnológicas é a centralidade da perspectiva do sujeito como gestor de si a partir do recurso às técnicas sugestivas. A implicação disso, é que subjacente às técnicas milagrosas e garantidoras da felicidade e do sucesso, há sempre gurus, autores best-sellers, empresas especializadas, cursos itinerantes, ou seja, um verdadeiro mercado de tecnologias e saberes que cada vez mais seduz seus consumidores, e que está muito explícito, obscenamente explícito, na redes sociais. A

¹² Nessa parte do texto sobre o neoliberalismo retomo algumas passagens do artigo “Efeitos políticos e clínicos da governamentalidade neoliberal” escrito conjuntamente com os colegas Raul Max Lucas Costa e Paulo Henrique de Oliveira Arruda.

formação do analista, parece ter sido capturada neste dispositivo sendo submetida às proposições as mais esdrúxulas.

Uma outra das principais características deste *Homo Oeconomicus*, como o define Foucault, diz respeito ao fato que ele ultrapassa a concepção moderna de “sujeito do direito”, nascido na Revolução Francesa, e ainda regido por uma lógica coletiva dos direitos e deveres, muito própria de um “razão prática” kantiana. Seu funcionamento não se pauta mais nos grandes ideais modernos, nem tampouco se preocupa diretamente com o bem coletivo. Trata-se de um “sujeito do interesse”, que não obedece mais a mecânica do sujeito do direito pautada na renúncia e limitação desses interesses privados. (Foucault, 2008, p. 375). Trata-se, portanto, de um sujeito supostamente autônomo, dirigido por seus interesses privados, cujo modelo do mercado contamina suas relações sócio simbólicas. Estamos diante da gênese do sujeito do capitalismo pós-moderno.

Nesse funcionamento, constatamos uma íntima articulação entre gozo e desempenho, estabelecendo uma lógica discursiva profundamente

individualizada, psicologizada e apolítica, que produz o definimento dos quadros institucionais e das estruturas simbólicas subjetivantes. Encampa a ideologia da escolha, do direito ao gozo, de viver como bem se entende à mercê das vontades pessoais. Por outro lado, responsabiliza o sujeito pelos efeitos nefastos da competitividade neoliberal, fazendo-os considerar tais efeitos como fracassos pessoais. Não é preciso ir muito longe para deduzir daí algumas consequências clínicas e institucionais importantes, inclusive para o estabelecimento de uma transferência com uma instituição/escola.

O que alguns autores denunciam (Dardot E Laval, 2016; Danziato, 2010) é que o efeito maior desta alienação do sujeito ao Outro empresarial, seria esta crença na posição do colaborador que trabalha para si mesmo. As chamadas “novas patologias” seriam, assim, o avesso dos ideais de desempenho e de funcionalidade: depressões, adic-ções, hipomanias, etc. Eis a dupla face da governamentalidade neoliberal: o rosto triunfante do sucesso sem pudor; e o aspecto deprimido do deletério fracasso (Dardot E Laval, 2016, p. 373). Trata-se de uma “cisão bipolar” que oscila entre uma coação



incessante desse imperativo do desempenho e da eficácia, e por outro, paradoxalmente, um convite ao gozo, à apatia, à desobjetivação e à destruição.

Esses não seriam os efeitos do que Lacan (1978) denominou do discurso do capitalista? Uma de suas características é dissolver as impossibilidades dos discursos. Os quatro outros discursos denominados por Lacan de “radicais”, portam esse nome porque estariam submetidos a duas impossibilidades do real, próprias da estrutura de linguagem: a impotência e a impossibilidade, entendidas aqui no seu sentido lógico.

É também por conta desta composição discursiva que a psicanálise, nesse contexto neoliberal de mercantilização do saber, é taxada como anacrônica, atrasada, demorada e dispendiosa, quando não capitalizada pela literatura motivacional e também pelas empresas, hábeis vendedoras de cursos, títulos e formações do mercado.

O MERCADO DO SABER E DA VERDADE

Lacan e Foucault, cada um à sua maneira e com objetivos

diferentes, tentaram demonstrar que a modernidade operou uma mudança na relação discursiva entre o lugar do saber e da verdade, o que determinou a emergência das mais variadas práticas e saberes.

Foucault (1987, 1988) comprovou historicamente a intensificação da produção desses saberes, que respondiam às demandas políticas de ordenação, de adaptação e de subjetivação, sustentadas por uma lógica do *poder disciplinar*, por uma *anátomo-política* e uma *biopolítica* que marcaram a condição genealógica da modernidade.

Lacan, por sua vez, tentando entender certa posição da psicanálise diante da ciência e da modernidade, sugere que, nesse momento histórico, constitui-se um “mercado do saber” (Lacan, 1968-69/2004), fruto de uma mutação operada por uma cumplicidade política e discursiva entre filosofia, ciência e capitalismo. A verdade teria feito junção com o saber, o que fundou um mercado do saber e da verdade. A partir daí, o saber passa a ser também um produto a ser ofertado, como lenitivo para a clivagem do sujeito, em suas catedrais universitárias, além de participar na produção dos objetos no mercado do gozo capitalista.

Essa cumplicidade política e discursiva entre filosofia, ciência e capitalismo produziu, na modernidade, uma relação de totalidade entre o saber e a verdade. O cogito cartesiano teria sido o momento inaugural desse atrelamento entre o saber e a verdade, momento de reforçamento do sujeito da ciência, que Lacan define por um “ancoramento no ser” (1998, p. 870) – uma atadura do ser.

Foi Descartes, portanto, quem instituiu o *sujeito suposto saber*, ou seja, um lugar transferencial onde o saber pode ser totalizado, um Outro (A) onde se situa a garantia do *tudo-saber*. O Deus de Descartes ocupa esse lugar, já que seria a garantia das verdades eternas (Lacan, 1988; Porge, 1998).

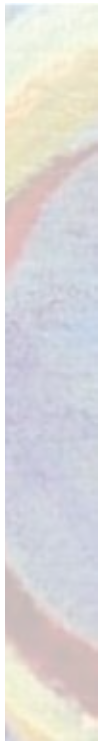
Para Lacan (1967-68), essa operação implica uma recusa originária, por parte de Descartes, daquilo que caracteriza o sujeito freudiano: a clivagem do sujeito. Essa recusa – movida pela angústia diante da dúvida – marcaria de uma vez por todas a relação discursiva da ciência com o saber e a verdade, implicando assim a recusa de uma verdade própria da dúvida, verdade essa que viria a se configurar como a verdade psicanalítica de uma divisão estrutural do sujeito, de

uma falha inaugural. É essa recusa, essa forclusão da verdade da divisão do sujeito que vai marcar de uma vez por todas as discussões e os desentendimentos entre psicanálise, ciência e universidade.

Essa recusa da clivagem do sujeito é o que também encontramos nas propostas das formações do mercado. Como disse, a própria ideia de que seria possível formar analistas num percurso de graduação, ou mesmo em dois ou três anos de estudos universitários, denuncia a extravagante recusa ou ignorância de um axioma da psicanálise: a clivagem do sujeito. Esse risco, contudo, também pode pairar nas reconhecidas instituições de psicanálise – inclusive as lacanianas – quando estabelecem estágios, ou níveis no ensino da psicanálise, arremedando o modelo universitário.

CIÊNCIA, CAPITALISMO E MERCADO DO SABER

Essa junção do saber com a verdade, efeito da cumplicidade entre ciência e capitalismo, teria possibilitado, então, o surgimento da ciência e de seu mercado, que se estabelece como um *mercado do gozo*, com a produção dos objetos-mercadorias, mas tam-



bém como um *mercado do saber* (Lacan, 2004), com as suas instituições universitárias.

Podemos acrescentar que hoje, além das instituições propriamente universitárias, as redes sociais encampam essa lógica do discurso universitário para promover esse mercado do saber: cursos, seminários, formações de todas as ordens são ofertadas nos Instagrams e Facebooks. Ressalto que não se trata de um triunfo da ciência, mas um triunfo do saber, ou para seguir Lacan (2004), um triunfo do “tudo-saber”. Foucault nos ensinou que um saber não precisa seguir o rigor científico para angariar o poder de enunciar uma verdade: vide o saber e a prática psiquiátrica.

É nessa condição de objeto de um mercado que podemos entender a economia dos saberes na contemporaneidade e o seu lugar de produção nas universidades. Assim situado, o saber passa a ser também, como disse, um produto a ser ofertado, participando na produção dos objetos no *mercado do gozo* capitalista.

Assim, ao instituir um mercado do saber, a modernidade delimita um lugar político da verdade, e encena relações muito precisas de poder, que demarcam a instauração de um

novo mestre – o mestre moderno (Lacan, 1992) – assim como um espaço institucional e discursivo responsável pela sua sustentação e produção: a universidade e o discurso da ciência.

O saber moderno, portanto, se institui como o lugar da verdade recusando toda “verdade para fora da dialética do sujeito e do saber” (Porge, 1998, p.117). O real fica, assim, escamoteado; delira-se com a possibilidade do sujeito tudo-saber, e não há buraco que não possa ser tamponado. Isso tem, inevitavelmente, repercussões políticas, já que esse novo saber, esse *tudo-saber* (Lacan, 2004, p. 29) estabelece o que Lacan denomina uma “nova tirania do saber” (2004, p. 30), instituindo-o como o operador político da verdade na modernidade.

O enraizamento do discurso da ciência na cultura promoveu esses fenômenos que tomavam o saber (S2) como sendo aquele agente que poderia intervir sobre o real. O higienismo, o nazismo e o comunismo, são boas ilustrações de como isso se manifestou no nosso mundo moderno.

O que se estabelece aqui é uma outra relação entre o saber, a verdade e o real, na forma de

uma absolutização do mercado do saber (Lacan, 2004). O que se produz neste momento é uma ilusão ideológica, cientificista, de apreensão e de ordenamento de todo o real pelo simbólico, da constituição de uma “nova tirania do saber” (Lacan, 2004). O saber – científico ou não – onipotente passou a tentar reger todo o real; acreditou-se piamente que tal saber poderia suturar, obturar todos os buracos da humanidade, curar todas as suas mazelas; bastava que fosse aplicado ao real.

O projeto político moderno é todo ele determinado por essa relação totalizante entre o saber e a verdade.

O NÃO-SABER DA PSICANÁLISE E A NÃO RELAÇÃO SEXUAL

Como disse, a relação que o discurso da ciência e o discurso universitário mantêm com o real se estabelece a partir dessa forma do saber-agente (S2), de um *tudo-saber*, que se apresenta como a crença de que se pode saber *toda-a-verdade* e assim, formar sujeitos – topologia própria do discurso universitário, tal como formulado por Lacan (1992).

Essa relação topológica só poderia determinar vários contratempos e desentendimentos nas relações entre psicanálise, ciência e universidade, isso porque, como nos lembra Lacan (2004), o saber da psicanálise é o saber de uma falha, um saber impossível, um saber do seu objeto – o objeto pequeno a – que implica uma impossibilidade do campo do real. Não há saber do objeto a que possa suturar a cisão do sujeito, daí porque o saber inconsciente não permite uma ontologia, pelo contrário, apresenta a hiância, a fenda por onde se pode, em psicanálise, definir o sujeito em sua evanescência. Trata-se, portanto, de um *saber do real* (Lacan, 2002) como o saber de uma impossibilidade.

Numa primeira perspectiva em sua obra Lacan demonstrou que a relação constitutiva do sujeito com o Outro é marcada por uma dialética do desejo onde se encena uma perda originária – *Urverdrängung* (Freud, 1915/2010) – de maneira que o desejo do Outro se apresenta como um enigma, como uma falta de saber que induz o sujeito a produzir uma demanda de saber (Lacan, 1998b). Ou seja, ela funda um sujeito marcado pela relação constitutiva com



o Outro, mas ancorado não em uma garantia de um saber absoluto, mas, pelo contrário, na falta, na divisão – *spaltung* – que implica a relação do sujeito com a falta do significante no campo do Outro - S(A). Nesse sentido, ao contrário de como se apresenta em Descartes, o saber do Outro não garante uma sutura da clivagem do sujeito, já que não sabe toda a verdade.

Essa forclusão do sujeito e essa relação de totalização entre o saber e a verdade sustentam também outra ética, de forma que, ancorados pela topologia do discurso universitário (Lacan, 1992), observamos a produção de saberes-teorias que nada querem saber do sexual, ou melhor, da “não-relação sexual” (Lacan, 1985; 2003a).

Amparados por uma concepção do sujeito cognitivo, lançam-se em uma empreitada inglória para desconhecer ou governar o real do corpo, do sexo e da morte. O cognitivismo é a mais recente ideologia que anima a ideia neoliberal, capitalista e estática de um sujeito sem desejo e sem gozo, e que, por isso mesmo, poderia ser reprogramado para melhor desempenho; trata-se de uma nova *Weltanschauung* (Freud, 1933/1976) de uma

visão de homem contemporânea que o situa analogamente a um computador.

Para a psicanálise, a relação do sujeito com o saber implica o desejo e o gozo, pois atravessa seu corpo na encarnação da letra no real do corpo fazendo bordas em seus orifícios pulsionais. Não se trata de uma capacidade cognitiva, senão de uma “linguística”, ou uma “lalíngua” (Lacan, 1985, 2003a), que não pode ser considerada sem sua função de grafia do real do gozo do corpo. Não é possível, portanto, falar ou pensar sem considerar o desejo e o gozo. É por isso mesmo que o “pensamento é gozo” (Lacan, 1985). Obviamente, isso subverte toda a nossa tradição cartesiana e também universitária relativa ao saber e ao pensamento. Por isso mesmo que a formação do analista não poderia jamais acreditar na programação semestral e no acúmulo universitário do saber-conhecimento como um modelo de autorização.

A relação discursiva que Lacan estabelece entre o saber, o gozo e a verdade diz respeito, portanto, aos limites e as bordas possíveis na relação impossível com o real: “O real não é antes de mais nada para ser sabido”, diz Lacan (2003a, p. 442), insinuando

que não se trata de sabê-lo, mas de bordeja-lo. A verdade não passa de um lugar no discurso que delata a impotência em tudo-saber, ou de dizê-la toda; a verdade é “não-toda” (Lacan, 1985). Essa incompatibilidade, contudo, é produtiva, pois, como diz Lacan, muita coisa “se fabrica a partir do fato de saber e verdade serem incompatíveis” (2003a, p. 441).

POLITIZAR O SABER, A VERDADE E O GOZO

Há, como vimos, um movimento discursivo próprio do projeto político moderno que busca reinserir toda a verdade no campo do saber, almejando uma gestão e um controle *pleno* do real e do gozo. Isso fica claro nos projetos disciplinares e biopolíticos criados na modernidade, tais como os já citados acima: o alienismo, o higienismo, a medicalização das condutas e dos corpos, o comunismo, o nazismo, e, mais contemporaneamente, o “controle” (Deleuze, 1992) e o neoliberalismo, próprio das sociedades pós-modernas. Esses exemplos comprovam a ironia de Lacan ao afirmar que “a verdade suporta tudo: a gente mijá, tosse e cospe nela” (2003a, p. 440).

O caráter político intrusivo da psicanálise – e por isso mesmo rechaçado – é acusar a *sutura* simbólica ou imaginária na qual os discursos podem incorrer no afã de grafar uma verdade, diante dessa impossibilidade marcada pelo real. Esse descompasso, esse desencontro fundamental entre o saber e a verdade não evita, contudo, o agenciamento e a capitalização da angústia que daí resulta; pelo contrário, isso funciona como *causa* desses movimentos discursivos. A verdade, em sua face de real, em sua impossibilidade estrutural, pode ser manipulada política e discursivamente, dependendo de onde esteja situada, de onde se localize o saber e o gozo que lhe concerne.

A psicanálise, em sua intrusão política, acusa o fracasso das totalizações, das universalizações, e das “universitarizações”, já que acusa também os limites e o fracasso de sua própria suposição de cura. É, nesse sentido que afirmo que a psicanálise desvela a verdade da política. É ela própria o retorno de uma verdade do sujeito, política e discursiva, um “sintoma da modernidade” (Lacan, 2004).

No seminário “O Averso da Psicanálise” Lacan profere uma



de suas incisivas frases que cinge de forma contundente ao mesmo tempo a clínica e a política. Diz ele: “Não esperem, portanto, do meu discurso nada mais subversivo do que não pretender a solução” (Lacan, 1992, p. 66). Espero que também escutem a sutileza escandalosa desta proposição, muito especialmente nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

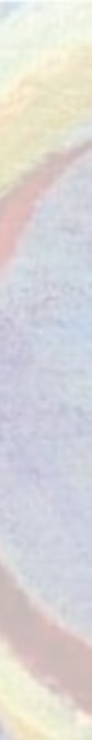
- Danziato, L. (2010). *O Dispositivo do Gozo na Sociedade de Controle*. Psicologia & Sociedade, nº 22 (3), pp.430-437.
- Dardot, P e Laval; C. (2016). *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Deleuze, G. (1992). *A sociedade de controle*. In *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed 34.
- Foucault, M. (1979). *A casa dos loucos*. In *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Foucault, M. (2008). *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1933/1976). *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. Conferência XXXV – a questão de uma Weltanschauung. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1915/2010c). *Os Instintos e seus Destinos*. in. *Obras Completas*, volume 12: Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916); tradução Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1967-1968). *O ato analítico*. Livro XV. Notas de Curso. Mimeo.
- Lacan, J. (1973/1995). *Sobre a experiência do passe*. In: Documentos para uma Escola II: Lacan e o Passe. Documento de circulação interna da Letra Freudiana – Escola Psicanálise e Transmissão. Rio de Janeiro: 1995, ano XIV, nº 0□.
- Laca, J. (1978). *Lacan in Itália*. La Salamandra.
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998a). *A ciência e a verdade*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. in. *Outro Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003a). *Radiofonia*. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2004). *De um outro ao outro. Seminário 16*. (Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife CEF – Recife, Seminário dos anos 1968-69).
- Porge, E. (1998). *Os nomes do pai em Jacques Lacan. Pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.



Leonardo Danziato

Psicanalista, Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Unifor (Universidade de Fortaleza).





SABER INCONSCIENTE: O QUE É EXIGÍVEL PARA SUSTENTÁ-LO?

Arlete Garcia¹³

Resumo

A pergunta sobre a formação do analista nos introduz em um campo distinto das profissionalizações reguladas por critérios estabelecidos. O artigo busca levantar as bases teóricas em Freud e Lacan que sustentam o advento do analista.

Palavras-chave: Saber. Inconsciente. Analisante. Ato analítico.

Resume:

The question about the formation the analyst's formation introduces us to a different field of professionalizations regulated by established criteria. The article to raise the theoretical bases in Freud and Lacan that support the advent of the analyst.

Keywords: Know. Unconscious. Analyser. Analytical act.

Há 2 modos de se inserir na questão da Formação do analista. Uma é relativa ao próprio discurso analítico, ou seja, como resposta à pergunta: como advém um

¹³ Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana. Endereço eletrônico: anarti@uol.com.br

analista? E outra é relativa ao que chega do exterior, como a tentativa de regulamentação da Psicanálise no Brasil em 2002, através de um projeto de lei de um deputado Federal.

Quanto à segunda forma, se instituiu na época um movimento autodenominado articulação que uniu as diferenças que regem as distintas escolas de psicanálise pelo discurso analítico. A proposta foi e ainda é de instituir uma trincheira junto ao órgão da lei, no caso o congresso nacional, com o compromisso ético com a palavra inaugural de Freud. A pergunta do que regulamenta a psicanálise corre o mundo e tem respostas diferentes nos diferentes países. Em alguns países, há a tentativa de regulamentar a psicanálise com o movimento de coloca-la como uma das muitas psicoterapias. Em alguns países, este movimento foi bem sucedido. No Brasil, conseguimos seguir fazendo resistência, mas o último assalto surpreendeu, porque estávamos a postos frente ao congresso nacional, mas tomaram uma brecha existente na lei, onde um curso universitário pode ser instituído e depois solicitar aprovação do Mec. A partir disso, me parece mais importante ainda que o tema formação do analista

possa ser veiculado e discutido entre nós. E é nesta dimensão que vou me alongar.

A pergunta sobre a formação do analista, já nos introduz em um campo distinto das profissionalizações que são reguladas por critérios já estabelecidos. A existência deste questionamento abre o campo para a singularidade da proposição de Freud ao fundar a psicanálise. Em 1926 Freud teve que se enfrentar com esta questão e o faz em um texto – A questão da análise leiga – que se organiza de forma muito peculiar: conversações com uma pessoa imparcial. As formulações de Freud estão endereçadas a um ouvinte que é chamado a ocupar uma posição de imparcialidade (*Unparteiischen*). Trata-se de uma escuta não impregnada de um saber à priori. O modo de transmissão peculiar da psicanálise é demonstrado por Freud, pela organização do texto em que alguém fala, com enorme rigor dos conceitos, a alguém que é capaz de ouvir sem a fixidez dos saberes constituídos, alguém imparcial. O modo de transmissão está conectado com o tipo de saber que se institui com a psicanálise.

O conceito do Inconsciente produz um novo discurso e introduz uma dimensão de saber

que longe de ser bem recebida pela humanidade, provoca uma resistência. São com estas palavras que Freud em 1917¹⁴ aborda o que é singular à psicanálise e a dificuldade que ela encontra em ser reconhecida por esta mesma singularidade.

Com o inconsciente revela-se um saber que não é da ordem do conhecimento, apesar de funcionar sob o domínio da linguagem. A apreensão de uma informação recebida não produz o efeito de tornar este saber sabido, produz longe disso, a recusa deste saber. “Saber nem sempre é a mesma coisa que saber: existem diferentes formas de saber, que estão longe de serem psicologicamente equivalentes.¹⁵” Estas diferenças nos saberes se marcam pela existência de “mais de uma espécie de ignorância”. Existe um saber onde a apreensão da informação não produz o efeito da ausência da ignorância, mas sim de recusa ao saber. Depois de informado pelo analista, o paciente sabe tanto quanto sabia antes. A especificidade

desse saber se fundamenta na especificidade da ignorância. Há um não-saber ou uma ignorância cuja modificação se baseia em uma “modificação interna do paciente” e cujo trilhamento só pode ser realizado na “dinâmica da construção do sintoma”.

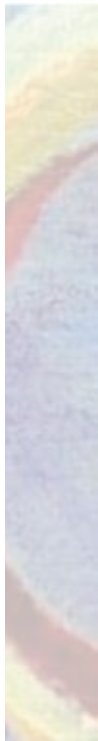
A dimensão do Inconsciente introduz uma espécie de saber que provoca uma resistência que não é da ordem da dificuldade intelectual, mas do que chama dificuldade afetiva. Afetiva por tratar-se daquilo que afeta o ‘eu’ do homem. O inconsciente é um saber onde “o eu não é o senhor de sua própria casa”¹⁶. Isto abala muito o narcisismo do homem.

A psicanálise se funda ao instaurar uma experiência que rompe com o estabelecido pelos discursos vigentes. Nos discursos vigentes, há uma relação unívoca entre o saber e o eu, se há saber é porque existe um detentor deste saber. O estatuto do saber introduzido pelo Inconsciente produz um novo discurso. Neste discurso, há um deslocamento do ‘eu’ como senhor de sua morada, para o

¹⁴ Freud, S. (1969). Dificuldades no caminho da psicanálise. Obras completas, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 171.

¹⁵ Freud, S. (1969). A fixação ao trauma: o inconsciente. Obras completas, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 332.

¹⁶ Freud, S. (1969). Dificuldades no caminho da psicanálise. Obras completas, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 171.



sujeito que só surge como efeito de um saber do qual ele não tem domínio.

É digno de nota a imagem que Lacan nos oferece da relação do sujeito com o saber apresentado pela psicanálise “... o sujeito que traz sob sua cabeleira o codicilo que o condena a morte, não sabe nem o sentido, nem o texto nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça enquanto dormia”¹⁷. É sem dúvida um saber que a humanidade não deseja. Há, entretanto, nos diz Freud, pessoas que apesar do incomodo, se sentem “atraídas por algo que pode constituir-se em um novo fragmento de saber”¹⁸.

É a aposta em um novo fragmento de saber que instaura uma experiência sustentada no discurso analítico. Trata-se de uma experiência regida por uma única regra: a associação livre. O que desta regra especifica um saber que funda um novo discurso? Lacan apresenta esta questão com uma pergunta: “O que justifica que a regra que instaura a prática analítica seja chamada associação livre? Livre

não quer dizer outra coisa senão, dispensando o sujeito.¹⁹” Mas que sujeito fica dispensado por esta regra? É aquele que se declara “eu digo o que acabei de enunciar”. A regra da associação livre suspende o sujeito do conhecimento de si mesmo e determina um sujeito que como efeito do significante, não sabe o que diz.

Pelo discurso analítico se presentifica um sujeito que não pode se reencontrar com o que causa seu discurso e por isso não pode afirmar “eu digo”.

Os processos inconscientes são incognoscíveis por si só e são incapazes de conduzir sua existência, buscam formas no simbólico para descarregar seus impulsos. O inconsciente sob a pena de Freud surge como fenômeno no tropeço, naquilo que claudica e indica um saber do qual o sujeito só tem acesso por fragmentos ou por traduções sempre imperfeitas. Os sonhos, os atos falhos, os esquecimentos são os sinais ou o modo de presentificação de um saber que escapa ao sujeito.

A experiência do inconsciente como acontecimento da falta no

¹⁷ Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

¹⁸ Freud, S. (1969). Introdução a conferencia. Obras completas, vol. XV. Buenos Aires: Amorrortu Editores, p. 26.

¹⁹ Lacan, J. (2008). De um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 67.

discurso corrente é conhecida do ser falante. Por esta falta no saber, especialmente se há sofrimento, poderá haver endereçamento a um suposto sujeito que sabe. Na neurose há sempre a suposição de que em algum lugar algo se sabe. O analisante se define então como aquele que sabe que não sabe, mas ao supor um sujeito a este saber, mantém a crença que um dia saberá.

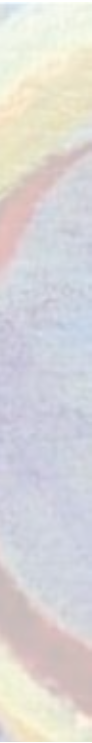
Qual é a consequência da subversão no conceito de sujeito operada pela psicanálise? É que a presença do analista, ou dito de outro modo, o discurso analítico testemunha a perda constituinte na subjetividade. Neste discurso o sujeito não é idêntico a si mesmo, não é o “sou”. O analista sustenta com a regra fundamental a suspensão da função do sujeito do conhecimento e relança a um sujeito que não pode ser representado porque o significante não representa a si mesmo. Produz-se uma perda. Perda de gozo. Esta é a perda que Lacan nomeará objeto a. É também o que Freud chama de mal estar na civilização. A civilização impõe uma renúncia a pulsão e é isso que está na base do fato de que para o homem a felicidade tem restrições o que pode ser experimentado como infelicidade.

É neste sentido que Lacan afirma que a causa do inconsciente deve ser concebida como uma causa perdida. O ser está perdido. O conceito do inconsciente porta como marca do seu fundamento uma subversão do sujeito.

A pergunta que então se coloca, e isso desde os primórdios da psicanálise, o que é exigível para sustentar esta dimensão de saber? A pergunta pela formação do analista.

A implicação do analista está no núcleo do que define e distingue a psicanálise dos outros saberes. No campo da medicina ou em qualquer outro campo, a intervenção do médico ou do físico não modifica fundamentalmente o objeto, intervém sobre o que está a mais ou a menos. Na práxis da psicanálise há, como propõe Freud, a instauração da neurose de transferência, onde o analista é um dos elementos desta neurose. A intervenção analítica modifica a superfície sobre o qual opera, como Lacan vai mostrar com as superfícies topológicas: um determinado corte na superfície do Cross-cap produz uma banda de moebius e um disco.

Em 1912, Freud em um artigo que se insere na série dos escritos técnicos tece recomendações. A primeira observação de Freud



desconstrói a ideia da técnica como padrão comportamental e indica que o cerne está na posição do analista. Ele argumenta que todas as recomendações ou regras pretendem criar para o analista o que corresponde a única regra que institui o analisante, que é a regra da associação livre. O analista deve pôr-se em estado de valorizar tudo o que escuta sem resistência ao inconsciente. Na sua escuta deve vigorar uma ‘atenção uniformemente suspensa’, q.d., a atenção que funciona com a lógica da consciência deve estar suspensa para que vigore a lógica do inconsciente.

Utiliza neste momento a metáfora de uma máquina: o telefone. Faz uso das expressões: receptor e emissor, mas também enfatiza a transposição de ondas elétricas em ondas sonoras. É claro que esta metáfora utilizada por Freud, levou a interpretações do tipo comunicação de inconsciente a inconsciente, porque de fato ele utiliza expressões como receptor e emissor. Entretanto a ênfase de Freud é na modificação, na leitura, que este aparelho produz: ondas sonoras, oscilações elétricas, ondas sonoras. É mais a ideia da tradução do que de comunicação.

Tratar-se-ia de uma posição onde o analista sustenta o funcionamento da lógica do inconsciente em oposição a lógica da consciência.

Isto é de tal forma que nesse mesmo artigo, Freud diz que ao ser perguntado como alguém se torna analista respondeu: “Pela análise de seus próprios sonhos”²⁰. Acho interessante chamar atenção para o fato de que Freud se utilizou do avanço tecnológico de sua época, que era o telefone, ainda distante dos avanços da internet, mas ele o fez não se fascinando por ela, e nem se alienando nas discussões dos riscos e ganhos deste avanço, mas se detendo em uma leitura que lhe possibilitou dizer melhor o que é específico da psicanálise. Estando de acordo com os avanços de sua época.

Para Freud, a exigência para aquele que vai praticar a análise é que tenha ele próprio se submetido ao trabalho de uma análise e só assim quando realmente têm a experiência de que sua própria pessoa é afetada pelos processos afirmados pela análise, que adquirem as convicções pelas quais são posteriormente orientados como analista.

Assim, as sociedades de psicanálise introduzem o que veio a se chamar

²⁰ Freud, S. (1969). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Obras completas, vol. XII. p. 155.

análise didática e a formação do analista fica suspensa a autorização de um didata, introduzindo a hierarquia própria de um discurso que não é o discurso analítico. É a isso que Lacan vai se insurgir e por este mesmo motivo é nas palavras dele ‘excomungado’ da sociedade psicanalítica.

A tese que sustenta o discurso que Lacan desenvolve nos anos 67/68 no seminário O Ato analítico é que para que o ato com a qualificação analítico se realize, a condição lógica é que haja analista. Demarca um campo que pretende circunscrever o que pode ser identificado como analista e que por isso define um **campo de experiência** chamado psicanálise.

O que é do analítico tem relação com algo que é uma conversão da posição do sujeito quanto a sua relação ao saber. O começo do tornar-se analista começa no fim de uma análise. O que é o fim de uma psicanálise? O final da análise escreve as condições do gozo daquele que fala. Aquele que fala só se constitui como falante na perda, ou na renúncia ao gozo.

O fato da passagem de analisante à analista implicar um salto, indica que há uma hiancia, um intervalo entre uma posição e

outra, intervalo onde advém o desejo do analista. Se o desejo do sujeito se estrutura pela repetição significativa, sustentado na marca, o desejo do analista é suportado pela perda que esta marca indica, perda de gozo. O advento do analista faz um buraco no Campo do Outro, que desde então se desvela com um furo no saber.

Com Lacan, os termos sobre a formação do analista sofrem uma torção, tornando-se passagem de analisante a analista e nomeação analista. Uma análise, certamente implica em um ganho de saber que tem como referência o inconsciente. Porém, nos alerta Lacan²¹, se em uma análise só aprendemos a ensinar aos outros como apertar os botões, nós aprendemos muito pouco. Na experiência de uma análise há um desvelamento, que não é o mesmo que aprender, de que somos o efeito, simples efeito de uma estrutura que é de linguagem. Isso não se aprende e nem se ensina, isso passa.

A sua saída da IPA e a discordância quanto ao que se colocava com o título analista, não retirou a responsabilidade da Escola que então funda quanto a este tema. Pelo contrário ela se intensificou. É neste momento que surge a chamada

²¹ Lacan, J. (1995). Sobre a experiência do passe. Documentos para uma Escola II – Lacan e o Passe. Revista da Escola Letra Freudiana, nº0’. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, p. 58.

“Proposição aos analistas” em 9 de outubro de 67 que indica um procedimento chamado passe como forma de nominar analista, analista da Escola. Há uma aposta em uma forma de funcionamento onde não seja a hierarquia o que domina. Na Escola Letra Freudiana a nomeação AE é suportada por alguém que se lançou à experiência, mas que não o carrega como título. A nomeação indica que na escola há psicanalista.

REFERÊNCIAS

- SIGAL, A. M. (orgs). **Ofício do psicanalista II – por que não regulamentar a psicanálise.** Editora Escuta.
- TARDITS, A. (2003). **Sobre as formações do psicanalista. A análise é leiga – da formação do psicanalista.** Revista da Escola Letra Freudiana, nº 32. Rio de Janeiro: Escola Letra freudiana, 2003.
- GARCIA, A. (2009). **Desejo do analista: operador da experiência. Da experiência psicanalítica.** Revista da Escola Letra Freudiana, nº41. Rio de Janeiro: 7 Letras Editora,
- GARCIA, A. (2011). **Experiência do inconsciente e a perda realizada. Experiência de saber.** Revista da Escola Letra Freudiana, nº 43. Rio de Janeiro: 7 Letras Editora.

FREUD, S. (1969). **A questão da análise leiga.** Obras completas, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 171.

LACAN, J. **A angustia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ALBERTI, S. (orgs). **Ofício Do Psicanalista - Formação Vs Regulamentação.** – Editora Casa do psicólogo.

Diversos autores – **A análise é Leiga - Da formação do psicanalista.** Revista da Escola Letra Freudiana, nº 32. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana.



Arlete Garcia

Psicanalista, membro da Escola Letra Freudiana - RJ. Autora de: “A Experiência do inconsciente e a perda realizada” revista 43 Letra Freudiana e “Freud e a Ética da psicanálise através dos sonhos “ revista 38 Letra Freudiana.

A PRODUÇÃO DO ANALISTA E AS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE

Aurélio Souza

Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise

Vou aproveitar essa oportunidade para tratar de algumas questões relacionadas à produção do Analista e antecipar que é sempre importante a intervenção que cada um possa fazer, falando como pratica e teoriza a Psicanálise. Embora exista um tempo limitado para essa apresentação, não gostaria de perder a oportunidade de fazer um pequeno comentário, da chegada da Psicanálise, aqui, na Bahia.

Lacan, na Proposição de Outubro, de 1967, entre muitas questões que ele procurou desenvolver, naquela ocasião, tratou de algo que ocorria para a implantação da Psicanálise, em muitos lugares e, vou acrescentar, que eram semelhantes ao que acontecia, aqui, entre nós, na Bahia e mesmo no Brasil. Assim, quando essa invenção de Freud começou a circular entre nós, um número de psiquiatras e psicólogos passaram a praticar uma “*psicoterapia com base analítica*”, sem terem, contudo, qualquer aproximação com a prática da análise. Uma condição em que eu, também, me incluía, como psiquiatra. Isso levou algum tempo, até a chegada de Emilio Rodrigué e Martha Berlin, entre muitos outros analistas que passaram a frequentar nossa comunidade, tais como Durval Checchinato,

Moustafa Safouan, David Nasio, Marie Madaleine Chatel, que colaboraram para fundamentar a Psicanálise por aqui.

Lacan, já no início de seu ensino, implicou a Psicanálise à linguagem, trazendo diversas consequências a partir daí. Uma delas, formalizando o “Inconsciente estruturado como uma linguagem” e, mais adiante, veio a desenvolver essa proposição de que a prática analítica estaria relacionada a um dispositivo de Discurso, tornando-se não só uma “prática de leitura” e, até mesmo, aparecendo como “um Discurso sem palavras”. Assim, o *Sujeito* a cada momento, no curso de sua análise, será sempre convocado a ler de uma outra maneira, aquilo que diz e, com isso, tentar reescrever essa estrutura em que ele habita e que foi nomeada, no final do ensino de Lacan, como a cadeia borromeana.

E como se produz um analista?

Para responder à essa questão sobre “a produção de um analista”, vou colocar, de início, o que não deve ser feito nessa proposição. Em primeiro lugar, que um analisante tenha “alta”, de sua análise, e que seja autorizado por seu analista, a desempenhar uma prática analítica a partir daquele momento. Em segundo lugar,

que ele venha a ser autorizado, por alguma Instituição, ou Escola de psicanálise, ou mesmo que adquira esta posição de analista, como um título acadêmico. Ainda, no que vai do mal ao pior, que através de cursos com tempo limitado, como estes que estão sendo propostos, sobretudo, por algumas entidades religiosas, que possam formar e autorizar alguém à uma prática como analista.

Assim, para a produção de um analista, embora existam diferentes respostas, na maioria das “comunidades de experiência analítica”, uma expressão de Lacan, pode-se considerar uma tendência que converge para um acordo, para uma “aposta”, de que só através de “uma análise pessoal” é possível se produzir um analista.

Assim, o que é um “final de análise”? O que é a produção de um analista? Uma análise é terapêutica, ou didática? O que é essa “aposta” de uma análise, que opera nessa passagem de analisante à analista? Em geral, estas questões não apresentam respostas comuns, entre as diferentes “comunidades analíticas”.

Até mesmo Lacan, no curso de seu ensino, não teve uma resposta única para estas questões, chegando a afirmar algo importante, em torno

desse tema, quando veio considerar de que “não há formação de analista”, pois “formação, só do inconsciente”.

E como se produz um analista?

Tudo começa quando alguém demanda uma análise à espera de que possa ser *curado* de seus sintomas e que seus sofrimentos possam ser minimizados. Em geral, o demandante da análise traz, nesse momento inicial, um relato oficial de sua história e, muitas vezes, a presença de diagnósticos médicos estabelecidos e já usando medicações apropriadas. Algumas vezes, pode até mesmo trazer uma ideia de que quer ser analista. Aqui, ainda, mesmo que as entrevistas iniciais possam durar algum tempo e produzam um efeito apaziguador para o sofrimento do futuro **analisante**, a prática da análise deve continuar sob essa condição discursiva, implicada à sua vontade e à uma “**aposta**”, para desenvolver seu trabalho, até ao final da análise.

Aqui, vou tomar partido para considerar o que ocorreu, no ensino de Lacan, a partir do início dos anos setenta, quando ele introduziu a noção de Discurso, na Psicanálise. Uma noção que

não guarda qualquer sentido comum, mas que se formaliza a partir de uma “pequena etiqueta”, que procura escrever diferentes maneiras, do *Sujeito sustentado pelo demandante da análise*, se ligar à sua parte maldita, que Lacan identificou como o *objeto pequeno(a)*. Um produto que tem sempre agregado uma cota de gozo, que intima o *Sujeito* a repetir, aquilo que o faz sofrer.

Essa noção de Discurso desenvolve-se numa lógica específica, que funda um tipo de “laço social”, que vai ligar dois lugares, que não serão ocupados por duas pessoas, nem mesmo por dois *Sujeitos*, como a intuição possa sugerir, mas por dois corpos, que sustentam as funções do analista e do analisante^[1]. A singularidade dessa estrutura discursiva instituída sob transferência, vai escrever diferentes maneiras de se produzir algo e de que se possa avaliar aquilo que faz o *Sujeito* sofrer, a partir de uma *Análise em Intensão*.

Lacan concebeu essa noção do Discurso, levando em conta uma operação de lugares e letras, que celebra a satisfação de algo que não para de se repetir e que se inscreve como uma modalidade *necessária*, implicada à uma

[1] Souza, A., Os Discursos na Psicanálise, Cia. de Freud, 2008 (reedição).

injunção que determina diferentes efeitos de gozo, relacionados ao sofrimento do *Sujeito*.

Aqui, ainda que se considere, na construção dos *Discursos*, que Lacan veio nomeá-los de “*radicais*”, a presença da topologia dos significantes, não se pode deixar de considerar algo que ocorre diferente do que se passa com a linguística, onde os significantes se inscrevem num espaço euclidiano como um “par” que faz parte de uma cadeia, em busca de uma significação quando se fala.

Desta maneira, a noção de *Discurso* vai se fundamentar a partir de uma outra divisão, agora transversal, que se realiza em cada uma destas duas “casas” e que passa a constituir um *quadrípode* que se inscreve num hiperespaço, ou mesmo num plano projetivo, onde uma superfície local passa a conter a superfície global^[2].

As duas “casas” que estão do lado do *Sujeito* (à esquerda), elas serão nomeadas como - *lugar do agente* (acima da barra) e *lugar da Verdade* (abaixo da barra). Enquanto que à direita, no lado do “*outro significante*”, elas serão nomeadas como - o lugar do *outro* (acima da barra) e o *lugar da produção* (abaixo da barra).

Esse artefato discursivo passa a se constituir a partir de quatro lugares que serão ocupados por quatro letras, da álgebra lacaniana - S1, S2, \$, e a- que irão se movimentar em giros de “um quarto de volta”, no sentido levogiro ou dextrogiro. Elas ocuparão estes diferentes lugares, mantendo relações rígidas entre si e sem possibilidade de qualquer comutação entre elas. Aqui, ainda, a letra que estiver ocupando o *lugar de agente* não só será responsável pela nomeação de cada um dos *Discursos*, como irá funcionar de elemento gerador de certas combinações que se realizam num tipo de permutação cíclica, que irá se desenvolver a partir destes movimentos de “um quarto de giro”, inscrevendo as diferentes estruturas discursivas.

Assim, quando o significante (S1) estiver ocupando o lugar de agente, será o *Discurso do Mestre*; quando este lugar estiver sendo ocupado pelo (S2), o Saber, ele será nomeado de *Discurso do Universitário*. Quando o *Sujeito* (\$) estiver nesse lugar de dominância, o discurso será nomeado de *Discurso do Histérico*; por fim, quando se tratar do objeto (a),

^[2] Lacan, J., Sem. XVI, D'un Autre à L'autre, aula de 04/12/1968. Documento interno da Association Lacanienne Internationale.

ele será nomeado de *Discurso do Analista*.

Dessa maneira, desde as entrevistas iniciais de um demandante de análise, “se há analista”, para acolher essa demanda solicitada, ele deverá ocupar esse “*lugar de dominância*”, com tolerância e prudência, abrindo mão de seu poder, de seus gostos, de suas próprias palavras, sem se atribuir valores, para não modificar o sentido da demanda solicitada e para que a análise possa ir adiante. Isso quer dizer que o analista passa a operar, ocupando um “*lugar de Agente*”, no *Discurso do Analista*, sob a função de “representante do objeto (a)”.

Discurso do Analista

Portanto, sob essa condição discursiva, o analista não é um objeto, nem mesmo uma “simulação de objeto”, mas opera como um *representante do objeto*, que se torna *causa do desejo* e um *aperitivo de Gozo*, dando suporte à transferência, para que o futuro analisante possa levar sua análise adiante. Assim, se o demandante da análise acolhe e aceita os protocolos sugeridos pelo analista, para que ele possa dar continuidade a seu projeto, o *Discurso do Analista* passa por um pequeno giro de um quarto de volta, no sentido dextrogiro,

deslocando o *Sujeito* (\$) sustentado pelo analisante a ocupar o “*lugar de Agente*”, estabelecendo um novo tipo de “*laço social*”, que Lacan propôs como o *Discurso do Histórico* e, ainda como *Discurso do Analisante*.

Discurso do Histórico

O futuro analisante ocupando esse *lugar de dominância* sob a função de *Sujeito*, ele será convocado a tomar a palavra em associação automática, onde sua fala deverá aparecer sem qualquer noção de valor naquilo que diz, mas como um instrumento de ação sobre esse “outro lugar”, ocupado pelo *significante mestre (S1)*, que será intimado a trabalhar. Na sequência da análise, a fala do analisante que dá suporte ao *Sujeito*, diversifica-se em duas direções:

- A primeira delas que se encaminha para uma via do sentido (S1 à S2), que está relacionado com Imaginário e o Simbólico, quando procura manter com sua fala, uma gramática e uma hierarquia para encontrar um *bom sentido* naquilo diz, buscando harmonizar o que fala, em relação à sua história e seus sofrimentos. Além disso, com esse trabalho produz-se um “falso Saber”, que se denota com **S2** sobre a barra, equivalente a um “*conhecimento cumulativo*”



que que pode ser ensinado e transmitido, definindo uma condição discursiva que Lacan nomeou de *Discurso do Mestre*.

Discurso do Mestre

- Quanto à outra via, ela diz respeito a uma implicação daquilo que o *Sujeito* fala e tem relação com o que *ex-siste* de Real. Dessa maneira, quando o *Sujeito* passa a ocupar esse lugar de Agente, ele opera no *Discurso do Histérico* e que Lacan identificou, também, como *Discurso do Analisante*, obedecendo à noção de que sua fala decorre do próprio somatório de *Lalíngua*, que se utiliza dele para revelar através de uma voz, que sai de um corpo que sofre e que no período inicial da análise, o *Sujeito* não tem, ainda, uma condição adequada de *espaço* e tempo, para avaliar o que é dito sobre a *ex-sistência* desse Saber do Real e que causa seu sofrimento. Trata-se, portanto, de um *Sujeito* que é falado e, também, pensado. Assim, à medida que análise continua, essa condição que guarda uma ignorância em relação ao gozo e ao desejo, vai convocar o *Sujeito* a intervir sobre esse “outro lugar”, onde a partir de sua vontade e de um efeito do Discurso, irá se produzir um outro tipo de Saber, que adquire o estatuto do *Saber inconsciente*,

em que **S2** está sob a barra, no “*lugar da Produção*”.

Em relação, ainda, à *produção do analista*, vou insistir em algo que ocorreu, também, nos anos setenta, quando Lacan introduziu, em seu ensino, a topologia da cadeia borromeana, na Psicanálise. Trata-se de uma estrutura concebida a partir de um enlaçamento de três anéis, em que nenhum deles penetra no buraco dos outros dois e, assim, se qualquer um deles se separa, os outros também se desligam; eles se tornam representantes do Imaginário, do Real e do Simbólico, e que no centro dessa estrutura borromeana, Lacan colocou, de início, o “objeto (a)” e, em seguida, o próprio *Sujeito*, sob a *função de um artesão*.

Apartir de diferentes manifestações de gozo, do Imaginário, do Simbólico e, sobretudo, do Real, que tendem a se repetir, o *Sujeito* é convocado a falar aquilo que não podia dizer sobre o que é a vida e a morte, sobre seus afetos, sobre o que é o sexo e, ainda, podendo revelar uma condição tragicômica de sua *ex-sistência*, a serem avaliados a cada momento, na análise. Dessa maneira, o que Lacan colocou como uma “*aposta*”, na análise, não se tratava de um desafio, ou de

uma disputa, mas de algo que se joga, na análise, contra o próprio *Sujeito*.

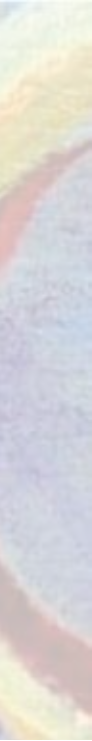
Portanto, através dessa escritura da *cadeia borromeana*, pode-se inferir que o *Sujeito*, no curso da análise, ocupando o “coração” dessa estrutura, ele passa a se constituir num *artífice*, produzindo seus próprios artesanatos, inventando sintomas, atualizando diferentes afetos e, sobretudo, inventando o próprio Saber inconsciente que o determina. Com isso, passa a construir diferentes possibilidades que venham minimizar os efeitos de Gozo, que sempre se expressam, em última instância, como “gozo do Corpo” e, ainda, irá aprender o que fazer, para se colocar em oposição à certas condições apaziguadoras, em sua *ex-sistência*, como as medicações que possa utilizar, como as práticas religiosas, as meditações, entre muitas outras condições, realizando sua presentificação em “ato”, numa *Análise em Intensão*, não mais como um efeito de “*corte*”, mas constituindo-se como o resultado desse enlaçamento do Imaginário, Real e Simbólico, que o constitui como “uma resposta do Real”.

Assim, na análise, à medida que o *analísante sob a função Sujeito* vai descobrindo sua implicação com o objeto (a), um “*a-bjeto*”

que causa seu sofrimento e que mantém uma tendência a repetir seus encontros faltosos com o Real, aos poucos ele irá procurando desenvolver um saber-fazer em relação ao próprio objeto (a), para fibrar estas “sementes do real”, com o qual passa a se identificar.

Na *Análise em Intenção*, portanto, o ato que fundamenta o Discurso Analítico é a produção do objeto (a), que deverá ser sempre entregue ao *Sujeito*, como um “não-todo” que vai se realizando através da interpretação a ser operada pelo próprio *Sujeito*. Isso quer dizer que o *Sujeito* tem acesso a esse “*a-objeto*”, que realiza o gozo e é causa do desejo e que vai lhe servir de suporte, para que possa se identificar com ele a cada momento. Dessa maneira, o *Sujeito* se faz o próprio objeto (a), como lugar do enlaçamento da cadeia borromeana, onde se descobre nesse lugar que o qualifica como “um Ser de gozo” e que adquire, na análise, a responsabilidade de “saber se fazer Ser, com o objeto (a) que lhe cabe.

Com efeito, essa condição “*se-fazer-Ser*”, guarda uma relação com o Saber, que não mais trabalha a fundo perdido para esse *grande Outro*, que nem mesmo existe, mas que precisa ser ouvido,



para possibilitar ao *Sujeito* sair da apatia, da sonolência de um gozo do Corpo, que o deixa preguiçoso e “ronronando, numa condição que o faz sofrer. Assim pode-se considerar que o princípio que sustenta a análise está na Lei, que intima o *Sujeito* a não se manter adormecido e apoiado nessa ilusão de que sabe o que diz, arredondando sempre a busca de um sentido no que fala e que se mantém como um sonífero.

Uma análise, portanto, convoca o *Sujeito* a inventar a cada momento, novas escrituras que modificam a escritura da cadeia borromeana e que o possibilita a desenvolver um “saber-fazer”, para se desembaraçar de seus sintomas, para manter uma relação menos sofrida com os diferentes tipos de gozo que o afeta e, sobretudo, “se-fazer-Ser”, por suas obras, por seus adornos, por seus amores, a se fazer um estado civil, a escolher sua posição sexuada, desde quando os seres sexuados se autorizam por eles mesmos e por alguns outros. E, ainda, poder usar da análise, para “se fazer um nome”. Com a topologia da cadeia borromeana, Lacan fez também um avanço em relação ao Tempo, na Psicanálise, que não se trata de um tempo linear, mas pluralizado

num *Instante de Ver*, num *Tempo para Compreender* e num *Momento de Concluir*. Algo que se modula, na análise, em que o *Momento de Concluir* interfere no *Tempo para Compreender* e determina o *Instante de Ver*, numa sincronia que possibilita ao *Sujeito* construir, ou melhor, inventar a percepção que vai tendo e que pode minimizar as satisfações da repetição e do gozo que o fazem sofrer.

A Psicanálise, portanto, vai estar sempre numa direção contrária àquilo que o *Sujeito* vinha buscando e construindo, na cena social, como um gozo prometido pelo *Outro*, que nem mesmo existe. Ou ainda, na contra mão de auxílios paralelos que possam tentar aplacar de uma forma imaginária e simbólica, efeitos devastadores do **Real**, que o afeta no Corpo e no pensamento através de formas normativas de diferentes psicoterapias. Ainda, pode-se acrescentar os ansiolíticos, os antidepressivos e os neurolépticos, como também a oferta dos gadjets, das drogas, das adições. Diferentes instrumentos que criam a ilusão de um apacramento, ou mesmo de uma proteção destes efeitos do Real, sempre através de promessas de felicidade, que não acontecem.

Além disso, o *analisante sob a função Sujeito*, sem passar por

qualquer padrão standard de aprendizado, ele se qualifica de certas coordenadas do Discurso Analítico, que se relacionam com o próprio objeto (*a*), que é jogado contra ele mesmo, na “aposta”, da análise. Algo que Lacan identificou como uma entrega ao *Sujeito*, de sua própria loucura, como *mais-gozar*^[3], como um “não-sentido” (“non-sens”) a ser avaliado e interpretado, numa análise. Aqui, ao falar da “loucura”, não se trata de uma patologia, mas de que o *Sujeito* possa “se fazer *produzir objeto a, com objeto (a)*”, para se identificar ao próprio objeto (*a*), que lhe cabe, podendo ocupar, mais adiante, a condição de um “representante do objeto (*a*)”, que o torna capaz de organizar e sustentar um novo discurso, se ele tem vontade de ser analista.

Portanto, se no curso da análise, o *Sujeito* identifica, ou mesmo confirma que tem “*uma vontade de ser analista*”, quando ele chega ao final da análise, como um “*Sujeito advertido*”, ele tendo significado seu sintoma, não mais como aquilo que não anda bem no corpo que o sustenta e, mesmo, nos pensamentos, mas como algo que ele também inventa, como

um significante que o representa, isso realiza a presença de uma nova função, que corresponde ao próprio “desejo de analista”, a operar na análise. Uma condição que o levará até o final da análise, sob uma modalidade necessária, para se produzir analista.

E se a análise continua, o que se espera como um final de análise?

Com efeito, o final da análise desenvolve uma alteridade radical entre o lugar do analisante e o lugar do analista, que irá possibilitar uma continuidade a seu projeto de uma produção de analista. Para isso, ele deverá realizar um tipo de “*passagem ao ato esclarecido*”, ou mesmo, como um “*ato iluminado*”, em que ele dará um “salto”, que não será no vazio, mas num determinado lugar, como uma Instituição de Psicanálise, para compartilhar entre outros, o que ocorreu no curso de sua análise e, ainda, a formalizar diferentes tipos de “*conhecimentos*”, que venham produzir uma condição “suficiente”, que possa capacitá-lo a desempenhar uma função de analista.

Dito de outra maneira, quando o *analisante que sustenta o Sujeito* chega ao *final da análise*, que

[3] Lacan trata desta questão, no segundo discurso de Roma (De Roma 53 à Roma 67: A psicanálise - Razão de um fracasso), em Scilicet, 1968, n. 1, pp. 42 a 50.

não se trata de uma parada, ou mesmo como uma condição terapêutica que procure deixá-lo numa posição idealizada, como um ser normal, bom e feliz, mas que corresponde à resolução de uma equação, que irá produzir diversas condições que possam dar conta e minimizar o horror de sua *ex-sistência*. O final da análise corresponde a uma condição que vem harmonizar esse efeito que o *Sujeito* recebe do objeto (a), que lhe cabe, sob essa forma de um “não-sentido”, que o transmuda num “rebotalho de gozo”, fazendo da insatisfação, o componente de base que inaugura sua *ex-sistência*.

No final da análise, portanto, com a resolução do *amor de transferência* e com uma conseqüente destituição do “*Sujeito suposto ao Saber*”, o analisante descobre que aquele a quem suas queixas eram dirigidas e que se pode identificar a esse “*grande Outro*”, apresentado por Lacan, em diversos momentos de seu ensino, com um *Outro* que gozava de seus sofrimentos, esse *Outro* nem mesmo existe. Assim, não é mais necessário fazer sacrifícios para ele.

Ainda, no *final da análise*, o *Sujeito* busca realizar um *trabalho de luto*, em relação ao objeto (a), determinando um outro tipo de organização de sua vida mental.

Um trabalho que se desenvolve através de uma simbolização que se metaforiza na aceitação da morte, como suporte da vida, com efeitos em que a alegria e a tristeza não se separam, onde a exaltação e a depressão podem estar juntas e, ainda, amor e o ódio podem caminhar numa mesma onda. Esse *trabalho de luto* vai ajudar o *Sujeito* a reescrever o Saber inconsciente que ele mesmo inventa, não mais como uma condição alienada ao *Outro*, mas adquirindo o estatuto de um “saber alegre” a ser compartilhado.

Dito de outra maneira, essa passagem de analisante à possibilidade de ser fazer analista, ela não acontece através de qualquer processo dedutivo, ou declaratório, nem com diploma, nem mesmo a partir de alguém que possa dar a garantia para esse ato. Trata-se de uma passagem a ser definida através de sua análise pessoal, que chegue até o final e a partir daí, que analisante decida manter uma atividade decidida, numa Instituição de Psicanálise, ou num agrupamento de analistas e interessados pela Psicanálise, onde seus trabalhos e seus futuros escritos, possam ser compartilhados como teoria, para dar suporte à fala e a divulgação da prática analítica, como uma condição que possibilite sua produção como analista.

Assim, que o analisante procure se fazer reconhecer entre outros, como praticante da psicanálise e como membro de uma Instituição, fazendo provas de sua presença, “*valendo pelo que produz, já que ninguém vai mais longe do que pode alcançar*”, como afirmava Lacan, na Proposição de 67. É preciso que além de desenvolver uma prática analítica, mantenha-se na Instituição, tornando-se um *analisante da psicanálise*, um *analisante da teoria analítica*, como Lacan, também, sugeriu.

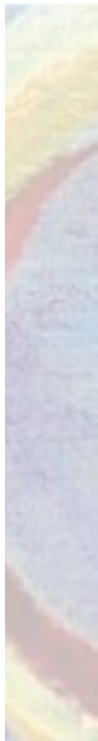
Dessa maneira, quando o analisante transmuda sua posição para *analista*, será de sua responsabilidade “*poder se autorizar*”, para ocupar esse lugar, na prática da análise e no social. Aqui, não se trata de se “*auto-ri-(tuali)-zar*”, através de uma declaração egoica, mas sob uma condição que alude à presença do próprio *desejo do analista*, que o possui e o transforma num trabalhador decidido, da Psicanálise. Assim, como uma consequência desta passagem, se há analista, ele se autoriza dele mesmo, ou por ele mesmo e de alguns outros”. Isso não quer dizer, de “*outros analistas*”, mestres, membros de Instituições, pois é preciso que “*haja analista*”, para que “*ele se autorize por ele mesmo*” e que

possa garantir um lugar, em que possa dar mostras de seu estilo, na prática que realiza.

Isso, também, quer dizer que uma Instituição de Psicanálise não é lugar de ensino, mas de aprendizado. Trata-se, portanto, de um lugar que irá possibilitar a cada um de seus membros, o que é analista, a interrogar o Real que existe na prática que desenvolve, assim como na transmissão da Psicanálise e em sua produção continuada de analista. Como uma inferência a ser feita, uma Instituição de Psicanálise só pode garantir a qualidade de seus membros, para o social, a partir do que cada um pratica, embora cada Instituição deva se pronunciar sobre isso.

Para ir finalizando, só um rápido comentário sobre essa proposição anterior, de que “*o analista se autoriza por ele mesmo, ou dele mesmo ... entre outros*”, que tem aparecido, muitas vezes, transmudada de uma maneira inadequada, para - “*o analista não se autoriza senão de **simesmo***”.

Com efeito o “*se autorizar por ele mesmo*” e de “*si mesmo*”, coloca uma questão a ser discutida, entre uma condição que sofre o efeito de uma posição reflexiva e egoica, o “*si mesmo*” – que pode levá-lo a crer que em sua prática,



como analista, ele só terá que prestar contas a si mesmo, numa condição que Lacan identificou como de “um canalha”, esse que só se ocupa de seus próprios interesses, portanto, esse que “se autoriza por si mesmo”. Assim, é preciso considerar a presença desse terceiro elemento, um “ele” impessoal e que vai ser fortalecido, pela segunda parte do enunciado, “e de alguns outros”, pois desde que “há analista ... ele se autorize por ele mesmo ... entre outros”.

Portanto, para dar continuidade a seu projeto de uma produção prolongada, o analista já frequentando uma Instituição de Psicanálise, ou um agrupamento de analistas, ele deverá procurar passar do privado ao público, Saber que existe, no Real, compartilhando no social, através de diferentes escrituras e daquilo que pode ser dito, na Psicanálise em Extensão, como teoria, ou como doutrina, para que a Psicanálise circule e ele possa continuar a praticar seu ofício.

Por hoje é isso. Obrigado.

RESUMO:

Meu trabalho contempla a produção do analista, a partir de uma prática que se fundamenta com a noção dos Discursos e com a implicação da cadeia

borromeana, na Psicanálise, sob uma condição elaborada por Lacan, a partir de certo momento de seu ensino. O essencial a se considerar, nesse trabalho, é a axiomatização de que o analista só se produz a partir da finalização de sua análise pessoal como uma modalidade necessária e de seu compromisso de seguir adiante, participando de uma Instituição de Psicanálise, onde possa compartilhar entre outros aquilo que ocorreu em sua análise e que o possibilite a se autorizar por ele mesmo, como analista.



Aurelio Souza

Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise. Autor do livro Os discursos na Psicanálise.

FORMATION DE L'ANALYSTE, FORMATIONS DE L'INCONSCIENT

Roland Chemama

Psicanalista membro d' ALI

Association Lacanienne Internationale/ Paris

Que dire de la formation de l'analyste ? Je commencerai par une citation de Freud.

« L'interprétation des rêves, disait Freud, est en réalité la voie royale menant à la connaissance de l'inconscient, le fondement le plus sûr de la psychanalyse et le domaine dans lequel (...) celui qui étudie en psychanalyse doit acquérir sa conviction et aspirer à sa formation. Quand on me demande comment devenir psychanalyste, je réponds : par l'étude de ses propres rêves. »

Eh bien j'aimerais pouvoir me contenter de vous dire, comme Freud, que la formation de l'analyste, pour l'essentiel, c'est cela : l'intérêt pour son propre inconscient. L'analyse de ses propres rêves serait ce qui témoignerait de cet intérêt de départ, de cet intérêt en tant qu'il va persister durant toutes les années qui suivront.

Cependant il vous serait facile de me dire que l'auto-analyse pose de nombreux problèmes, et sur ce point je serai bien sûr d'accord. Disons que j'ai souhaité commencer par une plaisanterie. Le choix de commencer ainsi n'est d'ailleurs pas sans raison. Il me semble qu'une partie essentielle de la formation

du psychanalyste consiste à se décaler par rapport à ce qu'on imagine devoir être son sérieux.

A l'IPA, au moment où Lacan se sépare de cette association internationale on avait réglementé la formation, et je suppose que cette réglementation devait paraître, aux yeux des responsables, constituer un gage de sérieux. On avait ainsi fixé de nombreuses règles : sélection des candidats, nombre d'années d'analyse, nombre de séances par semaine, durée des séances. Comme si l'abord de l'inconscient pouvait se codifier, se réglementer, comme si on pouvait y introduire des données quantifiées.

Disons alors que ce qu'a amené Lacan, concernant la formation des analystes, c'est un refus du formalisme bureaucratique qui prétend normer tout. Mais il me semble nécessaire de relever que Freud, déjà, est très loin de ce formalisme lorsqu'il écrit la phrase par laquelle j'ai commencé

Donc évidemment ma première approche est loin d'être suffisante, mais je vais quand même m'attarder un peu sur la question du sérieux. Cela pourra nous introduire à ce qu'était la pratique de la psychanalyse de Freud. En fait quand on pense au sérieux on peut mettre cette notion en

relation avec des questions assez diverses. On peut penser au sérieux de la méthode nécessaire pour le traitement rationnel d'une question, mais tout se passe en même temps comme si la question était aussi celle du sérieux de la personne. Du sérieux du praticien.

Or les psychanalystes, semble-t-il, ont toujours voulu prouver qu'ils étaient sérieux, peut-être parce que leur méthode n'a pas été accepté très facilement. C'est sans doute ce désir de respectabilité qui les a poussés à adopter une attitude qui pourrait décourager les critiques. A défaut de toujours prouver que leur méthode était rationnelle, ils ont adopté des airs de supériorité par rapport à ceux auxquels ils s'adressaient.

Dans la pratique de la cure ils parlaient peu, mais qui lorsqu'ils parlaient, lorsque – disons – ils proposaient une interprétation, c'était de façon péremptoire autant qu'énigmatique.

Bien sûr on pourrait trouver des justifications à une telle façon de faire. On pourrait dire que la psychanalyse ne peut agir que si l'analyste évite de se poser en position symétrique par rapport à son patient. La question qu'on peut se poser, cependant, c'est celle de savoir si cette façon de faire ne comportait pas également

quelques dangers. Dans son Journal clinique Ferenczi dit que la méthode thérapeutique », est devenue « de plus en plus impersonnelle (flotter comme une divinité au-dessus du pauvre patient, ravalé au rang d'enfant...) ». Le problème c'est que cette infantilisation se diffuse dans l'existence même du patient, ce qui n'est tout de même pas le but recherché de l'analyse

On peut aussi se demander si tout cela était déjà présent dans la pratique de Freud. En fait Freud était assez ambivalent concernant la position qu'il devait adopter en tant qu'analyste. Un épisode est resté célèbre à cet égard. Il a lieu lors du voyage qu'il fait avec Jung et Ferenczi,

en 1909, aux États-Unis. Les trois analystes se racontaient leurs rêves, et Freud sembla même accepter de se prêter à une intervention analytique proposée par Jung. Cependant lorsque Jung lui demanda de préciser certaines choses qui étaient très intimes il refusa.

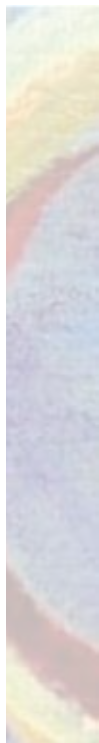
Il ne voulait pas, dit-il, risquer son autorité. N'y a-t-il pas là, dans cette barrière que Freud

installe entre lui comme analyste, et ses collègues les plus proches, l'indice d'une représentation qui accentue altérité et dissymétrie ?

Pourtant, dans d'autres occasions Freud se montre bien moins rigide. Je voudrais me servir d'un exemple très significatif, que j'ai utilisé dans mon dernier livre, La psychanalyse comme dialogue. Freud rapporte, dans la Psychopathologie de la vie quotidienne, le lapsus d'une patiente qui en vient, au cours d'une séance, à tenter de lui dire qu'elle se replie « comme un couteau de poche ». Or couteau de poche, en allemand, se dit Taschenmesser, mais la patiente prononce Tassenmescher, invertissant ainsi l'ordre des sons.

Lorsque Freud fait remarquer à sa patiente l'erreur qu'elle vient de commettre celle-ci lui répond aussitôt : « C'est parce que vous avez dit vous-même tout à l'heure Ernscht (et non pas Ernst) ». Elle reconnaît donc tout de suite que son lapsus est lié au détail de son échange avec son psychanalyste.

En effet Freud, qui accueillait sa patiente, voulait lui dire : « aujourd'hui ce sera sérieux (ernst en allemand) », parce que cette séance devait être la dernière avant les vacances. Il a cependant voulu plaisanter, et prononcé



ernscht. Il ne semble pas y avoir là un sens particulier, sans doute simplement un jeu avec le son des mots. Ce qui est plus intéressant c'est que Freud s'aperçoit finalement que dans son premier lapsus la patiente n'a pas fait que l'imiter. « Elle a, dit-il, des raisons particulières de s'attarder dans son inconscient, non au mot, mais au nom Ernst.

Le lecteur ne saura pas, d'ailleurs, quelle valeur avait pour cette femme le nom Ernst. Quoi qu'il en soit soulignons que l'inconscient semble bien avoir profité, pour se faire entendre, d'une perche qui lui était tendue par l'analyste – sans d'ailleurs qu'il ait pu le prévoir au moment où il parlait.

On voit bien, ensuite, à quel point la pratique de Freud s'éloignait d'un comportement stéréotypé. Les psychanalystes ont cru qu'il était essentiel qu'ils gardent leur distance. Ils ont pensé qu'ils devaient se priver de tout ce qui fait l'agrément de la conversation, et par exemple du droit de plaisanter. Il est notable ici que si Freud avait adopté cette règle, la patiente n'aurait pas fait son lapsus, si riche dans son effet de sens. Mais Freud, précisément, savait éviter d'être trop systématiquement « sérieux ».

L'exemple que je viens de prendre peut nous intéresser pour une autre raison encore. C'est qu'il concerne un lapsus, qui - pensons-nous - peut tout comme le rêve, être un des moyens de manifestation de l'inconscient.

Lapsus, rêves, actes manqués, oublis de toute sorte, constituent ce que nous appelons les formations de l'inconscient.

J'en viens par là à commenter rapidement le titre de mon intervention : formation de l'analyste, formations de l'inconscient. Quand j'ai choisi ce titre je pensais à un texte de Lacan, datant de 1973, et publié dans les lettres de l'EFP. Ce texte est resté célèbre. Je vous en lis quelques lignes :

« Je n'ai jamais parlé, dit Lacan, de formation analytique. J'ai parlé de formations de l'inconscient. Il n'y a pas de formation analytique, mais de l'analyse se dégage une expérience (...) c'est en ce sens, et en ce sens seulement, qu'une analyse est didactique ».

Disons qu'une analyse est particulièrement propice à ce qu'émergent lapsus, rêves, actes manqués. A ce qu'ils soient pris en compte. C'est cette expérience qui constitue l'essentiel de la

formation analytique. Vous noterez cependant que tous les analystes ne s'accordent pas sur la façon dont cela fonctionne.

J'ai eu l'occasion de discuter, au moment de sa parution, le livre de Colette Soler qui s'appelle Lacan, l'inconscient réinventé. Colette Soler ne donne pas à toutes les formations de l'inconscient la même valeur. A partir d'un des derniers textes de Lacan, la Préface à l'édition anglaise des Écrits, elle privilégie le lapsus.

En effet celui-ci, sur quoi le sujet vient buter, qui s'impose à lui en dehors de toute signification, semble constituer, selon Colette Soler, la manifestation la plus forte de l'inconscient comme Réel. Colette Soler l'oppose, notamment, au rêve, parce que le rêve, nous le savons, peut être commenté de bien des façons. Le rêveur y revient, ajoute les associations aux associations, en bref - Selon Colette Soler - il peut tourner en rond de signification en signification. Il me semble que Colette Soler ne souscrirait pas à la phrase de Freud dont je suis parti

Eh bien pour ma part je dirai qu'il faut maintenir, plus que jamais, la valeur du rêve. Pourquoi faut-il le faire plus que jamais ? Je suppose que nous sommes d'accord sur l'idée que l'interprétation joue sur

l'équivoque, c'est-à-dire finalement sur la polysémie des mots que nous employons. Or aujourd'hui, pour des raisons qu'il serait trop long de présenter, le sujet à du mal à accorder de la valeur à des interprétations qui lui apparaissent comme des jeux de mots gratuits. Quand nous nous y livrons il ne nous prend pas au sérieux.

Eh bien je dirai que nous pouvons surmonter cette difficulté. Nous le faisons grâce à l'analyse des rêves. Quand nous jouons sur un mot qui vient d'un récit de rêve le patient ou la patiente ne font pas trop de difficultés, parce qu'ils supposent qu'il y a dans le rêve un fonctionnement particulier du langage. Sur ce point ils nous font confiance. Mais ce qui est intéressant c'est qu'une fois qu'ils ont pris l'habitude de l'interprétation des rêves ils vont accepter aussi ce type d'interprétation concernant un champ bien plus large. Ainsi se former à l'interprétation des rêves c'est effectivement se former à la pratique de l'analyse en général.

Il me reste, concernant la formation de l'analyste, à amener deux nouvelles idées. La première concerne ce qu'il y a à l'arrière-plan de ce que j'ai pu vous dire. J'ai opposé la façon de faire de Freud au pseudo-sérieux qui



s'est imposé, par la suite, dans les associations de l'IPA. Je l'ai fait en critiquant le formalisme bureaucratique dans leur façon de régir la formation analytique.

Je dirai à présent que dans ce formalisme il y avait l'oubli d'un élément non négligeable de la pratique analytique. Cet élément c'est tout simplement le désir. Parce qu'on peut toujours compter le nombre des séances d'une analyse afin d'évaluer si la formation est suffisante. Mais est-ce que cela dit la moindre chose sur ce qui est tout de même l'essentiel, à savoir la façon dont le désir de celui qui devient analyste est engagé dans l'affaire ?

Il ne suffit d'ailleurs pas de dire que l'organisation de la formation laissait de côté la question du désir de l'analyste. Comme elle s'accompagnait de règles purement bureaucratiques, on peut dire que la formation de l'analyste contredisait ce à quoi elle était censée former. Il faut d'ailleurs dire, au passage, que la question du désir se pose dans de nombreuses pratiques. C'est le cas par exemple de l'enseignement. Que serait un enseignement qui ne reposerait pas sur le désir de l'enseignant ? Mais bien évidemment c'est encore plus essentiel pour la psychanalyse.

Lorsque par exemple on reçoit en supervision quelqu'un qui commence à pratiquer l'analyse, il est important de repérer s'il ne s'abrite pas derrière des règles supposées valables pour tous, s'il ne s'abrite pas derrière un respect d'une certaine orthodoxie, ce qui ne peut que l'empêcher d'assumer sa responsabilité.

Et alors une toute dernière idée. Lacan avait proposé, dans son École, une procédure originale, la passe, qui pour lui devait rendre compte de ce qui se passait dans les psychanalyses qui se révélaient didactiques. Que se passe-t-il, en somme, lorsqu'un analysant, au terme du processus, en venait à s'autoriser à pratiquer la psychanalyse ?

Lacan avait quelques idées là-dessus. Il évoquait en particulier une bascule autour de l'objet a en tant que cause du désir, mais laissons ce point, qui nous entrainerait trop loin. Je vous rappellerai seulement que dans la passe un analysant qui estime qu'il a terminé son analyse en parle à plusieurs « passeurs ». Et ceux-ci retransmettent ce qu'ils ont entendu à un jury qui peut statuer sur la validité de ce qui est énoncé.

Vous voyez que c'est là une façon assez forte d'interroger le désir de l'analyste. Et c'est cela surtout que l'on a retenu. Il y a cependant une

autre dimension que je voudrais souligner, c'est que la procédure donne la première importance au dialogue de l'analysant avec d'autres analysants qui en sont au même point que lui, puisque c'est ainsi que se recrutent les passeurs: ce sont des analysants qui sont eux-mêmes en position du même franchissement.

Dès lors Lacan n'attend pas de la passe seulement des indications sur le désir de l'analyste. Il attend que ce qu'il met en place ait des effets sur l'institution analytique elle-même. Dans une de ses interventions sur la passe, en novembre 1973, Lacan en vint à dire que ce qu'il avait pu attendre de la passe c'était (je le cite) « *une tentative (...) peut-être pour une fois de dialogue entre ceux qui, pour s'être exposés à cette passe, en ont vécu l'expérience* ».

Si on prend au sérieux ce qu'il disait là c'est tout de même surprenant. Pour une fois ! C'est comme s'il se plaignait que de façon générale les membres de son école ne dialoguaient pas. Sans doute parce qu'il est difficile pour les élèves d'interpeller les anciens, auxquels ils accordent une certaine autorité.

Ce qui est important dans la passe c'est qu'elle pourrait permettre de sortir de cette absence de dialogue.

Conduire à une institution où l'on puisse vraiment dialoguer ce devrait être un des signes que la transmission, sinon la formation, y fonctionne bien.

Merci, en tout cas, pour votre attention.



Roland Chemama

Psicanalista membro d' ALI. Associazione Lacaniana Internazionale/ Paris



FORMAÇÃO DO ANALISTA, FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE

Roland Chemama

Apresentação no encontro sobre “Formação do Analista: precisamos falar sobre isso” em 09 de julho de 2022.

Transcrição : Nattana Brito Rodrigues e Tradutora: Clary Khalifeh

Então, o que dizer a respeito da formação do analista?. Eu gostaria de começar com uma citação de Freud.

“A interpretação dos sonhos é na realidade a via régia que conduz ao conhecimento do inconsciente, o fundamento mais seguro da psicanálise e a área na qual aquele que estuda psicanálise deve adquirir a sua convicção e aspirar a sua formação. Quando me perguntam como se tornar psicanalista eu respondo: através do estudo de seus próprios sonhos.”

Bem, eu gostaria de poder me contentar em dizer, como Freud, que a formação do analista essencialmente seria isto, o interesse pelo seu próprio inconsciente. A análise dos próprios sonhos seria o que atestaria esse interesse inicial, esse interesse na medida em que ele vai persistir durante todos os anos seguintes.

Contudo, seria fácil vocês dizerem que a auto análise levanta vários problemas, e eu concordaria, claro. Digamos que eu quis começar brincando, fazendo uma brincadeira, a escolha de começar com essa brincadeira aliás tem uma razão, parece-me que uma parte essencial da formação do psicanalista consiste em se afastar do que se imagina dever ser sua seriedade.

Na IPA, na época em que Lacan se separou desta Associação Internacional, a formação havia sido regulamentada e eu suponho que esta regulamentação devia parecer, aos olhos dos responsáveis, constituir uma garantia de seriedade, assim várias regras haviam sido fixadas, tais como seleção dos candidatos, número de anos de análise, número de sessões por semana, duração das sessões, como se a abordagem do inconsciente pudesse ser codificada, regulamentada, como se pudéssemos introduzir nela dados quantificados.

Digamos então que o que levou Lacan, no que diz respeito à formação dos analistas, o que Lacan trouxe foi uma recusa do formalismo burocrático que pretende padronizar tudo, mas me parece então necessário destacar que Freud já estava muito longe desse formalismo quando ele escreve a frase com a qual eu iniciei esta apresentação.

Bem, evidentemente a minha primeira abordagem não é suficiente, mas eu gostaria de me deter um pouco sobre essa questão da seriedade, isso poderá nos introduzir ao que era a prática da psicanálise de Freud. Na verdade, quando pensamos em seriedade podemos considerar

essa noção em relação com questões bastante diversas, e nem estou falando da relação entre o sério e a série. Então, podemos pensar no sério do método necessário para o tratamento racional de uma questão? Mas, tudo se passa ao mesmo tempo como se a questão fosse também a da seriedade da pessoa, da seriedade do profissional.

Ora, os psicanalistas, ao que parece, sempre quiseram provar que eram sérios, talvez porque seu método não tenha sido aceito facilmente, e é sem dúvida esse desejo de respeitabilidade que os levou a adotar uma atitude que poderia desencorajar as críticas. Na falta de sempre estar provando que seu método era racional, adotaram ares de superioridade perante aqueles aos quais se dirigiam, na prática do tratamento falavam um pouco e, quando falavam, quando, digamos, propunham uma interpretação, era peremptória tanto quanto enigmática.

É claro, podemos encontrar justificativas para esta maneira de proceder, pode-se dizer que a psicanálise só pode agir se o analista evita se colocar em posição simétrica em relação ao paciente. A questão que podemos levantar um tanto é a de saber se

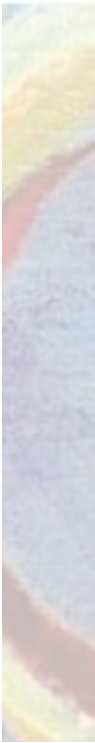
esse modo de proceder não teria ou não comportaria também alguns riscos. Em seu Diário Clínico Ferenczi diz que o método terapêutico, já há bastante tempo, tornou-se cada vez mais impessoal e ele descreve assim: flutuar como uma divindade acima do pobre paciente reduzido à posição de criança. Isso do que diz respeito ao que se tornou o método analítico. O problema é que essa infantilização se dissemina então na própria existência do paciente, o que obviamente não é o objetivo que busca a psicanálise.

Podemos nos indagar então se tudo isso já estava presente na prática de Freud. Na realidade Freud era ambivalente do que diz respeito à posição que deveria adotar enquanto analista. Um episódio ficou famoso referente a isso, ocorreu durante a viagem que Freud fez com Jung e Ferenczi em 1909 para os Estados Unidos. Os três analistas estavam durante a viagem contando os seus sonhos uns aos outros e Freud até mesmo parecia aceitar se prestar a uma intervenção analítica proposta por Jung. No entanto, quando Jung lhe pediu alguns detalhes de coisas muito íntimas ele recusou, diz ele que não queria pôr em risco sua autoridade. E não estaria aí nesta

barreira que Freud instala entre ele como analista e seus colegas mais próximos, não haveria ali o indício de uma representação que acentua alteridade e assimetria?

Contudo, em outras ocasiões Freud se mostrou bem menos rígido. Eu gostaria de trazer um exemplo muito significativo que eu utilizei no meu último livro, que se chama *A Psicanálise Como Diálogo*. Freud relata em *A psicopatologia da vida cotidiana* o lapso de uma paciente que durante uma sessão tenta dizer a ele, Freud, que ela se dobra, como um canivete, aquele canivete que se dobra. Ora, canivete em alemão se diz 'taschenmesser', mas a paciente pronuncia 'tassenmescher', ou seja, ela inverteu a ordem dos sons, o s e o e o ch.

Quando Freud apontou para a paciente o erro que ela acabara de cometer, ela responde de imediato: "É porque você mesmo a pouco disse 'Ernscht'" e não 'Ernst'. Ela, portanto, reconhece que o seu lapso estava ligado ao detalhe da troca com seu psicanalista. Na realidade Freud, que recebia essa paciente naquele dia, queria dizer o seguinte: "Hoje a coisa vai ser séria [Ernst, em alemão]", porque esta sessão seria a última antes das férias. No



entanto, ele quis brincar não é?, Freud quis brincar e pronunciou ‘Ernscht’.

Não parece haver um sentido particular nesta palavra, simplesmente, talvez, se tratou de um jogo de palavras, um trocadilho com o som das palavras como fazem as crianças. O mais interessante é que Freud percebe finalmente que em seu primeiro lapso a paciente não só o imitou. Diz ele: “ela tem razões específicas para se deter em seu inconsciente não na palavra, mas no nome ‘Ernst’, que é um nome próprio na língua alemã, ‘Ernst’ como Ernesto. O leitor, aliás, não saberá que valor tinha para esta mulher o nome ‘Ernst’, mas sabemos que o inconsciente parece ter aproveitado para se fazer ouvir, ter aproveitado desta vara que lhe foi estendida pelo analista – sem que ele tenha sido capaz de prevê-lo no momento em que falou. Esse é o primeiro ponto.

Em seguida vemos a que ponto a prática de Freud se afastava de um comportamento estereotipado. Os psicanalistas acreditavam que era essencial manter distância, eles achavam que era preciso se privar de tudo o que é atrativo na conversa e, por exemplo, do direito de brincar, de fazer piada, isso eu acho que vale até mais

na França do que no Brasil, que então deveriam se privar desse direito de fazer brincadeiras, de fazer piadas.

É notável aqui que se Freud tivesse adotado essa regra a paciente não teria cometido esse lapso tão rico em seu efeito de sentido, mas Freud justamente sabia evitar ser demasiado e sistematicamente sério. O exemplo que eu acabei de apresentar pode nos interessar também por uma outra razão, é que ele se refere a um lapso que achamos ser, tal como o sonho, um dos meios de manifestação do inconsciente. Lapsos, sonhos, atos falhos, esquecimentos de todas as formas constitui o que nós chamamos de formações do inconsciente, e passo agora a comentar rapidamente o título de minha intervenção, “Formação do analista: formações do inconsciente”.

Quando eu escolhi esse título eu pensava num texto de Lacan que datava de 1973 e foi publicado nas Cartas da Escola Freudiana de Paris. Este texto permaneceu famoso. Vou ler algumas linhas:

Nunca falei sobre formação do analista “, diz Lacan.” Falei sobre a formação do inconsciente. Não há formação analítica, mas a partir da análise emerge uma experiência (...) é nesse sentido, e

só nesse sentido, que uma análise é didática.

Digamos que uma análise é particularmente propícia ao que emerge, sonhos, atos falhos. Que eles são levados em conta. É essa experiência que constitui a essência da formação do analista. Você vai notar, no entanto, que nem todos os analistas concordam em como isso funciona.

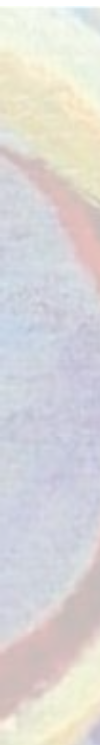
Eu tive a oportunidade de discutir, no momento do lançamento, o livro de Collete Soler que se chama Lacan: o inconsciente reinventado. Collete não atribui o mesmo valor a todas as formações do inconsciente, ela privilegia o lapso. De fato, este, no qual o sujeito tropeça, ele se põe ao sujeito fora de todo o significado e parece se constituir, de acordo com Collete Soler, a manifestação mais forte do inconsciente enquanto Real. Collete Soler opõe o lapso particularmente ao sonho, porque o sonho, como sabemos, pode ser comentado de várias maneiras (o sonhador volta ao sonho, acrescenta associações às associações já feitas). Em suma, conforme Collete Soler, ele pode estar andando em círculos de significação em significação, portanto parece-me que Collete Soler não concordaria com a frase de Freud que foi meu ponto de

partida e, a meu ver, eu acho que é preciso manter mais do que nunca o valor do sonho. E por quê?

Suponho que estejamos de acordo com a ideia de que a interpretação brinca com o equívoco, ou seja, por fim, com a polissemia das palavras que nós empregamos. Ora, hoje por razões que seria demasiado longo apresentar, o sujeito dificilmente dá valor às interpretações que lhe parecem ser jogos de palavras ou trocadilhos livres. Quando nós praticamos isso, ele não nos leva ao sério, então, nós fazemos isso graças a análise dos sonhos. Quando fazemos um trocadilho com uma palavra que vem de um relato de um sonho, o paciente ou a paciente não se opõem a isso porque acham que há no sonho o funcionamento particular da linguagem e, nesse ponto, eles confiam em nós. Mas o que é interessante é que a partir do momento em que o paciente se acostuma com a interpretação dos sonhos ele vai aceitar também esse tipo de interpretação ligado a um campo bem maior. Assim, formar-se na interpretação dos sonhos é efetivamente formar-se na prática da análise de um modo geral.

No que diz respeito a formação do analista, resta apresentar duas novas ideias. A primeira se refere ao que há em segundo plano no





que foi dito aqui. Fiz uma oposição entre a maneira de proceder de Freud e à pseudo seriedade que se impôs em seguida nas associações da IPA. Fiz isso criticando o formalismo burocrático em sua maneira de reger a formação analítica, eu diria agora que neste formalismo esquecia-se um elemento não negligenciável da prática analítica. Este elemento é simplesmente o desejo, porque é sempre possível contar o número de sessões de uma análise para avaliar se a formação foi suficiente, mas será que isso diz algo a respeito do que afinal de contas é essencial? Ou seja, de que forma o desejo daquele que se torna analista está envolvido na questão? E eu diria que não basta dizer que a organização da formação deixava de lado a questão do desejo do analista. Pode-se dizer que a formação do analista contradizia aquilo ao que ela normalmente, ou supostamente, teria que chegar.

Deve-se dizer também, de passagem, que a questão do desejo, na verdade, ela se coloca em numerosas profissões e práticas, por exemplo, da educação. O que seria de um magistério que não se baseia no desejo do professor? Mas evidentemente isso é ainda mais essencial na psicanálise.

Por exemplo, quando recebemos em supervisão alguém que está começando a praticar a análise é importante perceber se ele não estaria se abrigando por trás de regras supostamente válidas para todos, se ele não estaria se abrigando por trás de um respeito a uma certa ortodoxia, o que não pode impedi-lo de assumir sua responsabilidade que está ligada ao seu desejo.

E agora uma última ideia. Lacan havia proposto em sua Escola um procedimento original, o passe. Para ele, o procedimento do passe devia dar conta do que ocorria nas análises que se revelavam didáticas. O que acontece, em suma, quando um analisante ao final do processo, se autorizou a praticar a psicanálise? Lacan tinha algumas ideias a esse respeito. Ele mencionava particularmente uma mudança em torno do objeto a enquanto causa do desejo, mas deixemos esse ponto de lado porque isso nos levaria demasiado longe. Gostaria de lembrar apenas que no passe um analisante que pensa ou que estima que terminou a sua análise, fala de sua análise com vários passadores e esses irão transmitir o que ouviram para o júri que irá julgar a validade do que foi anunciado. Vocês vêm

que se trata de um modo muito forte de questionar o desejo do analista, e é principalmente isto que foi retido a respeito do passe. No entanto, existe uma outra dimensão que eu gostaria de ressaltar. É que o procedimento do passe atribui a maior importância ao diálogo do analisante com outros analisantes que se encontram no mesmo ponto que ele. Vocês sabem que é assim que são escolhidos os passadores, que são recrutados passadores? São analisantes que estão naquela posição da travessia, alguém que possa estar passando e que possa depois fazer passar. Então, esse diálogo entre os analisantes num dado momento de sua análise é que é importante. Portanto, Lacan não espera do passe apenas indicações a respeito do desejo do analista, o que ele espera é que o que ele instala produza efeitos sobre a própria instituição analítica. Em uma de suas intervenções sobre o passe, a qual eu fiz alusão, foi uma intervenção que foi feita em novembro de 1933, Lacan chega a dizer que o que ele esperava do passe era, e eu cito, “uma tentativa, talvez pela primeira vez, de diálogo entre os que pelo fato de se dizerem expostos a esse passe, tiveram a experiência

do mesmo”. Se levarmos a sério o que Lacan dizia assim, é surpreendente quando ele diz pela primeira vez. É como se ele se queixasse que, de um modo geral, os membros de sua escola não dialogavam entre si, sem dúvida porque isso é difícil para os iniciantes, interpelar os mais antigos que eles percebem tendo uma certa autoridade.

Mas o que é importante no passe é que ele permita sair dessa ausência de diálogo. Resultar numa instituição onde se possa verdadeiramente dialogar, inclusive entre os jovens e os menos jovens e, assim, seria – e aí para falar da diferença entre a transmissão e a formação – isso seria o sinal de que a transmissão, se não a formação, funciona bem nessa instituição. Eis o essencial.

Agradeço pelo convite para poder falar a respeito de um tema que eu acho muito importante e muito interessante. Muito obrigado pela sua atenção.





FORMAÇÃO DO ANALISTA, NÃO SEM A INSTITUIÇÃO

Elaine Starosta Foguel

Psicanalista membro do Espaço Moebius Psicanálise
Analista Membro da Associação de Psicanálise de Porto Alegre (APPOA)

Há uns quarenta anos, conversando com uma ex-colega do curso de psicologia, lhe perguntei em qual instituição ela fazia sua formação e, para minha surpresa, ela se indignou. Que não suportava instituições de psicanálise, que achava o ensino muito ruim, que estava fazendo uma pós-graduação em teoria psicanalítica na universidade, que aquilo sim era espetacular, formidável, com professores vindos das melhores universidades do eixo Rio-São Paulo, devidamente capacitados tanto no conteúdo quanto na didática, eis que os módulos tinham início, meio e fim.

Depoimento surpreendente, notadamente pela exaltação do afeto negativo ante o significante *instituição*; pressupus alguma questão transferencial negativa. Contudo me questioneei se ela estaria correta nos seus pontos de vista quanto à transmissão da psicanálise.

Naqueles idos, eu não tinha argumentos para articular a questão nem comigo mesma; no entanto, como a verdade de cada um se revela nas suas escolhas, continuei meus estudos na instituição, posso até dizer, nas instituições, pois o que é do

analista sem seu espaço de formação contínua com seus pares?

Passou-se um tempo até eu me dar conta do óbvio: por mais sério que seja um curso de pós-graduação no âmbito universitário, nenhum se propõe a ser uma formação de psicanalistas. Ali ocorre a tentativa de transmissão de um conteúdo vindo dos professores em direção aos alunos, uma transmissão onde os sujeitos implicados podem ser agrupados de forma coletiva, nomeados através de substantivos coletivos, docentes e discentes, cada um no seu grupo definido, sem intercessão de seus elementos nas suas funções universitárias.

Considerando que a palavra *coletivo* é “[...] um termo singular e concreto que representa uma pluralidade de indivíduos” (LALANDE, 1999, p.169), então, os desejos singulares e os tempos de cada indivíduo não são vislumbrados no ensino universitário; não que não existam e que não se manifestem, mas não há lugar de inscrição para eles no que Lacan denominou *Discurso universitário*.

O ensino universitário é regrado pela ética milenar dessas casas do saber, provavelmente desde 1088, data da primeira de todas,

fundada em Bologna, onde também foi cunhado o significante *universidade*, remetendo ao *universo* de saber que lá deveria ser lecionado, constantemente atualizado, construído, pesquisado, formalizado de acordo com os parâmetros do conhecimento, do saber e da ciência de cada época.

Segundo Aurélio Souza (2003, p. 125): “No discurso universitário, portanto, o Saber [S2] é cumulativo, capaz de converter-se até mesmo numa burocracia. [...] Diferente do que se imagina, o Saber nesse lugar [*de semblante*] exclui também o desejo de saber.” Nessa estrutura, o semblante é tomado pelo desfile de significantes S2; contudo os significantes da verdade singular do inconsciente, o real de cada um diante do ensino permanece recalcado sob a barra, escrito como S1. No lugar do *outro*, está o *objeto* a, gozando da sua submissão ao ensino que vem de fora, de S2, como algo a ser absorvido e aplicado, lugar de obediência ao semblante tomado como pressuposto saber que o *objeto* a crê dele emanar.

Lacan (1992 [1969-70], p.97) pergunta:

Será bom, será ruim esse discurso?
Eu o etiqueto intencionalmente de universitário porque, de certa

forma, é o discurso universitário que mostra por onde ele pode pecar, mas também, em sua disposição fundamental, é o que mostra onde o discurso da ciência se alicerça.

Sabemos, através do sonho de Freud *Tio com a barba amarela*, que, em 1897, dois professores da universidade de Viena o haviam recomendado para *professor extraordinarius* (FREUD, 1974 [1900], p. 146), o que o havia deixado muito alegre ao tempo em que se prevenia de grandes esperanças diante de nomeações semelhantes que haviam sido recusadas em razão do antisemitismo ascendente. E assim ocorreu, a cátedra sonhada não lhe foi concedida.

Freud construiu a psicanálise tanto através da interlocução com seus discípulos, quanto pelo diálogo epistolar com amigos e colegas. Em 1907, ele dissolveu o grupo informal que se reunia às quartas-feiras em sua residência, e fundou a primeira instituição de psicanálise, a Associação

Psicanalítica de Viena [WPV] (ROUDINESCO, 2016, p.142).

Que destino teria a psicanálise se Freud tivesse ingressado na universidade? Se, porventura, sua crescente doutrina sobrevivesse às exigências do positivismo do início do século²², certamente sucumbiria ao nazismo do entre guerras. A *ciência judaica*, como os nazistas denominavam o campo fundado por Freud, não teria futuro sem a criação das associações de psicanálise. Como bem aponta Roudinesco (2016, p.137): “Sem o diálogo que manteve com essa primeira geração de discípulos, Freud jamais poderia ter alimentado a sua obra como fez, reconstruindo-se incessantemente à luz da contribuição de cada um”.

Em 9 de outubro de 1967, sessenta anos após a fundação da primeira associação, Lacan divulgou sua *Proposição sobre o psicanalista da escola* (“Proposição de 9 de outubro de 1967”), doravante “Proposição”, na qual buscou estabelecer uma formação de

²² “O positivismo não era tanto uma escola organizada de pensamento, e sim uma atitude difusa em relação ao homem, à natureza e aos métodos de investigação. Seus partidários tinham a esperança de trazer o programa das ciências naturais, suas descobertas e métodos para a investigação de todo pensamento e ação humanos, públicos e privados. nascido no iluminismo do século XVIII, [...] o positivismo havia prosperado no século XIX, com as vitórias espetaculares da física, da química, da astronomia – e da medicina. (GAY, 1989, p.48)”.

psicanalista distanciada das amarras do poder dos didatas e da burocracia da IPA, de onde ele havia sido excomungado em 1963. De forma sintética, ele descreve o que estava em jogo:

Existe solidariedade entre a pane, inclusive os desvios que a psicanálise mostra, e a hierarquia que nela reina -, e que nós designamos, benevolentemente, nos permitirão dizer, como a cooptação de sábios.

A razão disso reside em que essa cooptação promove um retorno a um estatuto da prestância, conjugando a pregnância narcisista com a astúcia competitiva. (LACAN, 2003 [1967], p.31).

Naquela época, o que se elevou nos debates foi o *dispositivo do passe* que, com as consequentes nomeações, causou as mais diversas reações: entusiasmo pela novidade, esperança de acabar com as tradicionais hierarquias dos didatas da IPA, mas também resistências: conseguiria a Escola de Lacan eliminar a pregnância narcisista e a astúcia competitiva através dos dispositivos de reconhecimento de nomeação por ele estabelecidos na

“Proposição”? Os jogos do poder mudariam?

Em 1978, com uma década de experiência com o dispositivo do passe, Lacan afirma que o primordial era que o passante testemunhasse o que lhe viera à cabeça para se autorizar analista. No entanto, o objetivo não havia sido atingido: “Bien entendu, c’est un echec complet cette passe” (LACAN, apud PORGE, 2000, p.330)²³.

Mais cinco décadas de experiência analítica se passaram desde então, em meio século inúmeros grupos de psicanalistas se formaram e se reproduziram, gerações de candidatos realizaram seu percurso de formação e se autorizaram psicanalistas.

Algumas associações de psicanálise vêm retomando a proposta da escola de Lacan tal como ele a descreve na “Proposição”, com o dispositivo do Passe e com as nomeações Analista Membro (AM) e Analista Membro da Escola (AME). Porém, há um número considerável de analistas de outras instituições lacanianas que não adotaram o dispositivo do passe e que dão provas da transmissão da psicanálise em intenção e extensão. Isso é, são associações freudianas-lacanianas que levaram em conta

²³ Tradução da autora: “Bem entendido, esse passe é um fracasso completo”.

todas as outras recomendações da “Proposição” e a sua topologia.

Ouso afirmar que, a não ser pelo dispositivo do passe, a história das instituições desde então mostra que todas as outras recomendações de Lacan na “Proposição” são irreduzíveis e incontornáveis na transmissão da psicanálise: a autorização do analista, o real na instituição desde a sua fundação, incluindo o mal-estar; a psicanálise em intenção e a psicanálise em extensão cuja mostra é o oito interior para indicar que não existe corte entre as duas; a análise pessoal, condição *sine qua non* na produção do analista; o matema da transferência: o nome do analista, um significante qualquer, o sujeito suposto saber, o saber em reserva que se articula em cadeias de letras rigorosas e a própria construção do saber (o não sabido que se ordena como moldura do saber); o desejo do analista, a equação do término da análise. Lacan fala ainda do lugar do analista como resto, *Sicut palea* [na forma de esterco], a destituição subjetiva do analisante (*des-ser*), a passagem de analisante para analista.

Essa enumeração pode dar a entender, erroneamente, que a “Proposição” é um texto linear de fácil articulação. Lacan, no

entanto, adverte que a geometria do que ali expõe se mostra no espaço topológico do plano projetivo e de seu corte, que produz, simultaneamente, a banda de Moebius e o lugar vazio denominado objeto *a*, indicando que a “Proposição” não é linear, nem de fácil apreensão.

Em 1980, Lacan dissolveu sua escola. No entanto, nada autoriza considerar sua “Proposição” à obsolescência, como se estivesse com o prazo de validade vencido. Ao contrário, é mais atual e necessário do que nunca, nesses nossos tempos em que se ousa substituir a produção do analista por um curso de três meses com diploma e medalha, para o horror dos que se ocupam seriamente da clínica, da pesquisa, da transmissão e da escrita, publicação e divulgação da experiência.

A “Proposição”, apesar de seu número reduzido de páginas, é exaustiva e imensa no seu rigor ético e orientação, é um documento vivo. Seus pontos irreduzíveis são as condições *sine qua non* para que uma instituição lacaniana seja assim denominada. Isto é, não basta que se estudem os textos de Freud e Lacan, isso pode ser feito de muitas formas. É necessário



que se mantenham as condições éticas acima enumeradas para que o campo psicanalítico seja preservado.

O documento possui uma dimensão sinfônica, todos os pontos ligados entre si de forma sincrônica e diacrônica, como vários instrumentos tocando ao mesmo tempo para obtenção do concerto. Logo no início, no estilo bíblico do Gênesis, Lacan declara a exigência da análise pessoal:

No começo da psicanálise está a transferência. [...] a transferência é, em si mesma, uma objeção à intersubjetividade [...]. Objeção que circunscreve o lugar do analista e define que o sujeito suposto saber é o [...] pivô no qual se articula tudo o que se relaciona com a transferência. [...] Um sujeito não supõe nada, é suposto [...] pelo significante que o representa para outro significante. (LACAN, 2003 [1967], p.252).

A condição ética de uma psicanálise, o *Sujeito suposto Saber*, é aqui esclarecida para não deixar dúvidas. O *Sujeito suposto Saber* não é o analista, tampouco o eu do analisante. Ele se localiza no sujeito do inconsciente, posso dizer, então, no ato falho, no sonho e na sua decifração

pelo sonhador na sessão, nas parapraxias, nos sintomas, sem se esquecer de acrescentar a negação, tal como Freud a apresentou – “Não é a minha mãe” (FREUD [1925], 1974, p.295) –, revelando o processo de suspensão momentânea do recalque e o aparecimento do significante do desejo em ato, pois é, exatamente, a mãe do paciente que estava no seu sonho. O *Sujeito suposto Saber* se impõe na fala do analisante como sobredeterminação da verdade que está sendo construída na análise.

A questão do saber na psicanálise não se estanca aí: se o *Sujeito suposto Saber* é sujeito do inconsciente, uma psicanálise não se estabelece como diálogo entre opiniões, não é uma relação entre duas subjetividades: aqui a subjetividade não existe. O analista, por sua vez, quando ouve, nada sabe do *Sujeito suposto Saber*. Esse nada saber não é um comando a que o analista obedece, é um lugar duramente conquistado através da análise pessoal, no tempo em que vai se constituir o desejo do analista, no tempo da castração que esse lugar exige.

“Isso não autoriza em absoluto o psicanalista a contentar-se com

saber que não sabe nada, pois do que se trata é do que tem que saber”. E, na psicanálise em extensão, o percurso do analista deve levá-lo a um saber em reserva, um saber rigoroso articulado onde “o não sabido se ordena como o quadro do saber” (LACAN, 2003 p.254).

Se, para os contemporâneos da “Proposição”, o passe foi o elemento destacado, para os que vieram depois, as frases enigmáticas sobre a autorização do analista concentram o debate. Lacan vai desenvolvendo a questão por partes, que aqui denomino asserções.

A primeira asserção é “Le psychanaliste ne s’autorize que de lui même” (LACAN, 2001 [1967], p. 243) cuja tradução tem levado a distorções graves. A frase no original comporta uma negação que aponta para a incompletude do ser, a falta-a-ser que define o sujeito do inconsciente. Logo, evitar a estrutura de negação da frase e traduzir como O psicanalista só se autoriza por si mesmo produz um equívoco necessário, pois não se trata de uma autoautorização ao bel-prazer de cada um, como ficará claro na sequência. Dessa forma, O psicanalista não se autoriza a não ser dele mesmo

é uma oração que traduz, fidedignamente, a complexidade da proposta, como se verá a seguir.

Pior ainda, quando extraída do contexto em que foi escrita para ser citada repetidamente na busca da revelação de uma verdade que estaria ali escondida, essa asserção se tornou um aforisma que não espelha o real que está em jogo, segundo o título do documento – “Proposição sobre o psicanalista da Escola” –, pois o que está em jogo é a natureza do laço entre o psicanalista e a sua instituição: estancar a leitura aqui é desaconselhável. As consequências são duas: pode levar o candidato a um desamparado maior ainda do que já é a assunção diária do ofício; por que Lacan iria desejar isso? Ou, então, induzir canalhas a acordarem de uma noite maldormida e se intitularem psicanalistas. Enfim, de qualquer modo, infelizmente a segunda hipótese já está em curso fora das instituições analíticas. Lacan passa, então, a modular essa asserção para chegar à relação possível entre o candidato a analista e sua instituição.

A segunda asserção é: “Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de



sua formação” (LACAN, 2003 [1967], p. 248).

Vejamos: parece que Lacan vai dizer que a instituição deve garantir uma formação. Se ele estivesse assim dizendo, estaríamos numa relação bilateral, tal como a descrita acima no discurso universitário. O que ele diz mesmo? Ele diz que a instituição garante que o analista deve passar por uma formação. Isso é, a instituição reconhece que há formação contínua do analista, cada um de acordo com o desejo depurado de sua experiência de análise.

Terceira asserção: “Ela pode fazê-lo por sua própria iniciativa” (LACAN, 2003 [1967], p. 248).

Parece autoevidente, mas não é, pois aqui se colocam as questões da fundação de cada grupo em torno da transferência de saber com alguém que já tenha passado pela experiência. O psicanalista Roland Chemama (2022) chamou a atenção a esse respeito na sua fala neste espaço há um mês, apontando que pelo menos um deve ter a autoridade em relação à teoria para garantir a extensão. Acrescento ao menos um que já tenha passado pela experiência da psicanálise e da instituição; e, mais ainda, ao longo dos anos é recomendável,

na medida do curso de suas análises, que cada um possa se deslocar da transferência ideal com um mestre para a transferência de trabalho com a instituição. Isso não é coisa pouca, há que se sair de um lugar de falso conforto na submissão. Fica indicado o papel inestimável dos cartéis nesse sentido, apesar de Lacan não ter tratado desse dispositivo nesse documento de 1967.

A quarta asserção é: “E o analista pode querer essa garantia, coisa que, a partir de então, deve necessariamente ir além: tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista de sua própria experiência” (LACAN, 2003, p. 248). E a quinta asserção: “Que a Escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela ministra, está então estabelecido. Pode fazê-lo e, portanto, deve fazê-lo” (LACAN, 2003, p. 249).

Aí, então, está a grande virada: o analista busca uma garantia, uma autorização, mas ele irá obtê-la não apenas dos ensinamentos de outros, mas da experiência de se engajar na instituição, na psicanálise em extensão, fazendo-a progredir, contribuindo para seu progresso.

Fica evidente que o analista, para autorizar-se, deve se mover

do lugar de eterno discípulo e abraçar a novidade radical da proposta que esclarece que o seu processo de autorização através da instituição se desenvolve num espaço moebiano: de si mesmo, mas não sem a instituição. Ele faz parte da instituição que o autoriza, ele faz parte do seu próprio processo de autorização. Ele faz parte do ensino que o produz. Ao tempo em que faz parte da autorização de seus pares, e assim por diante.

Há uma continuidade espacial que afeta a cada um. E cuidar desse espaço não é tarefa banal para os grupos, pois, quando há mal-estar, isso atinge os dispositivos da extensão.

Pelo menos um, um a um, um entre outros, não há um substantivo coletivo que designe os membros de uma instituição. Pois não há um corte que separe a instituição de um lado, seus membros de outro. E, paradoxalmente, os membros não se organizam coletivamente, mas um mais um, mais um, e assim por diante.

Concluo indicando as três facticidades que Lacan cita no fim do documento a título de advertência aos analistas, para que cuidem da instituição para que não se caia nisto:

– no simbólico, o Mito de Édipo: “Queria simplesmente focar minha lanterna sobre o fato de que – retirem o Édipo, e a psicanálise em extensão, direi, cai totalmente na alçada do delírio do presidente Schreber” (LACAN, 2003, p.262).

– no registro imaginário, ele retoma sua crítica à IPA enquanto organização internacional, tal como Freud a desenhou. Sua estrutura se esclarece se a comparamos à Igreja e ao exército e ao Sujeito suposto Saber como materializado em uma pessoa, tal como um pai ideal.

A terceira facticidade, real, demasiadamente real, sumamente real, tão real que o real é mais hipócrita ao promovê-la do que a língua, é o que torna dizível o termo campo de concentração, sobre o qual nos parece que nossos pensadores, vagando do humanismo ao terror, não se concentraram o bastante. (LACAN, 2003, p. 263).

Lacan declara que ainda não o estudamos o suficiente nos seus efeitos de horror e nas consequências que o holocausto deixou nos processos de segregação cada vez mais duros encampados pela ciência e pelos mercados comuns. Acrescento a isso o que Imre Kertész ensina



sobre Auschwitz, que o a solução final do nazismo e os horrores perpetrados acabaram com o processo de representação na experiência do ser falante, não apenas dos que passaram pela experiência, mas de toda a representação cultural no Ocidente.

REFERÊNCIAS

- FREUD, Sigmund. [1900] A interpretação dos sonhos [1900]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.4, p.00-00.
- FREUD, Sigmund. [1925]. A negativa [1925]. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Tradução e direção de Jayme Salomão. 23.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.19, p.00-00.
- GAY, Peter. Freud: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: _____. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 248-264.
- LACAN, Jacques. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychalyste de l'École. In: _____. Autres écrits. Paris: Édition du Seuil, 2003. p.243-258.
- LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LALANDE, André. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PORGE, Erik. Jacques Lacan, un psychanalyste, parcours d'un enseignement. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2000.

ROUDISNESCO, Elisabeth. Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

SOUZA, Aurélio. Os discursos da psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.



Elaine Foguel

Psicanalista, membro do Espaço Moebius Psicanálise;

Analista Membro da APPOA_RS.

